



ESCOLA SUPERIOR  
DE **COMUNICAÇÃO SOCIAL**

**ARISTIDES DE SOUSA MENDES:  
JORNALISMO, HISTÓRIA E MEMÓRIA**

INÊS SOUSA MARTINS

DISSERTAÇÃO SUBMETIDA COMO REQUISITO PARCIAL PARA  
OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM JORNALISMO

Orientadora:

Professora Doutora Maria Inácia Rezola

Instituto Politécnico de Lisboa

Outubro, 2024

## DECLARAÇÃO ANTI-PLÁGIO

Declaro-me a autora deste trabalho final, como uma das condições exigidas para a obtenção do grau de Mestre em Jornalismo. Esta dissertação constitui um trabalho original, que nunca foi submetido (parcial ou integralmente) a outra instituição de ensino superior para obtenção de um grau académico ou qualquer outra habilitação.

Acrescento ainda que tenho conhecimento de que o plágio poderá levar à anulação do trabalho agora apresentado.

A candidata,

Inês Sousa Martins

(Inês Sousa Martins)

*A José Manuel Peixoto de Figueiredo*

O meu Pai,

Quem me deu a conhecer Aristides na minha infância.

*A Aristides de Sousa Mendes*

Oitenta e quatro anos depois, continuamos a reclamar a sua memória.

Para que nunca mais esqueçamos.

Teria cerca de oito ou nove anos quando o meu Pai, natural de Canas de Senhorim, distrito de Viseu - íamos nós a caminho da sua terra natal -, fez um desvio por Cabanas de Viriato, uma freguesia vizinha. Na pacatez da aldeia erguia-se uma estupenda mansão em completa ruína. Embora desgastada pelo tempo e pela falta de habitação, não me recordava de ter visto uma casa mais bonita do que aquela. “Deve ter pertencido a alguém muito importante”, pensei. O meu Pai explicou-me que pertencera a Aristides de Sousa Mendes e, através das suas palavras, não tardei a compreender que a importância daquele homem fora muito além da magnificência da sua casa. Estará, sim, sempre relacionada com a magnificência do seu ser. Houve qualquer coisa naquela história que me envolveu, além do óbvio testemunho de coragem e de destemor. Naquele momento, aquela figura, embora ainda não lhe conhecesse uma fotografia, parecia alcançável. Próxima. Quase tangível.

O meu Pai não viveu o suficiente para assistir à entrega e à defesa desta minha dissertação de Mestrado sobre Aristides, apesar de tanto o ter desejado e de tanto me ter encorajado.

Mas ser-lhe-ei sempre eternamente grata por, entre tantas outras infinitas coisas, me ter apresentado a esta figura inesquecível e irrepetível. Mais importante do que tudo, sou-lhe grata por ter sido o melhor Pai do mundo.

Mesmo agora numa outra dimensão, continua a regar o jardim da minha vida. E que flores bonitas têm crescido por aqui.

**Obrigada por tanto, Pai!**

## AGRADECIMENTOS

O desenvolvimento desta investigação coincidiu com os piores anos da minha vida. Por essa razão, foi tão moroso. Concluir esta etapa é, para mim, uma grande conquista e acredito que também o seja para todos aqueles que escolheram percorrer este percurso comigo. Escusado será dizer que os seguintes agradecimentos não se encontram por nenhuma ordem específica, nem serão nunca suficientes para exprimir a gratidão que sinto.

Obrigada à minha orientadora, a Professora Doutora Maria Inácia Rezola, pelo apoio constante. Por nunca ter desistido de mim e por ter acreditado sempre no meu trabalho, mesmo após ter sido merecidamente nomeada Comissária Executiva da Comissão Comemorativa dos 50 anos do 25 de Abril, acumulando funções que lhe tomam muito do seu tempo. Escolheu iniciar e terminar esta etapa comigo, demonstrando-se constantemente compreensiva, paciente e amiga. Sem nunca julgar a minha inevitável desordem de prioridades, o meu ritmo, espaço e saúde mental. Tentei sempre retribuir-lhe tudo isto em dobro.

Obrigada aos amores da minha vida:

À minha Mãe (Sónia), sinónimo de todas as coisas mais belas no mundo e que é tudo aquilo que, um dia, eu gostaria de vir a ser.

Ao meu Mano (Afonso), que, apesar dos dez anos de diferença que nos separam, me dá colo e que me inspira todos os dias com a sua força, talento e confiança.

Ao meu companheiro desta viagem que é a vida (Afonso) por ser o meu maior admirador, o meu porto seguro e, ao mesmo tempo, a minha maior aventura. Obrigada ainda pela companhia e por todas as ‘secas’ que apanhou ao levar-me à ESCS e ao acompanhar-me nas minhas intermináveis pesquisas na Hemeroteca.

Obrigada aos três por aturarem todas as minhas neuras e crises, acreditando sempre em mim, mesmo quando eu própria não acredito.

Obrigada aos meus Chuck Norris, Benji e Flint por trazerem tanta alegria à minha vida e por me fazerem tanta companhia sempre. Fazem-me feliz de formas inimagináveis.

Um obrigada especial aos amores da minha vida que já partiram para outra dimensão: ao meu Pai (Zé Manel), à minha Avó (Gina) e ao meu Avô (Emídio). De quem tenho e sempre terei tantas saudades. Saber que estão por aí, assistindo com orgulho a todos os meus/nossos passos com uma vista privilegiada, encoraja-me a nunca desistir. Deixaram-me como legado a sua resiliência, carinho e, mais importante do que tudo isso, o seu amor.

Obrigada ao fantástico e incansável Dr. António Pedro Moncada de Sousa Mendes, um dos elementos-chave para a perpetuação do bom nome do seu avô, Aristides de Sousa Mendes, por toda a ajuda, carinho e por me ter acolhido nesta família espiritual. Sei que tem aguardado a concretização deste trabalho com expectativa, paciência e gratidão e espero, cingindo-me com humildade à significância dos meus pequenos atos, contribuir, de certa forma, para honrar a memória do seu avô e da sua família.

Obrigada à Sousa Mendes Foundation.

Obrigada à equipa espetacular e muito prestável da Hemeroteca Municipal de Lisboa.

Obrigada à minha chefe, Sara Silva, por toda a flexibilidade demonstrada e pela confiança depositada em mim ao longo dos anos. Sem este carinho e compreensão constantes, a finalização desta dissertação não seria possível.

Obrigada aos meus tios e padrinhos (Elda e Ricardo) e aos meus primos (Dinis e Vicente) por, entre tantas outras coisas, me acolherem na sua casa, em Mangualde, nas várias visitas que fiz à Beira Alta em pesquisa e investigação, sempre de braços abertos e a incentivar-me a terminar esta etapa.

Obrigada ainda aos meus amigos e colegas (eles sabem bem quem são) por todas as palavras de ânimo, bem como às pessoas com quem me fui cruzando e que tiveram curiosidade por saber mais sobre este meu trabalho. É com muito orgulho que dou sempre a conhecer Aristides de Sousa Mendes.

Não cheguei aqui sozinha. E que bom que aqui chegámos!

# ÍNDICE

<b>RESUMO</b> .....	<b>viii</b>
<b>ABSTRACT</b> .....	<b>ix</b>
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>1</b>
<b>I. ENQUADRAMENTOS</b> .....	<b>4</b>
1. Aristides de Sousa Mendes .....	4
1.1. O homem: origens e história familiar .....	4
1.2. O diplomata: com a família pelos quatro cantos do mundo .....	5
1.3. O humanista: o caso de Bordéus e o Ato de Consciência.....	8
1.4. O desobediente: o castigo por salvar vidas.....	14
1.5. O imortal: o lento caminho da reabilitação .....	18
2. História-Memória-Jornalismo .....	21
<b>II. ARISTIDES DE SOUSA MENDES NA IMPRENSA</b> .....	<b>29</b>
2.1. Metodologia de investigação .....	29
2.2.1. Categorias de análise .....	35
2.3. Aristides de Sousa Mendes na imprensa escrita portuguesa .....	47
2.3.1. Número de artigos por publicação.....	48
2.3.2. Número de artigos publicados por década.....	51
2.3.3. Dimensão de artigos por década.....	57
2.3.4. Distribuição de artigos por secção.....	59
2.3.5. Distribuição de artigos por temas .....	62
2.3.6. Artigos por género jornalístico e por tipo de autor.....	64
2.3.7. Fontes utilizadas .....	68
2.3.8. Referência ao contexto histórico da figura de Aristides de Sousa Mendes ..	72
2.3.9. Destaque na capa dos periódicos .....	76
2.3.10. Presença de imagens.....	77
2.3.11. Tom/Posição em relação à figura de Aristides de Sousa Mendes.....	80
<b>III. CONCLUSÕES</b> .....	<b>89</b>
<b>FONTES</b> .....	<b>93</b>
Bibliografia.....	93
Repertório de artigos da imprensa escrita sobre ASM .....	95
<b>ANEXOS</b> .....	<b>107</b>

## RESUMO

Setenta anos após a morte de Aristides de Sousa Mendes - o qual conduziu, nas palavras do historiador Yehuda Bauer, “talvez a maior ação de salvamento feita por uma só pessoa durante o Holocausto” -, a sua figura é cada vez mais evocada e mais presente num regime agora democrático, ou não tivesse sido ele lesado e esquecido pelo próprio regime autoritário antecedente por ter desobedecido às suas instruções.

Esta dissertação pretende analisar como o jornalismo, através da imprensa escrita portuguesa, recolheu, investigou e transmitiu informação sobre o cônsul, procurando desempenhar um papel relevante na construção da memória desta figura outrora apagada e ausente na cobertura jornalística por ter desafiado as ordens de António de Oliveira Salazar. Realizou-se um levantamento de artigos sobre Aristides de Sousa Mendes em jornais e revistas de maior tiragem, publicadas em Portugal Continental no período compreendido entre a sua morte e o ano de 2021, no qual decorreu a Cerimónia de Concessão de Honras de Panteão Nacional do diplomata.

A premissa para este estudo é a relação entre História, Memória e Jornalismo, cada um desempenhando o seu papel, mas complementando-se entre si e visando um objetivo comum: o reconhecimento deste Justo entre as Nações.

**Palavras-Chave:** *Aristides de Sousa Mendes; Segunda Guerra Mundial; Holocausto; Construção da Memória; Imprensa Escrita Portuguesa.*

## ABSTRACT

Seventy years after the death of Aristides de Sousa Mendes - who led, in the words of the historian Yehuda Bauer, “perhaps the greatest rescue action carried out by a single person during the Holocaust” - his figure is increasingly evoked and more present in a now democratic regime, or he would not have been harmed and forgotten by the previous authoritarian regime itself for having disobeyed its instructions.

This dissertation aims to analyse how journalism, through the portuguese press, collected, investigated and transmitted information about the consul, by trying to play a relevant role in constructing the memory of this figure who was once erased and absent from news coverage for having defied António de Oliveira Salazar's orders. An inventory was made of articles about Aristides de Sousa Mendes in newspapers and magazines with the largest circulation, published in mainland Portugal in the period between his death and 2021, when the diplomat's National Pantheon Honours Ceremony took place.

The premise for this study is the relationship between History, Memory and Journalism, each playing its own role, but complementing each other and aiming for a common goal: the recognition of this Righteous Among the Nations.

**Key words:** *Aristides de Sousa Mendes; Second World War; Holocaust; Memory Construction; Portuguese Press.*

“Ao longo dos anos, as vidas salvas por ele  
multiplicar-se-ão indefinidamente.”<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup>Samuel Levy, antigo presidente da comunidade israelita de Lisboa, sobre Aristides de Sousa Mendes. Cardoso, I. (2000, abril 3). O homem que deu vistos para a vida. *Jornal de Notícias*, 16.

# INTRODUÇÃO

Bordéus foi a sua perdição e a sua glória. O nome é para honrar.  
Aristides de Sousa Mendes.<sup>2</sup>

A presente dissertação de Mestrado tem como objetivo analisar o papel do jornalismo na construção da memória de Aristides de Sousa Mendes, o ‘cônsul desobediente’, que, no ano de 1940, em plena Segunda Guerra Mundial, ousou desafiar as ordens de António de Oliveira Salazar, ao emitir vistos a milhares de pessoas que procuravam escapar do dantesco cenário que vigorava na Europa.

De forma mais concreta, propomo-nos examinar a cobertura mediática, isto é, a preocupação do jornalismo em recolher, investigar e transmitir informação sobre o diplomata, através da imprensa escrita. A imprensa norte-americana, país que acolheu a maioria dos descendentes de Sousa Mendes após o castigo que lhe foi aplicado por Salazar, deu o primeiro passo, antecipando-se em muito ao jornalismo em Portugal. Hoje, 70 anos após a morte de Aristides, temos o privilégio de aceder a um vasto conjunto de informação, através de artigos, documentos, livros e testemunhos deixados por familiares, amigos e antigos refugiados salvos pelo ato de rebeldia de Aristides de Sousa Mendes, que permitem acompanhar e analisar, quase passo a passo, o processo de reabilitação da sua memória.

A razão principal para o desenvolvimento deste estudo foi o facto de se ter verificado a ausência de um trabalho que abordasse o tema na perspetiva do Jornalismo. Desta forma, crê-se que o foco de análise escolhido é inovador, pois, apesar de existirem alguns trabalhos de investigação que analisam a figura, constatou-se que não existe nenhum que tenha sido desenvolvido nesta área de investigação.

Além disso, pretendeu-se, desde início, a realização de um levantamento de artigos jornalísticos sobre Aristides - cujos critérios de seleção serão explanados numa fase posterior deste estudo -, procurando reuni-los numa só investigação para que fosse criada, assim, uma bibliografia específica que permita aos interessados sobre o tema a respetiva consulta. Esta listagem bibliográfica encontrar-se-á no fim da presente dissertação e constitui o *corpus* analisado através da metodologia escolhida.

---

<sup>2</sup>J.P.O. (22 de junho de 1990). Um samaritano português. *Diário de Lisboa*(23266), 8.

A fim de se conduzir este estudo, e de modo a corresponder ao objetivo delineado, estabeleceu-se a seguinte pergunta de partida: *o que tem transmitido o jornalismo, através da imprensa escrita, sobre Aristides de Sousa Mendes, tendo como premissa a relação História-Jornalismo na construção da sua memória?* Considerando esta questão que origina a investigação, deu-se lugar à seguinte hipótese: a imprensa escrita procurou, após a queda da ditadura, contribuir para a construção da memória de Aristides de Sousa Mendes, bem como para a sua reabilitação. Em suma, este estudo propõe-se verificar em que medida que o jornalismo pretendeu transmitir uma imagem positiva do cônsul, numa tentativa de procurar (re)integrá-lo na memória coletiva.

Este trabalho encontra-se estruturado em dois capítulos de igual importância para o desenvolvimento da investigação proposta. O primeiro capítulo tem como objetivo enquadrar o leitor antes da apresentação do estudo de caso e apresenta uma revisão da literatura (Estado da Arte) que, neste caso, tem em conta os dois assuntos centrais desta dissertação.

Num primeiro momento, apresenta-se Aristides de Sousa Mendes, numa perspetiva biográfica, utilizando, para tal, os diferentes estudos e biografias de vários autores, considerando-se essencial que, antes de qualquer progresso nesta investigação, se conheça esta figura de forma profunda. Apenas assim fará sentido ao leitor avançar para os próximos capítulos.

Num segundo momento, procedemos a uma revisão da literatura sobre a relação estabelecida entre História e jornalismo na construção da memória, a qual servirá como ponto de partida para a restante investigação. A mesma reveste-se também de particular interesse para as conclusões deste trabalho. Procura-se, assim, entender quais são os papéis do jornalista e do historiador neste âmbito, salientando as suas principais diferenças e semelhanças, bem como a forma como se complementam, visando o trabalho em prol da memória coletiva.

De seguida, é implementada a metodologia de investigação escolhida para este estudo, a análise de conteúdo, explorando-se um *corpus* constituído por mais de duas centenas de artigos sobre Aristides de Sousa Mendes, publicados na imprensa escrita em Portugal Continental, explicando-se os critérios de seleção dos mesmos. Estas peças jornalísticas situam-se no período compreendido entre 1954, ano da sua morte, e 2021, ano em que se concretizou a maior homenagem realizada ao diplomata (até à data), a Cerimónia de Concessão de Honras de Panteão Nacional. Esta etapa da dissertação trata-se do capítulo ‘mestre’, ou seja, além de ser aquele que apresenta maior dimensão, serve

igualmente como pilar da própria investigação, uma vez que o mesmo verificará a hipótese anteriormente aferida, bem como delineará as considerações finais deste trabalho.

Terá tentado o jornalismo tornar-se parte integrante do processo de construção da memória de Aristides de Sousa Mendes? Se sim, de que forma? E, considerando que esta se trata de uma figura histórica e que representou um papel distinto na própria História, estando a ser analisada através do trabalho jornalístico, de que forma é que áreas aparentemente distintas como o Jornalismo e a História contribuem para a construção da sua memória?

Procurar-se-á, ao longo da presente investigação, encontrar a resposta a estas questões.

# I. ENQUADRAMENTOS

## 1. Aristides de Sousa Mendes

Conhecer e dar a conhecer a figura protagonista desta dissertação, nas suas várias dimensões, é o primeiro passo ao desenvolvimento da investigação que aqui é proposta<sup>3</sup>. É imperativo refletir sobre quem foi, como foi, o que fez e por que razão é suficientemente relevante para ser objeto de estudo. Para se compreender a abordagem que o jornalismo tem relativamente a esta figura, deve-se compreender a História e o homem. O que diferencia Aristides Sousa Mendes?

### 1.1. O homem: origens e história familiar

A 19 de julho de 1885, a pequena aldeia de Cabanas de Viriato, no concelho de Carregal do Sal, distrito de Viseu, viu nascer Aristides de Sousa Mendes. Quando chegou ao mundo nos primeiros minutos desse dia, já o seu irmão gémeo César tinha nascido ainda a 18 de julho, alguns minutos antes da meia-noite (Mendes, 2017). Foram os primeiros filhos de Maria Angelina Ribeiro de Abranches, com origens aristocráticas numa das famílias mais abastadas da Beira Alta, e de José de Sousa Mendes, que foi juiz do Tribunal da Relação de Coimbra (Mendes, 2017; Ninhos, 2021).

A profissão de José de Sousa Mendes obrigou a família a mudar várias vezes de cidade e, conseqüentemente, os filhos de escola. Em 1902, Aristides e César ingressaram na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, a única do país à época e então exclusivamente masculina, onde também estudara o seu pai. Não apresentavam qualquer dúvida sobre a sua orientação profissional: a diplomacia (Assor, 2009; Fralon, 1999; Mendes, 2017; Ninhos, 2021). Os gémeos terminaram com sucesso a sua licenciatura em 1907. Logo depois, foram colocados em postos administrativos e foram ainda professores no Liceu Central de Lisboa (Mendes, 2017; Ninhos, 2021).

---

<sup>3</sup>A fim de ser desenvolvido um trabalho biográfico, foram evocados alguns dos principais autores que aprofundaram conhecimento e que fizeram chegar até ao público obras sobre o cônsul. São eles: António Pedro Moncada de Sousa Mendes, neto de Aristides, cocriador da Fundação Aristides de Sousa Mendes e um dos familiares que mais se empenhou na reabilitação do bom nome do cônsul; Cláudia Ninhos, investigadora do Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa e curadora do Museu Aristides de Sousa Mendes (Casa do Passal); José-Alain Fralon, jornalista francês que publicou no jornal *Le Monde* um extenso artigo sobre Aristides, o qual originaria, posteriormente, o livro que é referenciado neste capítulo; Miriam Assor, jornalista que conduziu investigações sobre Sousa Mendes; e Rui Afonso, autor da primeira biografia sobre o diplomata.

Um ano após ter terminado o curso em Coimbra, Aristides casou-se com “a mulher que vai ter um grande papel na sua vida” (Fralon, 1999, p.23), Maria Angelina, conhecida por ‘Gigi’, três anos mais nova. Angelina e Aristides eram primos diretos e, tendo em conta estes laços de consanguinidade, foi necessário solicitar a devida dispensa para poderem casar. A tímida e discreta Angelina era a paixão de infância do expansivo e bem-humorado Aristides, estando habituada às suas decisões espontâneas e surpreendentes desde infância (Assor, 2009; Mendes, 2017; Ninhos, 2021).

O casal recebeu do tio, futuro prior de Alcobaça, uma casa na Quinta de São Cristóvão, em Cabanas, cujas portas da cozinha acabariam, futuramente, por se abrir às quintas-feiras aos mais necessitados para matar a sua fome, frio, solidão e sede, mesmo na ausência de Aristides por razões profissionais. Os dois acabariam por aumentar esta Casa do Passal e recheá-la com pinturas, pianos, livros e... muitos filhos. Em 1909, nasceu o filho primogénito, Aristides César - em homenagem ao outro gémeo -, o primeiro de catorze, os quais foram nascendo nos três continentes onde Aristides foi cônsul (Assor, 2009; Mendes, 2017; Ninhos, 2021).

## **1.2. O diplomata: com a família pelos quatro cantos do mundo**

De facto, “até ser afastado, em 1940, Aristides exerceria funções em vários países, na Europa, África e América, atravessando diferentes regimes políticos: a Monarquia, a I República, a Ditadura Militar e o Estado Novo” (Ninhos, 2021, p.18), levando a sua família, a qual aumentava de ano para ano. Homem de convicções, empenhado na defesa dos interesses do país e do governo que representava, nem sempre as suas decisões foram consensuais e, por vezes, causaram-lhe dissabores junto do Ministério dos Negócios Estrangeiros (MNE) ou dos próprios funcionários consulares. Por onde passou, Aristides não deixou ninguém indiferente, despertando paixões e críticas entre as comunidades portuguesas que serviu<sup>4</sup>.

À época, “a carreira diplomática e consular era profundamente elitista (...), sendo muitos dos seus membros oriundos da aristocracia. (...) Além do prestígio social, a carreira oferecia ainda a oportunidade de conhecer novos locais e este cosmopolitismo terá atraído, certamente, os gémeos Sousa Mendes” (Ninhos, 2021, p.18). Depois de

---

<sup>4</sup>Informação escrita pela mesma autora, aqui transcrita na íntegra tal e qual como se encontra exibida na Casa do Passal - Museu Aristides de Sousa Mendes (do qual foi curadora) - “Carreira Diplomática”.

terem concretizado o sonho de entrar na carreira diplomática, os gémeos foram, pela primeira vez na vida, obrigados a separarem-se, apenas por razões profissionais, mas procurariam sempre manter o contacto, mesmo numa altura em que as comunicações eram difíceis (Assor, 2009; Mendes, 2017).

Em 1910, ainda antes da Implantação da República em Portugal, Aristides iniciou a carreira diplomática e foi colocado em Demerara, na Guiana Britânica, como cônsul de 2.<sup>a</sup> classe, rumando à América do Sul com a sua esposa e o primeiro filho de ambos (Mendes, 2017). No ano seguinte a esta passagem, Sousa Mendes foi nomeado cônsul-geral em Zanzibar, um protetorado britânico desde 1890, na costa leste de África (Mendes, 2017).

Zanzibar era um posto importante por se tratar de um sultanato vizinho de Moçambique, então colónia portuguesa, bem como um importante entreposto comercial no oceano Índico, sendo o Consulado português economicamente atrativo. O sultão, que nutria uma grande amizade e estima por Aristides, considerava que este dirigia o consulado de forma exemplar (tendo inclusivamente chegado a estudar e a aprender a língua local, suaíli) e condecorou-o com a ordem de 2.<sup>a</sup> classe da Estrela Brilhante, a condecoração mais distinta dada a um estrangeiro. Aristides convidou ainda o sultão para ser padrinho de um dos seus filhos (Afonso, 1990; Assor, 2009; Fralon, 1999; Mendes, 2017; Ninhos, 2021).

Após sete anos em Zanzibar, a família transferiu-se para o Brasil e, na mesma altura, César de Sousa Mendes foi enviado como encarregado de negócios para a Embaixada de Portugal no Rio de Janeiro. Oito anos depois de se terem visto pela última vez, os gémeos voltaram a encontrar-se nessa cidade com as suas respectivas famílias, que haviam, entretanto, aumentado. À época, o Brasil era o principal destino dos emigrantes portugueses, sendo aí os postos consulares bastante importantes, e a cidade de Curitiba tinha uma comunidade portuguesa em grande desenvolvimento. Aristides assumiu o posto em agosto de 1918 (Mendes, 2017; Ninhos, 2021).

A sua estada em Curitiba trouxe-lhe alguns dissabores. No verão de 1919, foi suspenso das suas funções e colocado na disponibilidade e, devido à inatividade compulsiva, o seu vencimento foi consideravelmente diminuído. A justificação foi de que Aristides fora considerado hostil ao regime republicano e “as más-línguas baseavam-se na sua linhagem aristocrática e no brasão familiar” (Assor, 2009, p.31). A suspensão de Aristides acabaria por ser anulada, por falta de provas, mas, apesar de ter sido reintegrado, mantinha-se na disponibilidade (Ninhos, 2021).

Após uns tempos em Portugal, devido a esta interrupção na sua carreira diplomática, Aristides rumou, em junho de 1921, em comissão de serviço para São Francisco, na Califórnia (Estados Unidos da América), para gerir interinamente o consulado na cidade, mesmo num regime financeiro que não lhe era favorável, uma vez que a situação de disponibilidade se manteria por mais alguns anos, tendo o seu vencimento reduzido. O custo de vida nos Estados Unidos era muito elevado e, nessa altura, já tinha dez filhos. Além dos problemas financeiros, este período em São Francisco foi ainda marcado pelo conflito com alguns elementos da comunidade imigrante portuguesa, levando ao seu afastamento e ao regresso ao Brasil, apesar da pressão de outros que nutriam grande admiração por ele para que o mantivessem naquela cidade (Afonso, 1990; Ninhos, 2021).

Regressado a Terra de Vera Cruz, Aristides dirigiu temporariamente o consulado de Maranhão (de fim de agosto ao início de dezembro de 1924), indo depois gerir interinamente o Consulado em Porto Alegre. A instabilidade da I República havia aumentado com o final da Grande Guerra e, a 28 de maio de 1926, o general Gomes da Costa iniciou em Braga um golpe militar bem-sucedido (Ninhos, 2021). Cláudia Ninhos (2021) refere que “a Ditadura Militar, iniciada em 1926, foi o prelúdio do Estado Novo, institucionalizado em 1933” (Ninhos, 2021, p.46). A mesma permitiu a promoção de César de Sousa Mendes a ministro de 2.<sup>a</sup> classe e, em 1932, a ministro dos Negócios Estrangeiros do Governo de Salazar (de cujo cargo acabaria por ser exonerado no ano seguinte). Foi também com a Ditadura que o seu irmão deixou de estar na situação de disponibilidade. No fim de março de 1927, Aristides assumiu o Consulado de Vigo (Ninhos, 2021). Em abril de 1928, um professor de Economia da Universidade de Coimbra, chamado António de Oliveira Salazar, foi nomeado ministro das Finanças. Iniciou, assim, a sua ascensão ao poder.

Em março de 1929, Aristides foi transferido para o Consulado de 1.<sup>a</sup> classe em Antuérpia, Bélgica. À época, este era um entreposto comercial muito importante no continente europeu, o que permitiu um aumento do rendimento de Aristides (Ninhos, 2021). Naquela cidade, foi alvo do apreço de Leopoldo III, o rei belga, que lhe conferiu duas condecorações, tornando-o oficial da Ordem de Leopoldo e comendador da Ordem da Coroa, a condecoração mais alta da Bélgica (Afonso, 1990).

O ano de 1934 foi fatídico para a família Sousa Mendes: o segundo filho do casal, Manuel Silvério, com 23 anos, e a filha mais nova, Raquel Hermínia, de 18 meses, morreram. No verão seguinte, foram sepultados no cemitério de Cabanas de Viriato

(Mendes, 2017). Em 1938, Salazar transferiu Aristides para Bordéus, cidade fronteiriça de França, um posto pouco atrativo e inferior ao de Antuérpia. Sem saber, acabaria por o colocar no lugar onde acabaria por salvar milhares de vidas.

Rui Afonso (1990) diz-nos que

Aristides de Sousa Mendes era dotado de muito boas qualidades pessoais. Possuía um forte sentido da honra e da dignidade. Era intensamente patriótico, alegre, bondoso, prestável, amável e generoso. Sousa Mendes era zeloso e diligente no cumprimento dos seus deveres oficiais, indo sempre além daquilo que era estritamente exigido. Era estimado e respeitado pelas comunidades de emigrantes que serviu, bem como pelos seus colegas diplomatas. As comunidades portuguesas onde ele esteve colocado lamentavam a sua transferência e pediam a sua permanência. Isto não significa que fosse um homem perfeito, ou um santo, ou mesmo que tivesse o carácter ideal para um diplomata. Era talvez demasiado emotivo. Carecia do proverbial sangue-frio diplomático. Faltava-lhe, além disso, a habilidade para dissimular os seus verdadeiros sentimentos e convicções. Aquilo que é admirável num indivíduo pode muitas vezes ser fatal num diplomata. No caso de Sousa Mendes, os seus sentimentos e convicções colocaram-no mais de uma vez em apuros (Afonso, 1990, pp.21-22).

Foi o que acabou por acontecer em junho de 1940, em Bordéus, França. Mas Aristides nunca se arrependeu. É lá que “tem marcado o seu encontro com a História” (Fralon, 1999, p. 38).

### **1.3. O humanista: o caso de Bordéus e o Ato de Consciência**

Aristides chegou a Bordéus, o último posto consular por si ocupado, com Angelina e parte dos filhos, em setembro de 1938, onde se instalaram no número 14 do Quai Louis XVIII. Foi também naquela cidade que conheceu uma jovem francesa, Andrée Cibial Rey, 23 anos mais nova, de quem teria uma filha em 1940, Marie-Rose, e com acabaria por casar depois da morte de Gigi (Ninhos, 2021).

A Segunda Guerra Mundial aproximava-se a passo acelerado, mas tudo tinha começado bem antes. Na Alemanha, o Presidente Paul von Hindenburg convidou Hitler, em 1933, a assumir o cargo de Chanceler após ter sido convencido pela direita conservadora. Depois da morte de von Hindenburg, no ano seguinte, Hitler proclamou-se *führer* e *reichskanzler*, acumulando os cargos de presidente e de chanceler. Entretanto, o primeiro campo de concentração, em Dachau, já havia sido inaugurado; foi realizado um boicote às lojas e aos negócios pertencentes a judeus; a promulgação da ‘Lei para a Restauração da Função Pública’ levou os judeus e opositores a serem banidos do serviço

civil, ou seja, professores, juízes e outros funcionários públicos judeus perderam os seus empregos; os livros considerados ‘antialemães’, escritos por autores judeus ou dissidentes, foram queimados em fogueiras em diversas cidades da Alemanha e foi ainda aprovada uma lei que provocou a esterilização forçada de 400 mil pessoas com deficiências físicas ou mentais.

Posteriormente, a partir de 1935, centenas de homossexuais foram condenados e enviados para campos de concentração; Hitler aprovou as Leis de Nuremberga, proibindo a população judaica de se casar e de se relacionar com os não judeus; a cidadania alemã aos judeus foi retirada; por consequência da anexação da Áustria pela Alemanha, os passaportes de judeus passaram a ser carimbados com um ‘J’ em ambos os países e teve lugar uma noite de terror conhecida como “Noite de Cristal”, durante a qual sinagogas e lojas de judeus foram destruídas e saqueadas, e mais de 90 judeus foram assassinados e milhares enviados para campos de concentração<sup>5</sup>.

Já no ano de 1939, 6.º aniversário da sua chegada ao poder, Hitler ameaçou os judeus, proferindo que o início de uma nova guerra significaria o seu fim na Europa. As tropas alemãs acabaram por invadir a Polónia a 1 de setembro de 1939, assinalando o início de uma das tragédias mais devastadoras de sempre: a Segunda Guerra Mundial. Dois dias depois, a França e a Grã-Bretanha declararam guerra à Alemanha. Nesta altura, César de Sousa Mendes exercia o cargo de embaixador de Portugal em Varsóvia. Para Aristides, não havia tempo a perder e precisava de meter a família em segurança. Levou-a até Cabanas, ficando apenas dois dos filhos em Bordéus: José, de 28 anos, que continuaria a ajudar o pai no consulado, e Pedro Nuno, de 19, que prosseguiria os seus estudos de Direito na Universidade. Junto do marido ficaria também Angelina (Afonso, 2009).

Hitler invadiu, em 1940, a Dinamarca, a Noruega, o Luxemburgo, os Países Baixos, a Bélgica e, por fim, a França. Por sua vez, Itália entrou, de seguida, na guerra ao lado da Alemanha. A 14 de junho de 1940, o exército alemão marchou sobre Paris. Com o início da guerra, todos os países reforçaram restrições à entrada de estrangeiros e o Portugal de Salazar não foi exceção.

Miriam Assor (2009) afirma que “o comportamento do chefe do governo é contraditório com a hipócrita neutralidade portuguesa” (p.45). Dois meses depois do

---

<sup>5</sup>A contextualização histórica internacional foi transcrita, praticamente na íntegra, como se encontra exibida na Casa do Passal - Museu Aristides de Sousa Mendes (do qual Cláudia Ninhos foi curadora, como já anteriormente explicado), tendo sido considerada informação sucinta e completa desta época da História.

início do conflito, surgiu a Circular n.º 14, enviada às representações diplomáticas, a qual proibia os cônsules de carreira de conceder vistos, sem a autorização prévia do MNE, aos “estrangeiros de nacionalidade indefinida, contestada ou em litígio, aos apátridas, aos portadores de passaportes Nansen e aos russos”; “aos judeus expulsos dos países da sua nacionalidade ou de aqueles de onde provêm”; “aos que (...) não tenham nos seus passaportes um visto consular bom para entrada no país a que se destinam, ou bilhetes de passagem por via marítima ou aérea, ou garantia de embarque das respetivas Companhias”, entre outros (Assor, 2009, pp.46-47; Mendes, 2017, pp.318-319; Ninhos, 2021, pp.57-58).

Aristides sabia perfeitamente que os refugiados alvo de discriminação eram os que mais teriam a temer dos nazis (Afonso, 2009). Futuramente, seriam anunciadas outras circulares, visando sempre o aumento de restrições na concessão de vistos. Aristides, entretanto, havia passado alguns vistos de trânsito a pessoas consideradas ‘indesejáveis’ pelo regime já com esta Circular em vigor, mesmo quando não eram autorizados pelo MNE ou nem sequer recebia resposta, o que fez com que fosse repreendido. Todavia, estes não seriam os únicos casos de concessão de vistos por parte do cônsul antes do fatídico mês de junho de 1940.

Em termos históricos, o Holocausto foi o “assassínio em massa dos judeus, a céu aberto ou nos centros de morte, na retaguarda da Polónia e da União Soviética, pelos nazis, após a invasão e a ocupação desses países” (Pimentel, 2020, p.21). É este o termo utilizado com maior frequência na Alemanha, nos países anglo-saxónicos, em Espanha e também em Portugal para fazer referência ao “aniquilamento físico dos judeus da Europa pelos nazis” (Pimentel, 2020, p.29), durante os primeiros anos da década de quarenta do século XX. É ainda antes do início do próprio Holocausto que Sousa Mendes decidiu desobedecer.

A partir de maio, cerca de dois milhões de belgas lançaram-se num êxodo em direção a França, onde se incluíam a sua filha Isabel, o genro belga, Jules, e o seu neto. A situação dos refugiados agravou-se ainda mais durante o mês de junho e Aristides continuou a pedir autorização para conceder vistos, tendo a mesma sido negada a muitas famílias. A chegada das tropas alemãs a França provocou uma fuga massiva de pessoas em direção ao sul do país. Dirigiram-se às estradas para fugir aos bombardeamentos, de comboio ou de carro, de bicicleta ou mesmo a pé. O próprio governo francês abandonou a capital, transferindo-se para Bordéus, seguido pela administração civil e militar e pelas

forças da ordem. O clima era de pânico coletivo e a população fugia em todas as direções, apavorada (Ninhos, 2021).

Centenas de milhares de pessoas escolheram Bordéus como destino de esperança. A Pont de Pierre, à entrada da cidade, recebeu uma enchente de refugiados a 16 de junho. O desejo era atravessar a fronteira com Espanha, o que se tornou praticamente impossível dado o complô de Franco e Hitler. Sousa Mendes sabia que deixar o território francês era praticamente impossível, uma vez que os refugiados precisariam de vistos de trânsito espanhóis. A Espanha franquista era um obstáculo por ser reconhecidamente pró-nazi. Para se atravessar a fronteira, seria necessário um visto português (Assor, 2009).

A Europa Ocidental enfrentava um grave problema humanitário, com um número inédito de refugiados a tentar entrar na Península Ibérica. Portugal era um dos poucos países que ainda mantinha ligações marítimas com o Norte de África, com os Estados Unidos e com alguns países da América Latina. No entanto, não era fácil abandonar o território francês. Para serem bem-sucedidas, estas pessoas precisavam do aval das autoridades francesas, de um visto de entrada num país que aceitasse recebê-las, de bilhetes de viagem e, eventualmente, de um visto de trânsito por Espanha e por Portugal. Por todo o lado, os refugiados esbarravam em políticas de imigração muito restritivas. Por isso mesmo, muitos optaram por atravessar ilegalmente as montanhas dos Pirenéus, através de caminhos perigosos, com o apoio de passadores<sup>6</sup>.

Durante aqueles dias de aflição coletiva, Aristides travou amizade com o rabino Kruger, o qual se tornaria numa personagem central na sua vida, convidando-o para se instalar na casa do Quai Louis XVIII com a família Sousa Mendes. O cônsul pediu ainda autorização para conceder vistos ao rabino e à família, ao que este lhe respondeu que não eram apenas eles que precisam de ajuda - mas sim todas aquelas pessoas que vagueavam desesperadamente pelas ruas (Fralon, 1999). Na verdade, o consulado de Portugal tornou-se pequeno para a multidão de refugiados e Aristides não queria esperar mais pelas respostas tardias e, na sua grande maioria, negativas por parte do MNE. Sentia-se incapaz de aceitar, sem nada fazer, diretrizes que iam contra a própria consciência.

Um colapso físico e nervoso fez com que Aristides caísse de cama durante três dias, não tendo qualquer contacto com o exterior. O seu sobrinho, César Mendes Jr., explicaria, mais tarde, que o tio “ficou doente, exausto e teve de se deitar. Considerou os

---

<sup>6</sup>Uma vez mais, a contextualização histórica internacional foi transcrita, praticamente na íntegra, como se encontra exibida na Casa do Passal - Museu Aristides de Sousa Mendes.

prós e os contras e decidiu conceder todas as facilidades sem distinção de nacionalidades, raças ou religião e assumiu todas as consequências” (Milgram, 2010, p.101). Quando se levantou, na manhã de 17 de junho, tudo tinha mudado. Decidiu começar a passar vistos a todos aqueles que precisassem (Fralon, 1999).

O que é que moveu, afinal, este homem com uma família numerosa, uma vida confortável e uma profissão de prestígio? Aristides poderia ter voltado as costas aos milhares de refugiados desesperados em Bordéus - este ter-lhe-ia sido, seguramente, um caminho muito mais facilitado. Haveria, com certeza, quem achasse que teria todas as razões para ignorar as suas solicitações e súplicas. Escolheu não o fazer. Escolheu desobedecer, sabendo que se sacrificaria a si e à sua família. Escolheu salvar vidas.

Mais tarde, diria a Angelina e aos seus filhos que, durante aquela última noite, ouviu a voz de Deus a dizer-lhe para se levantar e dar vistos a todos. Afirmaria ainda: “Tenho de salvar todas estas pessoas, tantas quantas eu puder. Se tenho de desobedecer a ordens, prefiro estar com Deus contra os homens, do que com os homens contra Deus!” (Fralon, 1999).

Aristides não tinha dúvidas de que seria julgado e que acabaria com a sua carreira e posição, uma vez que iria ignorar as regras e comportar-se de forma considerada desrespeitosa para com o Estado. Sousa Mendes estava a sacrificar uma carreira de trinta anos e, com 55 anos de idade, dificilmente poderia esperar outra profissão. A sua situação financeira era já precária, tendo a esposa e doze filhos que dependiam dele, além da amante que esperava um filho seu. No entanto, não vacilou e, quando discutiu o assunto com Angelina, ela aprovou e encorajou o marido, apoiando-o em todos os momentos e mesmo cuidando dos refugiados que ali se encontravam (Fralon, 1999).

Assim, Sousa Mendes tornar-se-ia parte da História ao ter começado, naquele domingo, em Bordéus, aquela que é descrita pelo historiador israelita Yehuda Bauer como “talvez a maior ação de salvamento feita por uma só pessoa durante o Holocausto” (Fralon, 1999; Mendes, 2017), contra as autoridades do seu próprio país. Confrontado com a dura e desesperante realidade da guerra, bem ali à porta da sua casa, o cônsul começou a passar vistos portugueses que permitiriam aos fugitivos atravessar Espanha e prosseguir até Portugal, para que, posteriormente, conseguissem viajar para outros pontos do mundo - principalmente para o continente americano. Entre 17 e 19 de junho, confere milhares de autorizações, trabalhando dia e noite, ininterruptamente (Assor, 2009).

Rapidamente se instalou uma verdadeira linha de montagem, apoiada por José Seabra, o seu secretário consular, o genro Jules, o próprio rabi Kruger e os filhos. Os

salões do consulado encheram-se de refugiados. De início, Aristides ainda tentou manter um pouco de legalidade nos vistos que assinava, com uma caligrafia cuidada, bem como o registo do nome de todas as pessoas a quem concedia vistos. Apesar de esgotado, não se deixou vencer pelo cansaço e tinha vontade de trabalhar cada vez mais depressa para salvar o maior número de pessoas. A assinatura de Aristides de Sousa Mendes passou a ser, eventualmente, apenas um apressado ‘Mendes’ (Fralon, 1999; Afonso, 2009).

Ao anoitecer de 19 de junho, a cidade de Bordéus foi bombardeada pelos alemães e milhares de pessoas fogem para procurarem atravessar a ponte internacional de Irum. Aristides, de espírito inabalável, continuou a operação de salvamento e estendeu-a até outras cidades. Começou a que José Alain-Fralon (1999) chamou “uma trágica corrida contrarrelógio entre Sousa Mendes, o Governo português e as tropas alemãs” (p.65).

Após tomar conhecimento de um número significativo de refugiados aflitos em Baiona, consulado subordinado do de Bordéus, percorreu mais de 200 quilómetros de carro até essa cidade. Já tinha sido ordenado para regressar a Lisboa, mas não desistiu. Sousa Mendes chegou ao ponto de colocar uma mesa do consulado na rua para evitar que os refugiados subissem a escada do edifício com risco de a mesma desabar. Também passou freneticamente vistos na rua, no hotel, no carro, em qualquer lado. Durante cerca de quinze dias, passou o seu tempo entre Bordéus, Baiona, Biarritz e Hendaia (Fralon, 1999). Chegou a dirigir-se pessoalmente à fronteira espanhola quando as respetivas autoridades deixaram de aceitar as permissões por si emitidas, para ele próprio acompanhar refugiados e abrir a cancela antes que lá chegasse a ordem que dava os seus vistos como nulos, procurando assegurar-lhes, desta forma, a passagem (Mendes, 2019; Ninhos, 2021).

Recorde-se que Portugal era, então, oficialmente neutro. No entanto, continuava a nutrir alguma simpatia pela política de Hitler, pendendo para o Eixo. O cônsul português desobedeceu propositadamente - consumou, assim, o seu ‘Ato de Consciência’. É esta a denominação habitualmente atribuída à ação de Aristides de Sousa Mendes ao emitir todos aqueles vistos. Foi isso mesmo: uma intervenção consciente, altruísta e desinteressada.

Miriam Assor (2009) protesta que “tivesse ganho um tostão por cada visto concedido não ficaria rico. Seria milionário. Não ficou” (p.88). Aristides concedeu todos aqueles vistos sem cobrar nada. Cada visto poderia corresponder a mais de uma pessoa e, a certa altura, deixou de mencionar nomes e até de proceder a algum registo. Na ausência de passaportes, passou vistos nos próprios documentos de identificação ou até em meras

folhas de papel. O seu objetivo era apenas um e era bastante claro: salvar tantos quanto pudesse.

#### **1.4. O desobediente: o castigo por salvar vidas**

Nunca se saberá ao certo qual o número verdadeiro de vistos que Aristides de Sousa Mendes deu. Regra geral, aponta-se para que tenham sido trinta mil, sendo que um terço foi atribuído a judeus. Há quem diga que tenham sido menos (negacionistas defendem que, na verdade, não passou nem um<sup>7</sup>).

Em 1964, Harry Ezratty, um advogado de Nova Iorque, escreveu que Aristides salvara trinta mil refugiados, dos quais dez mil eram judeus<sup>8</sup>. Desde então, jornalistas<sup>9</sup> e investigadores têm repetido estes números - incluindo o historiador Yehuda Bauer. Avraham Milgram (2010) explica que Ezratty se baseou na informação que lhe foi transmitida por Ilja Dijour, representante do *Hebrew Immigrant Aid Society* (HIAS), que indicou que, durante a Segunda Guerra Mundial, entraram dez mil judeus em Portugal. Por falta de confirmação, Ezratty responsabilizou Aristides pelo número total de refugiados judeus que passaram por Portugal. Milgram (2010) considera ainda que aqueles que desejam enaltecer a figura e ação do cônsul português têm exagerado o número de vistos concedidos aos refugiados no verão de 1940. Apesar disso, afirma que

Um exame da lista de nomes e de vistos que Sousa Mendes emitiu a judeus e não-judeus nos meses de maio-junho de 1940 revela que o número de vistos é muito mais reduzido do que aquele que a literatura aponta - o que de modo algum diminui a grandeza do seu feito. (...) Nunca saberemos com rigor quantos vistos foram concedidos nas secções consulares de Baiona e Hendaia (...) porque nesses locais emitiu dezenas sem o selo consular e escritos à mão, não tendo, por isso, sido registados em lado algum (Milgram, 2010, p.99).

Aristides nunca fez distinção entre os refugiados - pobres, ricos, médicos, judeus, republicanos, monárquicos. Todos eram merecedores de serem salvos (Assor, 2009). Entre os milhares de anónimos que se cruzaram com Aristides, encontraram-se nomes conhecidos como o do pintor Salvador Dalí, o do colecionador de arte Maurice de

---

<sup>7</sup>No decorrer da presente investigação, serão dados os exemplos de Carlos Fernandes, João Hall Themido e José Hermano Saraiva. Apesar de não negarem a concessão de vistos, rejeitam a importância do gesto de Aristides de Sousa Mendes.

<sup>8</sup>Harry Ezratty escreve o artigo "Portuguese Consul and the 10,000 Jews: amidst terror and despair, there came forward a man of conscience" para a revista *Jewish Life*.

<sup>9</sup>Este facto é perceptível no capítulo referente à análise de conteúdo de peças jornalísticas sobre Aristides de Sousa Mendes.

Rothschild, o do ator Robert Montgomery, o do arquiduque Otto Von Habsburg, herdeiro do trono imperial da Áustria/Hungria, e também o da Grã-Duquesa Charlotte de Luxemburgo. Estes dois últimos deram origem a depoimentos importantíssimos sobre o gesto de Aristides, que serviriam para sustentar e legitimar o seu Ato de Consciência (Mendes, 2017).

De facto, tivesse ele passado apenas uma centena de vistos ou até menos, continuaria a ser meritório do mesmo respeito e reconhecimento. Tivesse ele passado apenas um. Foi a sua bravura e a sua boa vontade que definiram o seu ato e não apenas o número de pessoas que efetivamente conseguiu salvar.

Milgram (2010) dá a conhecer ainda que as ações de Aristides de Sousa Mendes não foram uma exceção, uma vez que a concessão de vistos à revelia das instruções dos governos foi um fenómeno comum nos consulados portugueses em toda a Europa durante este período da História, ainda que em pequena escala. Fralon (1999), tal como Milgram (2010) o faria também, refere o célebre caso do sueco Raoul Wallenberg, o qual concedeu documentos diplomáticos a milhares de judeus húngaros (cujo número, tal como no caso de Aristides, é discutível e discrepante entre vários estudiosos), evitando, assim, a sua deportação para Auschwitz. No entanto, Milgram (2010) alerta e pede cautela nesta comparação, feita por alguns jornalistas e escritores portugueses<sup>10</sup>. Relembra o trabalho desenvolvido pelo professor Douglas Wheeler (1989), o qual explica que, desde meados de 1986, jornalistas portugueses e também americanos deram início a esta comparação que merece alguma reflexão. Aristides teve uma atividade intensa num período muito mais curto que o de Wallenberg, além de não ter o apoio do seu governo, como o diplomata sueco tinha. Além disso, este último tinha uma equipa que o ajudava e Aristides, naqueles caóticos dias de junho de 1940, contava, além de si próprio, com alguns dos seus filhos, a sua mulher e um rabino polaco. Raoul Wallenberg foi homenageado pelo seu país e, depois de ter sido capturado, a Suécia procurou saber o que lhe tinha acontecido. Em vez disso, o governo de Sousa Mendes reprovou as suas ações, afastou-o, julgou-o e humilhou-o, seguido de um longo silêncio (Wheeler, 1989).

Então, tendo em consideração todas estas atitudes por parte de vários diplomatas, por que razão seria, então, Salazar implacável para com o gesto humanitário de Aristides? Rui Afonso (2009) afirma que este havia ganho aversão ao regime de Salazar e a outros superiores ainda nos anos 30, após a exoneração do seu irmão César enquanto Ministro

---

<sup>10</sup>Esta tendência é observável no capítulo referente à análise de conteúdo de peças jornalísticas sobre Aristides de Sousa Mendes.

dos Negócios Estrangeiros. Além disso, ele próprio fora alvo de algumas injustiças e acusações forçadas ao longo da sua carreira. Aristides considerava que tudo seria resultado de intrigas dentro do Palácio das Necessidades, estando farto da perseguição de que havia sido alvo nos últimos anos, quiçá por ser gémeo do antigo ministro. Olhava para tudo isto como uma conspiração e há muito que estava desiludido com o regime. Talvez esta última repreensão, a mais grave de todas elas e que levaria ao fim da sua carreira - e da sua vida como a conhecia -, tivesse a mesma origem (Afonso, 2009).

Num despacho de Oliveira Salazar, datado de 4 de julho de 1940, foi ordenada a instauração de um processo disciplinar a Aristides pela “concessão abusiva de vistos em passaportes de estrangeiros” (Assor, 2009, p.99). Já em Portugal, o cônsul recebeu, no início de agosto, uma cópia da acusação contra ele e apresentou a sua defesa, em resposta à ‘nota de culpa’. Refutou cada uma das acusações de forma fundada e justificou, sem rodeios, a concessão de vistos de uma forma que, ainda hoje, não deixa margem para dúvida: “Era realmente meu objetivo salvar toda aquela gente”. É do próprio Aristides que se obtém esta informação, esclarecendo a verdadeira razão por trás do seu Ato de Consciência: “Não podia eu fazer diferenças de nacionalidades, visto obedecer a razões de humanidade que não distinguem raças nem nacionalidades” (Assor, 2009).

O instrutor do processo aconselhou que a pena fosse de “suspensão de exercício e vencimento de mais de trinta até cento e oitenta dias”; mas a decisão final não era sua e Salazar foi implacável: condenou Aristides à pena de um ano de inatividade, com direito a metade do vencimento da categoria, devendo de seguida ser aposentado. Com uma família numerosa, com filhos menores ainda a seu cargo, os tempos foram difíceis para o cônsul (Miriam, 2009; Ninhos, 2021). Na verdade, não lhe foram pagos salários durante meses e, quando o fizeram, foi a metade do vencimento e a título provisório. Foi sobrevivendo graças à família, amigos e alguns refugiados, gratos por lhes ter salvo a vida. Aristides chegou mesmo a acolher, a partir do verão de 1940, na sua casa de Cabanas de Viriato, alguns dos fugitivos da guerra (Mendes, 2007). Ao mesmo tempo, Salazar inaugurava a Exposição do Mundo Português, aproveitada pelo regime como um grande espaço de propaganda do Estado Novo, em ambiente de comemoração e de festa. Duros contrastes que fazem refletir.

Nem mesmo depois, descobertos os horrores do Holocausto, foi atenuada a pena de um homem que tivera bastante razão. No fim da Guerra, Salazar branqueou por completo o papel do país, ficando, de forma hipócrita, com os ‘louros’ do gesto de

Aristides, vangloriando-se de que Portugal abrisse as portas aos refugiados (Miriam, 2009).

Aristides passou grandes dificuldades financeiras e chegou a viver da ajuda simbólica da Comunidade Israelita de Lisboa, através da Cozinha Económica e do apoio médico (Assor, 2009; Mendes, 2017). Esteve inscrito na Ordem dos Advogados, tentando procurar outro emprego, mas acabou por nunca exercer advocacia. Em 1945, ano em que a guerra acabou, sofreu uma hemorragia cerebral da qual nunca recuperou totalmente, fazendo-o perder o uso da mão direita (Mendes, 2017). Uma mão que havia salvo tanta gente com a sua assinatura estava, então, condenada à paralisia. Ficou impossibilitado de trabalhar.

O cônsul escreveu, com ajuda da família, várias cartas, incluindo à Assembleia Nacional e até mesmo ao Presidente da República, tendo chegado a solicitar uma audiência com Salazar. Em vão. Pediu ajuda ao cardeal Cerejeira, que o manda rezar meia dúzia de ‘ave-marias’ (Assor, 2009; Ninhos, 2021). A mulher da sua vida e que sempre se manteve ao seu lado, apoiando-o nas suas decisões e aceitando o destino que o gesto em Bordéus havia dado a ambos e à sua família, Angelina, morreu em 1948, no dia do seu 60.º aniversário, depois de meses em coma, provocado por uma trombose. A partir de 1949, quase todos os filhos emigraram e deixaram Portugal, pois ser-se um ‘Sousa Mendes’ colocava-os de imediato na lista negra e ninguém daria emprego a quem se apresentasse com esse apelido (Assor, 2009; Mendes, 2017). Aristides chegou a solicitar ao MNE autorização para emigrar para a Califórnia, para se juntar aos filhos que ali residiam e poder tratar-se. Infelizmente, nunca o conseguiu (Ninhos, 2021).

Acabou por casar por procuração em Salamanca com André Cibial, de quem já tinha uma filha. Rui Afonso (2009) explica que não seria apenas a geografia a separar Sousa Mendes dos filhos, mas também o seu segundo casamento. André era mentalmente instável e tornava difícil que se aproximassem do marido, pelo que a família não nutria qualquer simpatia por ela. A legitimação da filha de ambos teria sido uma das razões para Aristides voltar a casar, bem como a sua própria solidão (Afonso, 2009).

Viveram na Casa do Passal e venderam bens para sobreviverem. A mansão foi ficando, por isso, cada vez mais vazia. As portas dos quartos e das salas serviram de lenha para o inverno. A acumulação de dívidas por custos inerentes de um processo que tentou acionar contra o Estado Novo, sem sucesso, retirava-lhe uma parte substancial do parco vencimento de Aristides de Sousa Mendes e fazia com que, mais tarde, a casa e o respetivo

recheio fossem vendidos em hasta pública, em 1956 (Assor, 2009). Acabaria por ser, depois da sua morte, pilhada e deixada ao abandono.

Caído na miséria e sem meios para subsistir, Aristides morreu no dia 3 de abril de 1954, no Hospital da Ordem Terceira de S. Francisco, em Lisboa, com uma trombose cerebral agravada por uma pneumonia. Estaria apenas acompanhado por André e nem roupa tinha para ser enterrado. A maioria dos filhos já não vivia no país. Velado uma noite por familiares, o corpo seguiu para o cemitério de Cabanas de Viriato, na rua traseira à sua casa, onde o esperava César. Foi repousado na sua última morada, o jazigo de família, junto dos seus pais, de Gigi e dos seus filhos Manuel Silvério e Raquel Hermínia (Assor, 2009; Mendes, 2017). O sentimento de que o seu dever havia sido cumprido persistiu até ao fim da sua vida, apesar de todo o sofrimento que recaiu sobre a sua família: “eu não podia ter agido de outro modo, por isso aceito, com amor, tudo o que me aconteceu e poderá vir a acontecer por causa do meu gesto” (Mendes, 2017, p.312).

Um refugiado salvo por ele escreveu no jornal local *Pourquoi Pas?*, em Léopoldville, na antiga República do Congo, no dia 26 de abril: “Un grand ami de la Belgique é mort”. Não se saberá como tal informação chegou ao autor do artigo, mas, em Portugal, país de Sousa Mendes, a sua morte não viu qualquer comentário ou informação na imprensa portuguesa.

Salazar enviou um telegrama de frase seca a César: “Sentidos pêsames”. O gémeo sobreviveu ao seu irmão apenas um ano, acabando por morrer em agosto de 1955. Nem na morte se conseguiriam separar.

## **1.5. O imortal: o lento caminho da reabilitação**

A historiadora Cláudia Ninhos (2021) constata que “só depois da revolução de 1974 e da queda do Estado Novo é que a história contemporânea começou a ser ensinada e investigada” (p.112). Tal contribuiu para que o processo de reabilitação de Aristides fosse demasiado lento. A memória do ato de salvação protagonizado pelo cônsul ficou enterrada e esquecida nos arquivos do MNE (Ninhos, 2021).

Os filhos não desistiram e procuraram, durante anos e anos, recuperar o bom nome do pai, havendo dois deles que se destacaram neste processo. Em 1951, o filho Sebastião publicou o livro *Flight through hell*, sob o pseudónimo de Michael d’Avranches, um relato escrito e romanceado. Já depois da morte de Aristides, a filha Joana escreveu cartas a algumas personalidades salvas pelo pai e também ao então presidente de Israel,

Benjamin Ben-Gurion. Todas as personalidades contactadas responderam (Mendes, 2017).

Em fevereiro de 1961, através de Ben-Gurion, surgiu a primeira homenagem de reconhecimento: vinte árvores plantadas no parque *Yaar Mayishuy* ‘Em Memória de Aristides de Sousa Mendes pela sua Ação Humanitária’. Em 1966, doze anos após a sua morte, o Yad Vashem, a entidade memorial oficial de Israel para lembrar as vítimas judaicas do Holocausto, reconheceu-o como ‘Justo entre as Nações’, título que procura honrar os não-judeus que salvaram judeus durante este período. A medalha de Justo foi entregue no ano seguinte, no consulado-geral de Israel em Nova Iorque, tendo estado presentes na cerimónia quatro filhos de Aristides e Angelina, entre os quais Sebastião e Joana, bem como o rabino Kruger (Mendes, 2017). Esta filha, a quem chamavam ‘a teimosa’, escreveu, inclusive, diretamente a Salazar e ao MNE, dando a conhecer a condecoração póstuma do seu pai pelo Yad Vashem, continuando insistentemente a redigir correspondência depois do 25 de abril, procurando justiça (Ninhos, 2021). A partir de 1976, artigos publicados em Portugal pelos jornalistas António Colaço, no *Diário Popular*, e António Carvalho, na *A Capital*, fizeram as primeiras referências ao gesto de Aristides na imprensa escrita portuguesa<sup>11</sup>, mais de uma década após os primeiros artigos nos Estados Unidos.

Como resultado dos seus esforços, Joana recebeu um relatório do embaixador Nuno Bessa Lopes, em 1976, o qual propunha a reintegração e a promoção, a título póstumo, de Aristides. Bessa Lopes afirmou ainda que foi a primeira pessoa a abrir o processo disciplinar de Aristides de Sousa Mendes, lacrado em envelope desde 1940 no Arquivo Histórico-Diplomático do MNE (Assor, 2009; Mendes, 2017; Ninhos, 2021). O embaixador expôs o processo irregular de que Aristides havia sido alvo.

A reabilitação parecia a postos para avançar, após despacho do MNE do mesmo ano que determinava que o assunto deveria ser tratado com urgência, enquanto se preparava a reintegração de Aristides, a título póstumo, com a categoria de ministro plenipotenciário de 2.<sup>a</sup> classe. No entanto, apenas em 1988 a Assembleia da República aprovou a reabilitação do antigo cônsul, por projeto da autoria do deputado do Partido Socialista, Jaime Gama. O ano de 1988 seria também marcado por uma homenagem do Parlamento Europeu. No ano anterior, o então Presidente da República, Mário Soares, entregara à família Sousa Mendes a condecoração com o grau de Oficial da Ordem da

---

<sup>11</sup>Estes artigos constam no *corpus* de análise da presente investigação.

Liberdade. Em 1995, o mesmo Presidente voltou a condecorar Aristides, desta vez com a Grã-Cruz da Ordem Militar de Cristo.

Desde então, a memória de Aristides de Sousa Mendes tem vindo a ser honrada através da constituição de comités/grupos de trabalho em prol da sua homenagem e reabilitação, bem como da Casa do Passal, que sofreu, à semelhança do seu proprietário, um destino igualmente infame, acabando por ficar, durante décadas, em completa ruína e em risco de derrocada. No ano de 2000, foi criada a Fundação Aristides de Sousa Mendes e, por força de Jaime Gama, então ministro dos Negócios Estrangeiros, foram doados 50 mil contos à fundação, a qual adquiriu, assim, a Casa do Passal, a fim de a musealizar e de a tornar num espaço de memória do cônsul e do Holocausto. Em 2010, foi fundada a Sousa Mendes Foundation, sediada nos Estados Unidos, cujo grande objetivo é identificar o maior número possível de destinatários de vistos Sousa Mendes.

O *Livro de Registos de Vistos*, salvaguardado no Arquivo do MNE, foi inscrito, em 2017, no registo ‘Memória do Mundo’ da UNESCO, o mesmo ano em que o Presidente Marcelo Rebelo de Sousa condecorou Aristides de Sousa Mendes com a Grã-Cruz da Ordem da Liberdade. O Parlamento português voltou a honrar o ‘cônsul desobediente’ no dia 19 de outubro de 2021, através da concessão de Honras de Panteão Nacional a Aristides de Sousa Mendes, uma iniciativa da deputada não-inscrita Joacine Katar Moreira. O corpo de Aristides permanece sepultado no jazigo de família, em Cabanas de Viriato. Em 2020, o dia 17 de junho, no qual teve início o Ato de Consciência, foi considerado, pelo Papa Francisco, o ‘Dia da Consciência’, em sua homenagem.

Setenta anos após a morte de Aristides, no dia do seu 139.º aniversário, foi finalmente concretizada a homenagem mais esperada deste moroso processo de reabilitação: a inauguração da Casa do Passal enquanto Museu Aristides de Sousa Mendes, após esta ter sido alvo, ao longo de quase uma década, de várias intervenções para que fosse recuperada.

## 2. História-Memória-Jornalismo

Conhecida a figura protagonista desta investigação, refere-se de novo que a relação estabelecida entre História, memória e jornalismo é, efetivamente, o ponto de partida para analisar o papel que a imprensa escrita procurou desempenhar na construção da memória de Aristides de Sousa Mendes. É de notar que no subcapítulo anterior foram referenciados autores que investigaram de forma profunda a vida e a obra de Aristides, entre os quais historiadores (*e.g.* Cláudia Ninhos) e jornalistas (*e.g.* Miriam Assor). Serão, pois, os agentes que conduzem o trabalho histórico e o trabalho jornalístico, separadamente, o foco dos parágrafos seguintes.

Desta forma, tratando-se Aristides de Sousa Mendes de uma figura com uma dimensão histórica e propondo-se esta investigação a analisar o papel que o jornalismo teve na construção da sua memória, procurou-se explorar a relação entre os três domínios.

O jornalismo constitui um dos veículos de memória menos óbvios. A verdade é que os jornalistas desempenham um papel sistemático na forma como as pessoas pensam acerca do passado (Zelizer, 2008). Tal não se cinge apenas ao campo de investigação da História, assumindo o trabalho jornalístico uma responsabilidade cada vez mais proeminente neste âmbito.

Jill A. Edy (1999) afirma que a memória coletiva corresponde ao significado que uma comunidade dá ao seu passado, contribuindo para a compreensão de eventos anteriores e das relações estabelecidas no presente, bem como para as expectativas em relação ao futuro. Barbie Zelizer (1995), por seu lado, explica que, ao contrário da memória pessoal, referente à capacidade de apenas um indivíduo de conservar informação, a memória coletiva compreende recordações do passado que são determinadas e moldadas pelo próprio coletivo. Recordar relaciona-se com a própria formação de identidade de grupo.

Quais são, afinal, os papéis do jornalismo e da História na construção desta memória? De que forma se assemelham, diferenciam e complementam? O historiador António Reis (1993) lançou igualmente a seguinte questão: “estarão, pois, jornalistas e historiadores condenados a disputar o mesmo terreno numa situação estranhamente concorrencial?” (p.136).

Barbie Zelizer (2008) recorda que o passado é um dos repositórios disponíveis mais importantes para que os jornalistas possam explicar os eventos do presente. Maria José Mata (2015) reconhece também a importância da cobertura mediática para

construção da memória, apresentando as ideias concebidas em relação ao trabalho desenvolvido, visando este mesmo objetivo, por jornalistas e historiadores:

Os jornalistas, fortemente arreigados a práticas ligadas à atualidade, tendem a rever-se nesse contributo mais imediato para a memória; os académicos - em particular os historiadores, que disputam com jornalismo a autoridade parcial do relato sobre o passado - continuam a remeter o jornalismo para uma construção superficial dos factos, inquinada por uma ideologia muito própria. Apesar das diferenças de abordagem, o jornalismo e a História inscrevem a memória na sua produção habitual a diferentes níveis, partilhando algumas práticas de investigação do passado, seja sob a forma da descoberta de informações ocultas com base em testemunhos vividos e lembranças pessoais, seja através da recuperação de indícios e documentos, refazendo e interpretando percursos (Mata, 2015, p.3).

Neste seguimento, a mesma autora sustenta que “História e jornalismo disputam autoridade discursiva, partilham objetos e métodos e complementam-se na produção de conhecimento sobre o passado e na configuração da nossa experiência comum” (Mata, 2015, p.85). Jornalismo e História acabam por se movimentar no território da memória, onde disputam e partilham o relato dos acontecimentos e a caracterização das personagens do passado, como é o caso de Aristides de Sousa Mendes, uma figura histórica tantas vezes já referenciada pelo jornalismo, como se terá oportunidade de verificar posteriormente na presente investigação.

Esta ligação aos acontecimentos já decorridos é detalhada por Edy (1999), que explica que as histórias do passado surgem regularmente no jornalismo de três formas: através de comemorações, de analogias históricas ou de contextualizações históricas. Em primeiro lugar, as comemorações podem relacionar-se com a assinalação de aniversários de acontecimentos do passado, por vezes associados à organização de eventos, como cerimónias, dando ao jornalista um motivo para recordar o que aconteceu. Por norma, a pessoa ou evento recordados não são controversos; poderá ser ainda alguém ou algo sobre o qual se pretende criar um consenso social e/ou que não pode ver a sua importância negada. Aquando da cobertura de uma comemoração, os jornalistas frequentemente contam a história da pessoa ou evento que se pretende evocar.

As analogias históricas contrastam com as comemorações, pois procuram, de forma explícita, tornar o passado relevante para o presente. Isto é, utilizam um acontecimento anterior como ferramenta para analisar e prever o resultado de uma situação atual. No entanto, não se encontram a assinalar nenhuma comemoração ou aniversário. Um dilema atual é construído como sendo semelhante a uma crise passada (e

vice-versa, pois é frequente o presente informar a nossa compreensão do passado), e o passado é referido como uma espécie de ‘lição de história’. No entanto, focam-se nos eventos do presente, recorrendo ao passado para ilustrar o que se encontra a decorrer na atualidade, sem aprofundar muito os eventos anteriores (Edy, 1999).

Por último, a contextualização histórica difere da analogia histórica, na medida em que aqui se traçam partes do passado que parecem relevantes para conduzir às circunstâncias atuais. Em vez de se construir algum aspeto do passado como semelhante a algum aspeto do presente, como acontece na analogia histórica, a contextualização histórica explica ‘como se chegou aqui’. Afirmar que se compreende a causa é uma afirmação muito mais arriscada para um jornalista do que afirmar que reconhece uma semelhança, como acontece na analogia histórica. Por essa razão, é frequente - e aconselhável - que se recorram a fontes legítimas para sustentar o conteúdo da contextualização histórica (Edy, 1999). Estas três formas de evocação de histórias do passado por parte do trabalho jornalístico seriam, ao longo da presente investigação, verificadas aquando da análise de artigos sobre Aristides de Sousa Mendes.

Regressando ao fenómeno cético de que o jornalismo tem um papel importante no campo da memória, Barbie Zelizer (2008) alerta que, desde o início dos tempos, o jornalismo é considerado como aquele que fornece um primeiro rascunho da História, e não o seu último produtor, deixando para os historiadores o processamento final dos eventos do jornalismo em bruto. O jornalista parece procurar o ‘agora’, a novidade e a proximidade, num ritmo frenético, distinguindo-se, desta forma, da História, que aprofunda e interpreta o que já aconteceu. No entanto, a mesma autora considera que a forma como o passado acaba por se infiltrar no trabalho jornalístico contribui para o reconhecimento da memória de forma mais ativa do que as noções tradicionais concedidas pela História.

Jill A. Edy (1999) suporta igualmente esta ideia de que o jornalismo já não é apenas o primeiro rascunho da História, acrescentando que o seu trabalho em prol da memória é cada vez mais importante, uma vez que a partilha de um passado comum pode ser um dos poucos laços que une a sociedade num todo. Edy salienta ainda que o facto de os meios de comunicação utilizarem eventos históricos (do passado) é contraintuitivo, tendo em conta o já referido por Zelizer, dado que gostam da novidade e do que aconteceu recentemente.

No entanto, este ponto é merecedor de alguma reflexão, considerando o que já se sabe sobre a sua figura protagonista. Quando Aristides de Sousa Mendes começou a ser

evocado pelo trabalho jornalístico português, já tinha morrido há mais de duas décadas e o seu Ato de Consciência havia decorrido quase quarenta anos antes. Poder-se-ia, desta forma, afirmar-se que o tema era novidade? Após o castigo sentenciado por Salazar, não houve uma única referência ao seu nome no jornalismo português e, neste caso em particular, na imprensa do país. Poderá a falta de menção, no passado, a Aristides fazer com que todas as posteriores referências à sua figura sejam consideradas como particulares - mais do que isso, como uma novidade -, por se tratar de um fenómeno tão invulgar?

A transmissão de informação sobre as histórias da História, através dos meios de comunicação, poderá ser feita de forma mais profunda do que quando apresentadas em sala de aula. Através da investigação que conduzem, os jornalistas também ensinam o público, dando-lhes a conhecer factos históricos que nem sempre são aprendidos na escola. Aliás, enquanto o meio escolar ensina História com especial atenção aos factos apresentados objetivamente, os média podem encorajar as ligações pessoais e emocionais com o passado que estejam associadas à memória coletiva (Edy, 1999).

Ainda segundo Jill A. Edy (1999), os meios de comunicação tornam-se responsáveis pela nossa memória dos acontecimentos, incluindo aqueles que os nossos professores de História não tiveram oportunidade de transmitir. Ao contrário de museus, estátuas e outros tipos de objetos evocativos de algum acontecimento histórico, os média recordam-nos a todos mais ou menos ao mesmo tempo, além de ser difícil evitar as recordações por eles providenciadas, dado que chegam a um público alargado. Por esta razão, o jornalismo é uma ferramenta de recuperação da memória que deve ser tomada como prioritária.

O jornalismo pode apresentar, assim, uma vantagem sobre a História: a dimensão do público que lhe presta atenção. Enquanto a História poderá estar reservada para um nicho com interesse específico nesta área, o jornalismo apresenta uma facilidade muito maior - e, talvez, uma abordagem mais descontraída no próprio discurso - para se aproximar das pessoas, dando-lhes a conhecer os factos históricos - exatamente por estar presente no nosso dia a dia, mesmo que involutariamente (Zelizer, 2014).

Com que frequência poderá o jornalismo assumir ou complementar o papel da História no relato dos factos do passado? Ambos poderão agir como agentes de preservação da memória e utilizar as mesmas ferramentas, de forma a atingirem o mesmo objetivo:

O jornalismo lida com factos e discursos sobre esses factos, num labor intenso de recuperação, reconstrução e reconstituição de histórias passadas que importa levar ao conhecimento do público. As narrativas mediáticas - e as jornalísticas em particular - são formas de legitimação da interpretação dos acontecimentos ocorridos num determinado momento e lugar, e no que ao passado diz respeito elas formam-se a partir do cruzamento de diferentes memórias, provenientes de diferentes agentes, tendencialmente agregadas à construção de um sentido de interesse comum (Mata, 2015, p.104).

Barbie Zelizer (2014) salienta o facto de os eventos poderem ser recuperados através dos jornalistas ao agirem como historiadores por um momento. A memória encontra-se relacionada com a materialidade das revistas e dos jornais, por exemplo.

A tradicional distinção entre passado e presente já não ocorre para diferenciar os domínios de atuação do historiador e do jornalista. Isto é, o historiador pode amparar-se sobre o passado mais recente ou até mesmo sobre a própria atualidade, bem como o jornalista pode permitir-se de enquadrar a notícias e os factos da atualidade que relata no seu contexto histórico, bem como a investigar factos do passado que tenham sido menos esclarecidos (Reis, 1993). O que distingue, afinal, um historiador e um jornalista? Apesar do que já foi explanado anteriormente, ambos interpretam e relacionam o presente e o passado de maneira distinta. Reis (1993) revela que

O historiador tem como destinatário um leitor/público sempre pensado como posterior aos factos/acometimentos/conjuntos relatados, relacionados e interpretados, quer ele se debruce sobre o passado mais distante ou o passado mais próximo e *à la limite* mais presente. O destinatário do jornalista é, pelo contrário, um leitor/público sempre estritamente coetâneo dos factos/acometimentos selecionados, relatados, relacionados e interpretados (Reis, 1993, p.137).

Os contornos do trabalho de um jornalista e de um historiador obedecem a visões diferentes. Tanto a História como o jornalismo requerem, contudo, investigação *in loco*, bem como habilidade aquando da colocação de perguntas e na procura por factos relevantes. Além disso, o discurso escrito deve, em ambos os casos, ser rigoroso, claro e sóbrio (Reis, 1993).

No fundo, “historiadores e jornalistas partilham a intenção de revelar e interpretar factos da vida significativos para os indivíduos e para a sociedade” (Mata, 2015, p.86). Além disso, ambos procuram “fazer as melhores opções na seleção, criação, recuperação ou reconstituição da realidade que se propõem reportar” (Mata, 2015, p.86). Existe, assim, a probabilidade de o jornalismo recorrer a fontes históricas e de a História recorrer a

fontes jornalísticas, uma vez que ambas as áreas são tomadas como confiáveis e, quiçá, incontestáveis.

Por essa razão, Maria José Mata esclarece que

O jornalismo não é, é certo, fonte prioritária ou única da história, mas é um dos seus recursos principais no papel de reconstrução do passado mais ou menos recente. Este constitui um primeiro *draft* da e *para* a história, na medida em que opera uma seleção que será posteriormente integrada no discurso histórico mediante os procedimentos críticos adequados à sua contextualização (Mata, 2015, p.89).

Ainda no que diz respeito à utilização de fontes, e de acordo com a mesma autora (Mata, 2015), as narrativas jornalísticas legitimam a interpretação dos acontecimentos ocorridos em determinado momento e lugar. Além disso, no que diz respeito ao passado, estas narrativas são formadas a partir do cruzamento de diferentes memórias, de diferentes agentes, os quais visam, geralmente, um sentido de interesse comum.

Hoje, defende-se que os jornalistas assumem um importante papel de *storytellers* e de agentes que veiculam a preservação da memória. Quando toda a gente parece ter esquecido, eis que surge o jornalista para lembrar as pessoas do que aconteceu. A ‘intromissão’ do jornalismo na memória é controversa, mas necessária, uma vez que o trabalho dos jornalistas pode ajudar a criar um sentido ao passado e a melhorar a compreensão coletiva em relação ao presente (Edy, 1999). Por outro lado, tal como Maria José Mata convida a refletir, “pensar o papel do jornalismo na construção da memória colectiva é pensar igualmente o esquecimento. No trabalho jornalístico, o esquecimento opera ao nível dos conteúdos, das práticas e dos relatos” (Mata, 2015, p.4). Tão depressa o jornalismo recupera eventos do passado e trá-los para o momento presente, tentando impedir que sejam esquecidos, como pode provocar, ainda que acidentalmente, o seu esquecimento no seio coletivo ao não falar sobre eles.

Barbie Zelizer (1995) adiciona que

The most common transformation of memory concerns what has been regarded generally as memory undone - amnesia or forgetting. How memories are erased, forgotten, or willed absent has come to be seen as equally important to the ways in which memories are set in place (Zelizer, 1995, p.220).

A mesma autora acrescenta que

The processes and contents of memory which have proved most relevant to the present moment are solidly situated in journalism's territory – witnessing, trauma, war, testimony, therapeutic discourse and mourning. All regularly and systematically covered by journalists, they further enhance journalism's centrality as a platform for considering memory (Zelizer, 2014, p.45).

O jornalismo informa, provoca, elucida, invoca, convida a refletir, a 'paredes meias' com a História. Procura sempre transmitir a verdade e nada mais que a veracidade dos factos. Esta característica é crucial, não apenas no que diz respeito ao presente - e à cobertura mediática diária -, mas também no que concerne ao passado. Por essa razão, o mesmo é considerado uma peça-chave, não apenas na recuperação da memória, mas também na sua preservação, mantendo 'viva' uma narrativa histórica real, não uma lenda ou um mito.

O trabalho jornalístico tem o dom de transportar para o presente o que já teve lugar no passado, preservando, assim, o seu carácter atual, porque "o passado oferece um ponto de comparação, uma oportunidade de analogia, um convite à nostalgia, uma reparação de acontecimentos anteriores" (Zelizer, 2008, pp.383-384). Ensina-nos que recordar é positivo e, sobretudo, necessário. O jornalismo torna-se num agente-chave do trabalho da memória e funciona como uma das principais instituições da sociedade contemporânea que nos permite recordar os acontecimentos do passado.

Ainda sobre o impacto da prática jornalística no campo da memória, Olick alerta que

the issue of journalistic archives - the archives of historical materials that journalistic organizations have gathered and preserved, as well as, for instance, the historical archives of the news products themselves (that is, the collection of every previous edition of a newspaper) - leads directly to the question of the relevance of journalism to memory studies, the inverse of the question just addressed of the relevance of memory to journalism and journalism scholarship (Olick, 2014, p.27).

Por fim, António Reis (1993) considera que o jornalista e o historiador podem e devem trocar, entre si, contributos que possam beneficiar para o aperfeiçoamento do respetivo trabalho, apesar de o primeiro conviver melhor com o caos dos acontecimentos do que o segundo, cuja preocupação é ordenar esse caos.

Ainda que seja importante delimitar os respetivos campos de atuação e métodos de trabalho, não devem levar esta autonomização ao extremo a ponto de se perderem de

vista. Só têm a ganhar com esta espécie de parceria. O jornalista compreenderá melhor os factos do presente que não apenas noticia, mas que acaba por analisar e interpretar, quanto mais bem situado se encontrar no plano historiográfico. O historiador, por sua vez, beneficia do reforço da atenção ao acontecimento que o jornalista transmite (Reis, 1993).

## II. ARISTIDES DE SOUSA MENDES NA IMPRENSA

### 2.1. Metodologia de investigação

Estabeleceu-se desde início que o objetivo desta dissertação de Mestrado seria analisar o papel do jornalismo na construção da memória (objetivo geral), em particular no caso de Aristides de Sousa Mendes (objetivo específico). Mais concretamente, investiga-se a tentativa do jornalismo, nas suas várias dimensões, de recolher, investigar e transmitir informação sobre o diplomata, uma figura cada vez mais evocada e mais presente num regime agora democrático, ou não tivesse sido ele lesado e esquecido pelo regime autoritário antecedente. O presente trabalho não visa analisar a eficácia desta tentativa por parte do jornalismo, uma vez que, nesse cenário, ter-se-ia de, inevitavelmente, investigar a perceção do leitor, sendo que tal seria objeto de estudo para uma outra investigação.

Pretendeu-se, desta forma, aliar a investigação jornalística à investigação histórica, através de uma perspetiva de análise inovadora da figura de Sousa Mendes. Visando este fim, a principal metodologia utilizada no decorrer desta investigação é a análise de conteúdo, instrumento de investigação em Ciências Sociais e Humanas, tendo como objeto de estudo a cobertura mediática através da publicação de peças de imprensa escrita em Portugal, país de Aristides de Sousa Mendes, onde o regime moveu esforços para que se tornasse uma *persona non grata*, ou melhor, para que não fosse mencionado de todo. Esta técnica, através da constituição de um *corpus* de análise, permitiu desvendar várias conclusões, de acordo com a estrutura narrativa dos artigos, ou seja, da forma como se escolhe falar de Aristides de Sousa Mendes naqueles produzidos sobre si.

Bardin (1977) explica que a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações, constituindo um tratamento da informação contida nas mensagens e utilizando procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do respetivo conteúdo. Coutinho (2011) acrescenta que a mesma “consiste em avaliar de forma sistemática um corpo de texto (...), por forma a desvendar e quantificar a ocorrência de palavras/frases/temas considerados ‘chave’ que possibilitem uma comparação posterior” (p.193). Por outras palavras, a análise de conteúdo permite ao investigador apurar a resposta a várias perguntas: Quem o diz? Como o diz? Quando? E onde?

Sendo a comunicação de massas um dos domínios passíveis de análise de conteúdo e tratando-se esta de uma técnica desenvolvida nos Estados Unidos, onde o

material analisado era maioritariamente de cariz jornalístico, mais concretamente na Escola de Jornalismo da Colúmbia, onde se multiplicaram os estudos quantitativos de jornais, como demonstra novamente Bardin (1977), que refere: “É feito um inventário das rúbricas (...), mede-se o grau de ‘sensacionalismo’ dos seus artigos, comparam-se os semanários rurais e os diários citadinos. Desencadeia-se um fascínio pela contagem e pela medida (superfície dos artigos, tamanho dos títulos, localização na página)” (p. 15). Aliás, “(...) durante os anos da guerra, o Governo americano exortou os analistas a desmascararem os jornais e periódicos suspeitos de propaganda subversiva (principalmente nazi)” (Bardin, 1977, p.16).

Num primeiro momento, considerou-se que o *corpus* de análise seria constituído por peças jornalísticas cuja figura central é Aristides de Sousa Mendes, pelo que foi necessário dar início à respetiva recolha. Dada a especificidade do tema, o ponto de partida para esta primeira etapa recaiu sobre o facto de a sua grande maioria ter sido facultada por um dos netos do cônsul, António Pedro Moncada de Sousa Mendes<sup>12</sup>, tendo as mesmas servido, assim, como uma importante base à presente investigação.

No entanto, a maioria desses recortes não possuía informação relativa ao título do periódico e respetiva data de publicação<sup>13</sup>, pelo que foi necessária uma profunda investigação na Hemeroteca Municipal de Lisboa e na Biblioteca Nacional de Portugal de forma a obter a informação necessária para se poder tratar as peças. Após a compilação das peças de António Pedro Moncada de Sousa Mendes, foi ainda consultada a documentação existente no *Museu Virtual Aristides de Sousa Mendes*<sup>14</sup>, a qual constituiu uma excelente fonte para o enriquecimento do *corpus* de peças a serem analisadas nesta investigação. Contudo, aqui as datas atribuídas à publicação de algumas peças também

---

<sup>12</sup>António Pedro Moncada de Sousa Mendes, já referenciado anteriormente neste trabalho, é neto de Aristides de Sousa Mendes, cofundador da Fundação Aristides de Sousa Mendes e autor do livro *Aristides de Sousa Mendes - Memórias de um neto*, sendo um dos principais elementos-chave do legado do seu avô e no seu processo de reabilitação.

<sup>13</sup>A maioria das peças não possuía informação relativa à capa do periódico onde fora publicada, o que é habitual quando se escolhe recolher artigos sobre determinado tema, uma vez que o que mais importa a quem guarda recortes como estes é o conteúdo da mensagem em si e não os restantes elementos.

<sup>14</sup>Sítio na Internet dedicado a Aristides de Sousa Mendes (<https://mvasm.sapo.pt/>) que se encontra aberto ao público desde 19 de julho de 2007, o dia de aniversário do diplomata. O projeto foi coordenado por Margarida Dantas, Margarida de Magalhães Ramalho e Luísa Pacheco Marques. O *site* encontra-se dividido em dois momentos, a Base de Conhecimento e a Exposição Virtual. A Base de Conhecimento alberga uma biblioteca virtual (base bibliográfica com livros, artigos e notícias), uma base documental, um banco de imagens e filmes de época, testemunhos escritos e orais, listagens com o nome de refugiados salvos por vistos Sousa Mendes e ainda cronologias históricas relacionadas com a vida do cônsul e os panoramas nacional e internacional. A Exposição Virtual está subdividida em três ‘corredores’ que se organizam de forma cronológica e sequencial - Corredor da Guerra, Corredor da Fuga e Corredor da Liberdade, com pequenas reportagens sobre vários momentos da Segunda Guerra Mundial.

se encontravam incorretas, bem como, nos casos de a peça ter sido publicada em suplemento, se verificou a ausência da identificação do mesmo, apenas com referência ao periódico principal.

Procedeu-se, deste modo, à morosa, mas bem-sucedida, verificação dos vários periódicos através da pesquisa pelo *layout*, *lettering* e tipografia dos jornais e revistas de acordo com as peças, ou ainda pelo próprio jornalista redator/fotojornalista (ao se entrar em contacto, inclusive, com os mesmos através das redes sociais, em pelo menos duas ocasiões). Nos casos em que todos os elementos referenciais de determinado artigo se encontravam corretos à exceção da data da publicação, a mesma foi procurada nas edições imediatamente anteriores ou posteriores em relação à data erradamente indicada, tendo-se inclusivamente em consideração se o próprio corpo de texto fazia menção a algum acontecimento ou comemoração específicos para que esta procura fosse facilitada.

Adotou-se, então, uma estratégia de tentativa e erro para garantir a correta identificação de todas as peças analisadas. Além das cedidas por António Pedro Moncada de Sousa Mendes e as que foram recolhidas no *Museu Virtual Aristides de Sousa Mendes*, foram também encontradas referências em *blogs* e outros *sites* informais (da autoria de admiradores do cônsul), como noutras plataformas *online*, onde se destacou a *PressReader*, e ainda através do estabelecimento de contacto com a Sousa Mendes Foundation<sup>15</sup> e de pesquisa presencial na Divisão de Arquivo e Biblioteca - Instituto Diplomático do Ministério dos Negócios Estrangeiros, no Palácio das Necessidades, em Lisboa, através de recortes de imprensa que se encontram quer no processo individual de Aristides de Sousa Mendes, quer em documentação proveniente do Gabinete do Secretário-Geral. Além disso, sempre que a autora se cruzou com alguma peça publicada no meio digital que informava que a mesma havia sido publicada na respetiva edição impressa, ou nos casos em que algumas já encontradas mencionavam outras (utilizadas ou não como fonte), procurou identificá-las.

Deu-se, então, início à primeira fase da análise de conteúdo - a pré-análise, a qual se trata, segundo Bardin (1977), da “fase de organização propriamente dita. Corresponde

---

<sup>15</sup>O objetivo inicial deste contacto com a Sousa Mendes Foundation seria recolher peças jornalísticas publicadas na imprensa norte-americana, de modo a realizar-se uma análise de conteúdo comparativa entre a cobertura mediática em Portugal e nos Estados Unidos. Foi este país, o qual acolheu os descendentes de Aristides após o castigo que lhe foi aplicado por Salazar, bem como muitas das pessoas que salvou, que deu os primeiros passos no seu reconhecimento em várias dimensões, nomeadamente também no jornalismo. No entanto, optou-se por não incluir os artigos da imprensa norte-americana no *corpus* de análise por não ser uniforme ao da imprensa portuguesa, sendo o seu número bastante inferior, não possibilitando, assim, uma análise comparativa de qualidade. Ainda assim, a autora procede à referência destas peças sempre que se considerar pertinente para esta investigação.

a um período de intuições, mas tem por objetivo tornar operacionais e sistematizar as ideias iniciais, de maneira a conduzir a um esquema preciso do desenvolvimento das operações sucessivas, num plano de análise” (p.95). Dentro da fase de pré-análise, é conduzida uma primeira subfase, a da leitura ‘flutuante’, o que significa “estabelecer contacto com os documentos a analisar” e “conhecer o texto, deixando-se invadir por impressões e orientações. (...) Pouco a pouco, a leitura vai-se tornando mais precisa, em função de hipóteses emergentes” e da “projeção de teorias adaptadas sobre o material” (Bardin, 1977, p.96). Durante esta leitura, foi importante ter em consideração a literatura reunida no Estado da Arte (Capítulo I - Enquadramentos), dado que se tratava de informação e conhecimento já apreendidos pela autora.

De seguida, considerando a primeira leitura realizada às peças recolhidas até então, reforçaram-se os objetivos delineados para a presente investigação e estabeleceu-se a pergunta de partida: *o que tem transmitido o jornalismo, através da imprensa escrita, sobre Aristides de Sousa Mendes, tendo como premissa a relação História-Jornalismo na construção da sua memória?*. Tratou-se ainda de se determinar a hipótese, recordando Bardin (1977) que esta é “uma afirmação provisória que nos propomos verificar (confirmar ou infirmar), recorrendo aos procedimentos de análise. Trata-se de uma suposição cuja origem é a intuição e que permanece em suspenso enquanto não for submetida à prova de dados seguros” (p.98). Melhor dizendo, levantar uma hipótese de investigação é interrogar-se com base na análise que a autora conduziu *a priori* e nas suas primeiras leituras (Bardin, 1977).

Por essa razão, a reformulação da pergunta de partida, a qual originou este estudo, deu lugar à seguinte hipótese: a imprensa escrita procurou, após a queda da ditadura, contribuir para a construção da memória de Aristides de Sousa Mendes, bem como para a sua reabilitação. Em suma, propõe-se verificar até que ponto o jornalismo pretendeu transmitir uma imagem positiva do cônsul, numa tentativa de procurar (re)integrá-lo na memória coletiva.

Finalmente, procedeu-se à escolha definitiva dos documentos a constituírem o *corpus* de análise, tendo em conta os “documentos suscetíveis de fornecer informações sobre o problema levantado” (Bardin, 1977, p.96). Contemplaram-se vários aspetos da cobertura jornalística, de modo a se proceder à verificação e à validação de tendências e padrões que permitam responder à pergunta de partida, compreendendo a forma como o jornalismo procurou contribuir para o trabalho de construção de memória através das representações que tem vindo a criar sobre a figura de Aristides de Sousa Mendes.

Após o levantamento de várias peças jornalísticas durante o processo já anteriormente explanado, optou-se por circunscrever o *corpus* de análise àquelas cuja figura central é o cônsul, ou seja, com incidência relevante sobre o mesmo. As peças que estabelecem apenas uma breve menção a Aristides não foram consideradas, ainda que a autora procederá à respetiva referência sempre que se considerar pertinente. Foram propositadamente escolhidas peças nas quais o cônsul é o protagonista, tendo uma posição de destaque suficiente para atrair a atenção do leitor sobre este assunto. Teve-se em consideração que, uma vez “descoberto um tema nos dados, é preciso comparar enunciados e ações entre si, para ver se existe um conceito que os unifique” (Coutinho, 2011, p.196), o que possibilitou a concretização desta análise de conteúdo. Para delimitar e circunscrever a investigação, optou-se por analisar a imprensa em papel, pois, além de ser um meio tradicional (anterior à era digital, onde também já tanto se publicou sobre Aristides), aproxima-nos da época durante a qual começaram a aparecer os primeiros reconhecimentos à figura central deste trabalho.

É de extrema importância referir que todas as peças jornalísticas que fazem parte deste *corpus* de análise foram verificadas na respetiva edição original de forma presencial na Hemeroteca Municipal de Lisboa e na Biblioteca Nacional de Portugal.

O período de análise dos artigos encontra-se delimitado entre 4 de maio de 1976 e 21 de novembro de 2021, por corresponderem à primeira e à última data dos artigos pertencentes ao *corpus*. Estabeleceram-se como acontecimentos delimitadores do período mínimo e máximo de análise, respetivamente, o ano de 1954, melhor dizendo, o *post mortem* de Aristides (apesar de a primeira peça sobre ele ter sido publicada muito após essa data) e o ano de 2021 (datando a última peça do dia 21 de novembro), tratando-se este o ano da Cerimónia de Concessão de Honras de Panteão Nacional, realizada a 19 de outubro, tendo sido um dos episódios mais importantes no longo percurso da reabilitação da memória de Aristides de Sousa Mendes e, por essa mesma razão, um dos que obteve maior cobertura mediática.

Deve-se referir que alguns dos artigos analisados encontram-se inclusivamente na mesma página. Nestes casos, apresentando géneros diferentes, foram discriminados todos os artigos desse conjunto<sup>16</sup>.

---

<sup>16</sup>Dá-se como exemplo a edição n.º 2464 do *Público*, datada de 8 de dezembro de 1996, onde, entre as páginas 26 e 27, foram identificadas três peças de géneros distintos e, por essa razão, analisadas de forma independente, isto é, individualizada: “A ‘desobediência moral’ de Sousa Mendes” (notícia); “Homem bom” (perfil) e “A casa, a miséria e o hotel” (opinião).

De modo a estreitar o objeto de estudo, procurando obter resultados mais precisos, optou-se por contemplar peças (independentemente do género jornalístico) de jornais e revistas, publicadas em Portugal Continental, de referência e de maior tiragem, ou seja, de maior alcance ao público. Não se incluíram publicações locais e regionais, tanto editadas em Portugal, como no estrangeiro (*e.g.* jornais luso-americanos). Apesar de a autora se ter cruzado com vários exemplares deste tipo, onde foram publicados artigos sobre o cônsul, considerou-se que o alcance dos mesmos, apesar de hipoteticamente importante para a construção da memória local, seria mais reduzido, delimitando, por isso, o *corpus* a peças constantes nos seguintes periódicos e respetivos suplementos<sup>17</sup>:

- *Jornal 24 Horas* (1998-2010);
- *Jornal A Capital* (1968-2005);
- *Jornal Correio da Manhã* (periodicidade diária);
  - *Revista Domingo Magazine* (1999-2007);
- *Jornal Destak* (periodicidade diária e distribuição gratuita);
- *Jornal Diário de Lisboa* (1921-1990);
- *Jornal Diário de Notícias* (periodicidade diária);
  - *Revista DN Magazine*;
  - *Revista DNA* (1996-2006);
  - *Revista Evasões* (periodicidade semanal);
- *Jornal Diário Popular* (1942-1999);
- *Jornal Expresso* (periodicidade semanal);
  - *Revista E/Revista do Expresso* (periodicidade semanal);
  - *Revista Actual* (2003-2015);
- *Jornal de Negócios* (periodicidade diária);
- *Jornal de Notícias* (periodicidade diária);
  - *Revista Notícias Magazine* (periodicidade semanal);
- *Jornal i* (periodicidade diária até 2023, atualmente semanal);
- *Jornal Metro* (periodicidade diária e distribuição gratuita);
- *Revista Nova Gente* (periodicidade semanal);
- *Jornal O Jogo* (periodicidade diária);

---

<sup>17</sup>Informação verificada através do catálogo das Bibliotecas Municipais de Lisboa e da Hemeroteca Municipal de Lisboa.

- *O Jornal* (1975-1992);
  - *Revista O Jornal Ilustrado* (1986-1992);
- *Jornal O Século* (1881-1989);
- *Jornal Público* (periodicidade diária);
  - *P2* (periodicidade diária. Suplemento parte integrante do *Público*, não podendo ser vendido separadamente);
  - *Revista Telepúblico* (1990-1994);
  - Suplemento *Leituras* (dentro do próprio jornal);
- *Revista Sábado* (periodicidade semanal);
- *Jornal Sol* (periodicidade semanal);
- *Revista Visão* (periodicidade semanal).

Desta forma, delineou-se o *corpus* ao obedecer a um conjunto de regras previstas aquando da seleção dos documentos sujeitos à análise de conteúdo. A primeira regra é a da exaustividade, a qual nos indica que é necessário ter em conta todos os elementos do *corpus* (Bardin, 1977). Melhor dizendo, no caso da presente investigação, como já anteriormente explanado, foram consideradas peças jornalísticas sobre Aristides de Sousa Mendes publicadas na imprensa escrita portuguesa, nas publicações de referência supracitadas, durante o intervalo temporal delineado. Deste modo, incluíram-se todas as peças encontradas que corresponderam a esses critérios, sem exceção. Tal relaciona-se igualmente com a regra da homogeneidade, pois, dado que todos os documentos obedecem aos mesmos critérios de seleção (Bardin, 1977), legitima-se, assim, o estudo a ser conduzido.

### **2.2.1. Categorias de análise**

A regra da representatividade indica-nos que a análise pode ser efetuada através de uma amostra desde que a quantidade de material assim o justifique; a amostragem é rigorosa se a amostra for significativa e, por isso, representativa do universo de artigos sobre Aristides de Sousa Mendes. Os resultados obtidos para a amostra são generalizados tendo em conta a constituição do *corpus* (Bardin, 1977). Por isso, foram delineadas várias categorias homogêneas a todas as peças analisadas, num total de 231. Finalmente, todas estas regras aliam-se à última, a da pertinência, pois os documentos selecionados para análise devem ser adequados, enquanto fonte de informação, para que os objetivos da

investigação sejam correspondidos. Permitem-se, assim, as interpretações finais através da resposta à pergunta de partida, ao se confirmar ou infirmar a hipótese de investigação anteriormente reformulada (Bardin, 1977).

Recorreu-se ao método da análise categorial (produção de sistema de categorias), com o objetivo de “fornecer, por condensação, uma representação simplificada dos dados brutos” (Bardin, 1977, p.119). Para tal, foi elaborada uma grelha adaptada aos objetivos da investigação, visando uma análise homogénea de todas as peças ao se distribuir, da melhor forma possível, os vários elementos à medida que vão sendo identificados (Bardin, 1977).

As categorias são “rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registo, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão dos caracteres comuns destes elementos” (Bardin, 1977, p.117). As presentes nesta análise de conteúdo foram criadas com o objetivo de corresponder às seguintes qualidades definidas por Bardin (1977): a homogeneidade (um único princípio de classificação orienta a organização da informação); a pertinência (adequação das categorias ao material de análise escolhido, neste caso, das peças jornalísticas, procurando refletir as intenções da investigação e corresponder às características do conteúdo documental); a objetividade e a fidelidade (o material deve ser, na íntegra, codificado da mesma forma e o investigador deve precisar os critérios que determinam a integração de determinado elemento numa categoria); e a produtividade (utilização de categorias que produzam resultados férteis, isto é, que irão dar resposta à hipótese reformulada através do estabelecimento de dados exatos).

É importante acrescentar que foram utilizados procedimentos quantitativos e qualitativos. A abordagem quantitativa permite “obter dados descritivos através de um método estatístico” (Bardin, 1977, p.115), analisando a frequência da aparição de certos elementos, enquanto a abordagem qualitativa pretende elaborar “deduções específicas sobre um acontecimento” (Bardin, 1977, p.116), preocupando-se com a importância do contexto da mensagem ao procurar desvendá-la. Estas abordagens complementam-se e, juntas, permitiram aferir resultados relevantes para esta investigação.

Desta forma, as categorias de análise criadas pela autora foram as seguintes:

- Data

Identificação da data de cada publicação, registrando o dia, o mês e o ano, de forma abreviada e também por extenso.

- Publicação

Identificação do título da publicação (e do respectivo suplemento, nos casos em que tal se verificou).

- Número da Edição

Identificação do número da edição (em números cardinais) constante nas capas das publicações.

- Título

Registo do título da peça jornalística.

- Páginas

Referência ao número da página ou páginas ocupadas pela peça jornalística.

- Dimensão

Definição de uma tipologia tendo em conta a dimensão das peças e o espaço que ocupam nas publicações. Foi estabelecido um critério de dimensão das peças, o qual foi utilizado em todas as publicações, independentemente dos seus formatos, o qual foi definido da seguinte forma: “grande”, “média” e “pequena”. As peças de grande dimensão estendem-se por mais de meia página, podendo ocupar a página inteira ou mais páginas. A dimensão média corresponde àquelas que ocupam mais de uma coluna e até meia página. As peças pequenas ocupam uma coluna ou menos.

Na definição da dimensão das peças foi ainda contemplada a utilização de imagens, uma vez que lhes atribuem maior destaque.

- Secção

Registo da designação atribuída pela própria publicação, tendo-se estabelecido um total de seis secções: “Cultura”; “Internacional”; “Nacional”; “Opinião”; “Política”; “Sociedade”. De acordo com cada publicação, várias secções ou, melhor dizendo, vários temas podem ser semelhantes e abordar as peças jornalísticas no mesmo ângulo, mas encontrar-se com nomes diferentes de acordo com aqueles que lhes são atribuídos por cada periódico.

Uma vez que à presente investigação importa apenas a área de cada secção e não a designação específica com que se encontram nos periódicos, foram tratadas aquelas que se repetem mais vezes e que são mais relevantes, agrupadas de acordo com as várias secções/áreas, sendo que a maioria se cruza nos diferentes periódicos. A secção “Cultura” compreende as secções “Artes”; “Artes & Vidas”; “Cultura”; “Cultura & Espetáculos”; “Cultura e Espetáculos”; “Teatro & Dança”; “Teatro e Dança”; “Televisão”; “Programação”; “Livros” e “Media”. A secção “Internacional” inclui as secções “Internacional”; “Globo” e “Mundo”, enquanto a “Nacional” abrange “Centro”; “De Norte a Sul”; “Nacional”; “Norte/Sul”; “País”; “Portugal” e “Local”. A secção “Política” contempla as secções “Poder”, “Política”, “Política Nacional”, enquanto as secções “Opinião” e “Sociedade” traduzem-se com a mesma denominação nos vários periódicos em que surgem.

A estas secções foram acrescentadas as extras “Última página”, quando os artigos aparecem na última página da publicação; “Outras”, abrangendo secções menos relevantes e que não indicam informação sobre o tema do assunto a ser tratado, muitas vezes tratando-se de designações específicas do próprio periódico; e, ainda, “não indicada” quando as páginas onde surgem as peças não se encontram associadas a nenhuma secção pré-definida.

- Género

Foram consideradas as seguintes unidades de registo em todas as publicações: correio do leitor; efeméride; entrevista; notícia; opinião; perfil; programação; reportagem. A definição do género das peças obedeceu aos seguintes critérios, estabelecidos pela autora de acordo com as suas características:

- “Correio do leitor” corresponde aos comentários enviados pelos leitores, nos periódicos que permitem a existência de tal espaço;

- “Efeméride” reflete a assinalação de acontecimentos e datas relacionadas com o tema, mas que não apresenta a estrutura de uma notícia;

- Os artigos classificados como “entrevista” contemplam as entrevistas que foram conduzidos por jornalistas a personalidades ligadas a Aristides de Sousa Mendes;

- As “notícias” contemplam as peças de cariz informativo que dão destaque a vários assuntos relacionados com a sua figura;

- Os artigos de “opinião” reportam-se a textos argumentativos apresentando pontos de vistas de determinados autores;

- O “perfil” inclui as peças jornalísticas sobre as características, personalidade, interesses e comportamento de Aristides de Sousa Mendes, tratando-se em regra de textos pequenos;

- Os itens classificados como “programação” relacionam-se com a promoção de determinado programa cultural (transmissão de filme/documentário ou realização de espetáculo), não apresentando a estrutura de uma notícia;

- Por fim, a “reportagem”, peça longa, em profundidade, muitas vezes com um caráter historiográfico, diferenciando-se das restantes pela sua forte componente biográfica e histórica ao recorrerem a vários tipos de fontes. No entanto, foram igualmente analisadas outras reportagens, no sentido convencional desta definição, as quais compreenderam informação recolhida *in loco*.

As categorias “correio do leitor”, “efeméride” e “programação” foram introduzidas por se tratarem de géneros menos ‘óbvios’, ou seja, menos padronizados e tradicionais.

- Autor

Registo do nome do autor conforme identificado no artigo. Quando a peça foi assinada por mais do que um autor, registaram-se os nomes em sequência. Quando a autoria não foi identificada pela publicação, registou-se “não identificado”. Ainda assim, neste caso, presumiu-se que os autores não identificados correspondam a jornalistas.

- Tipo de Autor

Foram identificados os seguintes tipos de autores dos artigos: “académico” (correspondente a qualquer investigador, incluindo historiadores); “advogado”; “colaborador do jornal”; “diplomata”; “escritor”; “jornalista”; “leitor” e “político”.

Quando o nome do autor não foi identificado pela publicação, registou-se novamente “não identificado”.

- Resumo

Elaboração de sumário com as ideias principais transmitidas pelo artigo.

- Tema principal

A análise das peças permitiu estabelecer dez temas relacionados com o tema central - Aristides de Sousa Mendes (doravante referido como ASM): “ASM na Cultura”; “ASM no Panteão”; “Ato de Consciência”; “Fundação ASM”; “Destinatários de Vistos”; “Homenagem”; “Museu Virtual”; “Negacionismo”; “Casa do Passal” e “Reabilitação de ASM”.

Os artigos que integraram a categoria “ASM na Cultura” centram-se em produtos culturais dos quais o cônsul é protagonista: livros, exposições, documentários, filme e musical. A categoria “ASM no Panteão” reúne peças que abordam a vontade da sua transladação para o Panteão Nacional e também relacionadas com o planeamento e a concretização da Cerimónia de Concessão de Honras de Panteão. No que diz respeito à categoria “Ato de Consciência”, foram seleccionadas peças que se centram não apenas na obra e feitos de Aristides, mas também na sua vida, evocando maioritariamente elementos biográficos importantes e recorrendo a várias fontes. Ainda que possa parecer um tema mais abrangente do que os restantes, é, na realidade, bastante específico. Apesar da maioria das peças evocar o Ato de Consciência de Aristides, como, aliás, se terá oportunidade de observar pela análise do indicador relacionado com a contextualização histórica, aquelas que, de forma geral ao longo de todo o corpo de texto, abordaram com maior incidência a sua vida e a sua obra, foram incluídas neste tema dada a sua aparente urgência em evocar a memória do cônsul. As peças incorporadas na categoria “Fundação ASM” reportam-se ao processo de constituição da Fundação Aristides de Sousa Mendes, em Portugal. Em “Destinatários de vistos”, destacam-se as vidas e as histórias de pessoas salvas pelo cônsul, bem como dos seus descendentes.

A categoria “Homenagem” conta com artigos relacionados com a realização de homenagens diversas a Aristides de Sousa Mendes, com destaque para cerimónias evocativas do seu gesto (à exceção da Cerimónia de Concessão de Honras de Panteão, que possui categoria própria por se ter tratado de um marco distinto no processo de reabilitação). Nesta categoria inclui-se também a evocação de acontecimentos suscetíveis

de não serem denominados, de forma óbvia, por “homenagens”, os quais poderiam suscitar algumas dúvidas sobre a razão de serem aqui incluídos e não noutras categorias, pelo que a autora considera imperativo justificar esta escolha. Entre estes acontecimentos, encontram-se: a inauguração de várias exposições<sup>18 19 20 21</sup> (as quais, por se tratarem de mostras, poderiam, em dúvida, ser consideradas na categoria “ASM na Cultura”); a abertura de “Vilar Formoso, Fronteira da Paz - Memorial aos Refugiados e ao Cônsul Aristides de Sousa Mendes”<sup>22 23 24</sup> (polo museológico/espaco expositivo permanente); a organização de recitais solidários e de homenagem a Aristides de Sousa Mendes, cuja receita da venda dos bilhetes reverteu a favor da fundação homónima<sup>25 26 27</sup>; a homenagem no âmbito da primeira edição do festival de cinema *Figueira Film Art*, na Figueira da Foz<sup>28</sup>; o projeto educativo, implementado no ensino e criado pelo Museu da República e Resistência<sup>29</sup>, e o Programa Nacional de educação cívica “Projeto Nunca Esquecer”, relacionado com a Memória do Holocausto, homenageando Aristides e outros portugueses, e que incluiu o lançamento de três livros dedicados à temática do Holocausto<sup>30 31</sup>; a realização do documentário “Aristides de Sousa Mendes, O Cônsul Injustiçado”, da autoria da jornalista Diana Andringa<sup>32</sup>; e a inauguração de um minimuseu temporário na entrada da Casal do Passal, criado pelo arquiteto americano Eric Moed, cujos avô e bisavô foram salvos por vistos de Sousa Mendes<sup>33</sup>. De facto, todos estes acontecimentos relacionam-se com a categoria “ASM na Cultura”, por apresentarem características alusivas a produtos culturais. No entanto, após a leitura aprofundada das

---

<sup>18</sup>Guerra, A. R. (25 de janeiro de 2016). Exposição inédita é homenagem a Aristides de Sousa Mendes. *Diário de Notícias*(53606), 41.

<sup>19</sup>Henriques, J. P. (9 de fevereiro de 2019). Cônsul português está a ser homenageado na sede da ONU. *Diário de Notícias*(54716).

<sup>20</sup>Melo, A. (9 de agosto de 2000). As “vidas poupadas”. *Público*(3797), 15.

<sup>21</sup>Vida de Aristides exposta em Berlim. (11 de maio de 2010). *Diário de Notícias*(51533), 19.

<sup>22</sup>Autarquia evoca legado de Aristides. (22 de setembro de 2014). *Diário de Notícias*(53120), 11.

<sup>23</sup>O novo museu - Abre em Vilar Formoso e é uma homenagem a Sousa Mendes. (24 de agosto de 2017). *Sábado*(695), 13.

<sup>24</sup>Vilar Formoso: um museu que é “uma lição”. (27 de agosto de 2017). *Jornal de Notícias*(Ano 130 N.º 87), 14.

<sup>25</sup>B.M. (14 de maio de 2013). Recital lembra Aristides de Sousa Mendes. *Diário de Notícias*(52626), 49.

<sup>26</sup>B.M. (10 de abril de 2014). Recital lembra Aristides de Sousa Mendes. *Diário de Notícias*(52955), 48.

<sup>27</sup>Recital solidário e de homenagem. (13 de maio de 2013). *Jornal de Notícias*(Ano 125 N.º 346), 51.

<sup>28</sup>Na Figueira ao fim de 12 anos. (12 de agosto de 2014). *Jornal de Notícias*(Ano 127 N.º 72), 42.

<sup>29</sup>Melo, A. (8 de dezembro de 1996). A “desobediência moral” de Sousa Mendes. *Público*, 26-27.

<sup>30</sup>Governo cria programa para lembrar Holocausto. (19 de junho de 2020). *Jornal de Notícias*(Ano 133 N.º 18), 13.

<sup>31</sup>Ferreira, L. P. (17 de junho de 2021). Heroísmo de Aristides não foi caso único e há outros portugueses no Yad Vashem. *Diário de Notícias*(55575), 8-9.

<sup>32</sup>Diana Andringa evoca cônsul que salvou judeus. (13 de janeiro de 1993). *Diário de Notícias*(45221), 27.

<sup>33</sup>Sousa Mendes homenageado em Estrasburgo e ONU. (13 de novembro de 1998). *Diário de Notícias*(47351), 9.

peças, verifica-se, através da natureza de cada uma e do conteúdo transmitido, que a sua intenção não é apenas cultural, mas sim de profundo tributo a esta figura.

A categoria “Museu Virtual” contempla as peças referentes ao lançamento deste *site* ao público. O tema “Negacionismo” surgiu após a autora se ter deparado com artigos que abordam a posição de quem nega a importância do Ato de Consciência, ou até mesmo a própria ocorrência, apesar de este se tratar de um episódio histórico exaustivamente estudado e documentado. Ainda que os artigos que constam na referida categoria não apresentem grande relevância em termos de quantidade, considerou-se pertinente a sua inclusão dado o seu ineditismo. Os artigos integrantes da categoria “Casa do Passal” referem-se, tal como o nome indica, ao moroso processo de reabilitação do solar de habitação de Aristides na sua terra-natal, Cabanas de Viriato, bem como às inúmeras tentativas de a concretizar<sup>34</sup>. Por último, a categoria “Reabilitação de ASM” inclui peças referentes aos anseios à sua reabilitação e à ocasião em que é apresentada na Assembleia da República por Jaime Gama, enquanto deputado do Partido Socialista, uma proposta de reabilitação, bem como à posterior aprovação, por todos os partidos, do projeto de lei, publicando o *Diário da República* o diploma da sua reintegração póstuma na carreira diplomática, em 1988.

É ainda importante mencionar que um artigo pode abordar vários temas. No entanto, no âmbito desta investigação foi apenas considerado o tema principal ou dominante, ou seja, aquele sobre o qual o autor se debruça mais e que acaba por ser mais desenvolvido no corpo de texto. Além disso, nem sempre o título das peças desvenda o

---

<sup>34</sup>A Casa do Passal - Museu Aristides de Sousa Mendes foi finalmente recuperada na sua totalidade e inaugurada no dia 19 de julho de 2024, no 139.º aniversário do diplomata, pelo Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa. Cláudia Ninhos, historiadora doutorada em História Contemporânea pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, e vogal na administração da Fundação Aristides de Sousa Mendes, foi a curadora do museu, responsável pela investigação científica, seleção dos conteúdos e autora da escrita dos textos. A museografia é da autoria de Gabriella Casella e Susana Providência, da empresa Cariátides, o design da United by. Os arquitetos responsáveis pela conceção da recuperação do edifício foram Pedro e Susana Rosmaninho. “A exposição permanente do museu está focada na ação humanitária protagonizada pelo cônsul durante a Segunda Guerra Mundial, permitindo compreender a Casa do Passal enquanto ‘lugar de memória’ e como espaço de construção social e política do seu protagonista. Está constituída por diversas secções que contam a história da casa, da família Sousa Mendes, da carreira consular de Aristides, o contexto histórico da época, os principais acontecimentos políticos até ao ‘êxodo’ de 1940, o processo, a pena e a reabilitação da memória do cônsul, bem como as histórias de outros portugueses que, durante a Segunda Guerra Mundial, também salvaram judeus. Das muitas fotografias e objetos que integram a exposição, destacam-se as condecorações recebidas por Aristides nos postos consulares que ocupou, uma caneta parker com monograma A.S.M., o relógio de bolso do refugiado Simon Van Den Berg (usado durante o êxodo de 1940), a agenda de Denise Blum (uma adolescente que vivia em Paris quando a Wehrmacht invadiu a França) e a medalha de ‘Justo entre as Nações’ (concedida pelo Yad Vashem em 1966)” (<https://ihc.fcsh.unl.pt/claudia-ninhos-museu-aristides/>).

tema principal e pode induzi-lo noutra direção que não a real, pelo que a atribuição do mesmo foi sempre efetuada através da leitura atenta e aprofundada de cada artigo.

- Observações

Registo das notas pessoais da autora no âmbito da análise da estrutura e do conteúdo dos elementos do *corpus*, numa abordagem qualitativa, que visa trazer valor à presente investigação, assim como contribuir para aferir a efetividade da hipótese anteriormente reformulada. Estas observações serão tratadas ao longo da análise de conteúdo e reforçadas nas conclusões finais.

- Fontes

Identificação das fontes utilizadas em cada artigo. Foi considerada a origem da informação veiculada nas peças, através do registo, como denotação do nome e função dos indivíduos - no caso de fontes pessoais - e/ou do tipo de documentação veiculada - no caso de fontes documentais. Isto é, deve-se ter em consideração que existem fontes propositadamente evocadas para o fim apresentado pelo artigo (estabelecendo-se como fontes primárias), mas também fontes documentais (secundárias), às quais se recorrem para sustentar e validar o conteúdo da mensagem, tratando-se Aristides de Sousa Mendes de uma personagem histórica.

Foram consideradas todas as fontes diretamente relacionadas com o mesmo, ou seja, que atribuíram valor às peças, tendo sido analisadas todas as citações explícitas e indicadas pelos autores. Foram ainda contabilizados artigos sem recurso a fontes.

- Tipos de Fontes

Evidenciação da autoria das fontes utilizadas. As classificações "fontes oficiais" e "fontes não oficiais", por regra consideradas em termos jornalísticos, relevou-se insuficiente para os objetivos que esta análise propõe atingir. Desta forma, a autora criou a seguinte tipologia de fontes: "fontes académicas"; "fontes biográficas"; "fontes documentais"; "fontes institucionais"; "fontes interessadas"; "fontes jornalísticas" e "fontes políticas". Cada artigo poderá apresentar mais do que um tipo de fonte, de acordo com o número de fontes empregado em cada um. O objetivo deste indicador é referir em quantos artigos se encontra determinado tipo de fonte, sendo que cada um poderá apresentar, em termos de quantidade, mais do que um interveniente pertencente ao mesmo

tipo. Neste caso, em peças que apresentem dois ou mais autores do mesmo tipo, este é contabilizado apenas uma vez.

A categoria “fontes académicas” alberga as intervenções de historiadores e de outros investigadores sobre o tema, uma vez que se muniram do seu conhecimento, fruto do seu estudo e investigação. Consideraram-se como “fontes biográficas” todas as testemunhas diretas e indiretas do Ato de Consciência de Aristides de Sousa Mendes, onde se incluem familiares do cônsul, destinatários de vistos e respetivos descendentes, habitantes de Cabanas de Viriato e, em algumas ocasiões, o próprio Aristides. Foram estabelecidas como “fontes documentais” todas as referências a documentação histórica existente, como, por exemplo, a acusação e defesa do cônsul, e também a bibliografia. Por “fontes institucionais” depreende-se a expressão de entidades públicas e privadas, bem como a manifestação de diplomatas e de figuras ligadas a diferentes religiões.

No que concerne as “fontes interessadas”, nesta categoria contemplaram-se todas as pessoas que, dada a sua função, possuem interesse na evocação de Aristides de Sousa Mendes. Nela incluem-se membros da Fundação Aristides de Sousa Mendes e da Sousa Mendes Foundation, assim como promotores de ações de homenagem ao cônsul que não se enquadram em mais nenhuma categoria, desde meros cidadãos que organizaram tributos a realizadores de cinema e outros impulsionadores de produtos culturais. Em “fontes jornalísticas” consideraram-se as referências efetuadas a outras peças publicadas na imprensa escrita; e, por último, as “fontes políticas” aludem a discursos e intervenções de Presidentes da República, de membros de Governo e de partidos políticos, e ainda de Presidentes e outros elementos das autarquias de Cabanas de Viriato, Carregal do Sal e de Viseu (respetivamente, freguesia, concelho e distrito de origem de Sousa Mendes).

As fontes foram analisadas em todos os géneros jornalísticos, sendo que no caso das entrevistas e dos artigos de opinião não foram considerados o próprio entrevistado e o próprio autor, respetivamente.

- Capas: Manchete, Chamada de capa

Verificação da referência a determinado artigo na primeira página da publicação, através de manchete (título principal na edição) ou de uma chamada (destaque).

- Contextualização histórica

Apuração da existência de enquadramento histórico nos artigos. Esta contextualização verificou-se através de referências ao Ato de Consciência, muitas vezes

com recurso a fontes, estando, por norma, dependente da dimensão do próprio artigo, tal como será explorado posteriormente neste capítulo.

- **Imagens**

Análise do tipo de imagens que acompanham os vários artigos. Foram ainda considerados artigos sem imagens. Por razões de escopo, optou-se por não se identificar separadamente as imagens de autor (fotografias tiradas propositadamente para fins de publicação e, por isso, únicas) e as de arquivo (onde se encontram as fotografias de Aristides de Sousa Mendes, sozinho, com a sua esposa Angelina ou mesmo em família, por exemplo). Acrescenta-se que é possível, através da observação das imagens utilizadas, reparar que algumas são repetidas de artigo para artigo, apresentando-se em vários tamanhos. Tais análises também não foram contempladas nesta investigação.

- **Tom/posição sobre Aristides de Sousa Mendes**

Definiram-se as seguintes categorias, em termos do tom atribuído: “positivo”, “neutro” e “negativo”. A todos os artigos correspondeu uma destas unidades de registo. A posição “positiva” verificou-se em todas as peças que, quer por utilização de títulos, de expressões e/ou de recorrência a fontes que enaltecem de forma positiva a figura de ASM, procuram contar a narrativa de um modo que a favoreça.

O tom “neutro” é alusivo aos artigos em que não se verifica uma posição indubitavelmente positiva ou negativa, cingindo-se a relatar os factos de forma imparcial. No que diz respeito às peças que apresentam um tom “negativo”, nestas são empregues expressões de cariz danoso.

Neste seguimento, de forma a visar o preenchimento da grelha com esta informação correspondente a cada artigo, procedeu-se à segunda fase da análise de conteúdo, imediatamente posterior à pré-análise - a exploração do material, melhor dizendo, a análise das peças recolhidas, etapa que, segundo Bardin (1977), “não é mais do que a administração sistemática das decisões tomadas. Esta fase [é] longa e fastidiosa” (p.101). Esta compeliu um trabalho extenso que se alargou pela quase totalidade do período de investigação, que incluiu a finalização do processo de recolha de material, respetiva seleção, leitura e inventariação, bem como a confirmação dos aspetos a serem classificados neste sistema. Esta fase constitui o culminar das decisões tomadas na fase anterior, ou seja, corresponde ao momento em que os dados recolhidos (‘em bruto’) são

transformados e qualificados. Elaborou-se, numa tabela, a respetiva codificação ou, noutros termos, a sua categorização, de modo a correlacionar elementos entre as diferentes peças jornalísticas analisadas.

Visou-se analisar a informação recolhida com base no conceito da relação História - Memória - Jornalismo, de modo a verificar-se a hipótese de investigação anteriormente formulada: após a queda da ditadura de Salazar, a imprensa escrita em Portugal Continental procurou contribuir para a construção da memória de Aristides de Sousa Mendes, bem como para a sua reabilitação. Presumindo-se que o jornalismo foi parte integrante no processo de construção da memória do diplomata português e, conseqüentemente, da sua (re)integração na memória coletiva, pretende-se, com a análise do *corpus*, aprofundar a complexa, mas fundamental, relação entre História - Memória - Jornalismo. Estes conceitos relacionam-se e complementam-se, cada uma desempenhando o seu papel, mas visando um objetivo comum: o reconhecimento deste ‘Justo entre as Nações’.

Esta relação é, efetivamente, o ponto de partida para analisar o papel que a imprensa escrita teve na construção da memória do cônsul, uma vez que “apesar das diferenças de abordagem, o jornalismo e a História inscrevem a memória na sua produção habitual a diferentes níveis, partilhando algumas práticas de investigação do passado, seja sob a forma da descoberta de informações ocultas com base em testemunhos vividos e lembranças pessoais, seja através da recuperação de indícios e documentos, refazendo e interpretando percursos” (Mata, 2015, p.3).

Por último, procedeu-se ao tratamento dos resultados (inferência e interpretação), de forma a que estes se tornassem significativos e válidos para a presente investigação. Desta forma, compararam-se enunciados, ou seja, os vários artigos selecionados para análise e verificaram-se os elementos que têm em comum ou as diferenças entre si. Procurou-se interpretar e desconstruir conceitos veiculados no material de análise, refletindo e procurando compreender qual o verdadeiro significado de constatações aparentemente superficiais, de forma a definirem-se as respetivas conclusões. A autora conjugou a abordagem quantitativa, através de operações estatísticas, estabelecendo gráficos e tabelas de resultados, condensando e salientando, assim, as informações fornecidas pela análise, com a abordagem qualitativa, propondo inferências e adiantando interpretações a propósito dos objetivos previstos, ou que digam respeito a outras descobertas inesperadas (Bardin, 1977).

Apresentam-se, de seguida, os resultados.

### 2.3. Aristides de Sousa Mendes na imprensa escrita portuguesa

A primeira peça publicada na imprensa escrita nacional sobre Aristides de Sousa Mendes tratou-se de um artigo de opinião da autoria de César Mendes, sobrinho do cônsul, com o título *Justa Reabilitação*, no jornal *O Debate*, a 9 de abril de 1970, poucos dias após o 16.º aniversário da sua morte:

Num cemitério da metrópole jaz há dezasseis anos o cadáver de um homem, de elevada formação moral que, precisamente por isso mesmo, jamais podia ser um instrumento manobrado por preconceitos raciais. Chamou-se em vida esse Homem Aristides de Sousa Mendes, e foi cônsul da República Portuguesa em Bordeaux, última etapa da sua vida oficial, que terminou forçadamente após um processo de ‘desobediência’, por ter sido generoso e compadecido, sincero e desinteressado, atencioso e cheio de bondade. Soprava inclemente o tufão da Segunda Guerra mundial no solo francês, levando à sua frente milhares de foragidos. Era a hora das trevas (...) O cônsul Aristides de Sousa Mendes não hesitou (...) Prevaleceu o Homem e sucumbiu o funcionário. Deu quantos vistos lhe pediram, gratuitamente, febrilmente, numa ânsia de salvar as vidas daquela legião de desgraçados. (...) Todavia, esta nobilíssima atitude do cônsul Sousa Mendes foi tomada como um ato de desobediência, incurso, portanto numa punição. (...) Sousa Mendes não morreu para o Mundo, nem muito menos para a sua Pátria. Urge reabilitar a sua Memória Honrada (...) É óbvio de desejar e esperar que o Governo português faça, por seu lado, justiça. (Mendes, 1970, p.10).

Contudo, a publicação deste artigo não suscitou resultados, como observa a investigadora Margarida Magalhães Ramalho: “a 9 de abril desse ano [1970], pela primeira vez, aparecia na imprensa portuguesa (*O Debate*) um artigo sobre o cônsul de Bordéus e pedia a sua reabilitação. Mas ainda não tinha chegado a hora”<sup>35</sup>. O caminho ainda se adivinhava longo.

Por esta peça não corresponder a todos os critérios definidos para a seleção de artigos do *corpus*, nomeadamente a pertença a uma publicação de referência e de maior tiragem, considerou-se que não seria integrada na análise. No entanto, pelos motivos já supracitados, esta abordagem inicial ao mesmo é indispensável ao presente trabalho de investigação.

Doravante, todas as referências a artigos de jornais e revistas, ou mesmo aos próprios periódicos, serão apresentadas por ordem cronológica, ou seja, de acordo com a data da sua publicação ou, nos casos em que tal não se verifique, por ordem alfabética.

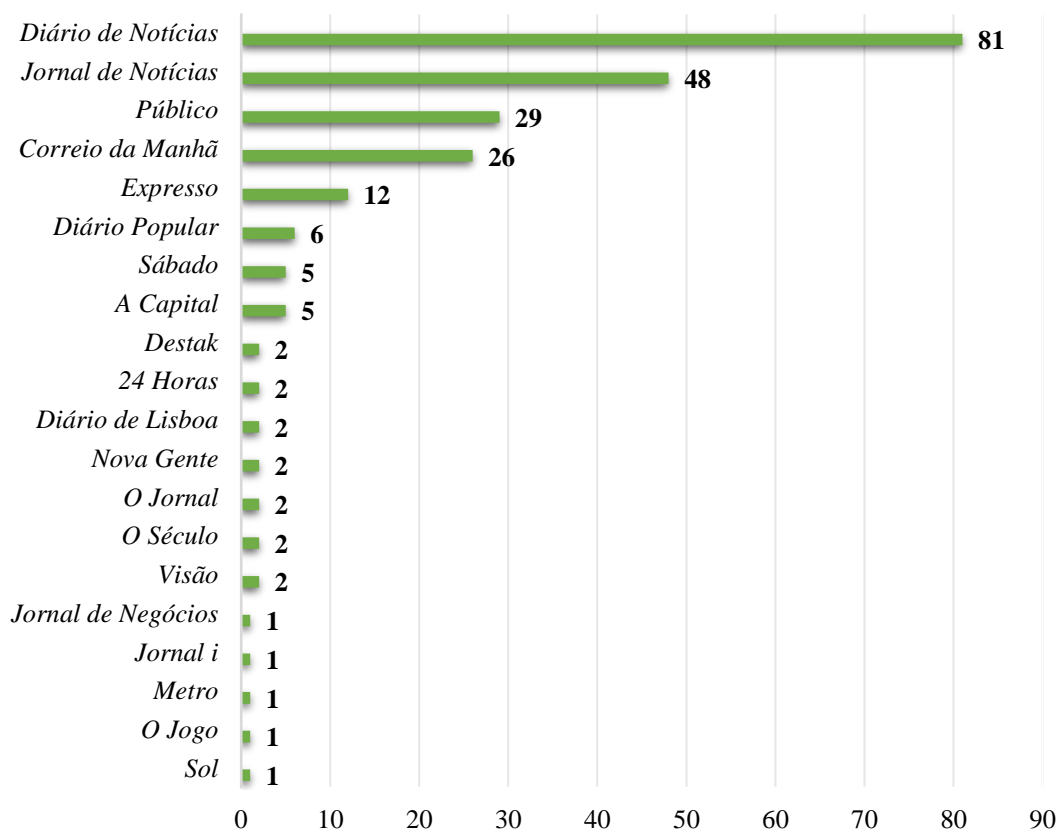
---

<sup>35</sup>Ramalho, M. M. (18 de julho de 2020). Elogio da desobediência. *E - A Revista do Expresso*(2490), 42-47.

### 2.3.1. Número de artigos por publicação

Procurando aferir o protagonismo conferido a Aristides de Sousa Mendes por periódicos portugueses, foi primeiramente efetuado um levantamento do número de artigos por publicação/suplemento integrante desta análise:

**Gráfico n.º 1 - Número de artigos por publicação**



É de importante referência que os suplementos analisados não foram identificados autonomamente, mas sim no respetivo jornal: a revista *Domingo Magazine* encontra-se integrada no jornal *Correio da Manhã*; as revistas *DN Magazine*, *DNA* e *Evasões* no jornal *Diário de Notícias*; a *Revista E/Revista do Expresso* e a revista *Actual* no jornal *Expresso*; a revista *Notícias Magazine* no *Jornal de Notícias*; a revista *O Jornal Ilustrado* no *O Jornal*; e os suplementos *P2* e *Leituras*, bem como a revista *Telepúblico*, no jornal *Público*.

A análise do número de peças publicadas em cada periódico permite concluir que existiram grandes diferenças de intensidade de produção jornalística entre os jornais e revistas em análise. Da mesma forma, é possível destacar que publicações como o *Diário de Notícias*, o *Jornal de Notícias*, o *Público* e o *Correio da Manhã* dedicaram ampla

atenção ao tema - 35,1% das peças foram publicadas no *Diário de Notícias*, 20,8% no *Jornal de Notícias*, 12,1% no *Público* e 11,3% no *Correio da Manhã*.

O número de peças publicadas por cada periódico é revelador da importância que conferem ao tema, mas existem outros elementos e fatores a considerar. Apesar de o *Diário Popular* e *A Capital* apresentarem, comparativamente com outros periódicos, um número menor de artigos publicados, o facto de terem sido os primeiros a publicar peças sobre Aristides de Sousa Mendes confere-lhes uma grande importância no processo de construção da memória do cônsul. O artigo mais antigo constante no *corpus* foi publicado no primeiro jornal referido, no dia 4 de maio de 1976<sup>36</sup>. O pioneirismo do *Diário Popular* foi evidenciado pelo próprio num artigo datado de 3 de junho de 1987, em que afirma: “salienta o representante da comissão organizadora, Dr. Luís Humberto Costa Fidalgo<sup>37</sup>, que o nosso jornal foi o primeiro órgão da Comunicação Social portuguesa a interessar-se pela situação criada ao Dr. Sousa Mendes”<sup>38</sup>. *A Capital* foi o outro responsável pela publicação de uma das primeiras peças sobre Aristides, no dia 22 de fevereiro de 1979<sup>39</sup>.

É ainda de salientar que periódicos como a *Nova Gente*, *O Jornal* (incluindo o suplemento *O Jornal Ilustrado*) e a *Visão*, ainda que não detenham um número de artigos significativo, revelam um grande investimento no tema, ao publicarem reportagens, dando, assim, mais visibilidade a Aristides de Sousa Mendes. *O Jornal* e *O Jornal Ilustrado* publicaram na década de oitenta<sup>40 41</sup>, a revista *Visão* na de 2010<sup>42 43</sup>, enquanto a *Nova Gente* fê-lo de modo mais espaçado, primeiro em 1994<sup>44</sup> e, depois, em 2001<sup>45</sup>.

A autora considerou ainda manter na presente análise periódicos como o *24 Horas*, o *Destak*, o *Diário de Lisboa*, o *Jornal de Negócios*, o *Jornal i*, o *Metro*, *O Jogo* e o *Sol*, apesar da sua pequena representatividade nesta amostragem, para demonstrar que o tema de Aristides de Sousa Mendes se estendeu a outras publicações nacionais que não apenas as mais distintas ou as generalistas - por exemplo, *O Jogo* é um jornal desportivo

---

<sup>36</sup>Colaço, A. (1976, maio 4). À espera da reabilitação póstuma de um português que Salazar castigou por ter salvo milhares de judeus das garras nazis. *Diário Popular*, 3,8.

<sup>37</sup>Luís Fidalgo viria a ser membro da Fundação Aristides de Sousa Mendes, fundada em 2000.

<sup>38</sup>*Diário Popular* (3 de junho de 1987). Cabanas de Viriato recorda o herói português do Holocausto. (15309), 4.

<sup>39</sup>Carvalho, A. (22 de fevereiro de 1979). Um "justo" português. *A Capital*(3657), 15.

<sup>40</sup>Smith, D. (10 de outubro de 1986). Diplomata português antinazi finalmente reabilitado. *O Jornal*(607), 40,41.

<sup>41</sup>Afonso, R. (25 de março de 1988). O crime de salvar judeus. *O Jornal Ilustrado*(683), 26-31.

<sup>42</sup>Soares, A. (13 de junho de 2013). A lista de Sousa Mendes. *Visão*(1058), 56-64.

<sup>43</sup>Júnior, J. P. (12 de outubro de 2017). Aristides de Sousa Mendes íntimo. *Visão*(1284), 46-53.

<sup>44</sup>Carrilho, S. (9 de março de 1994). Aristides de Sousa Mendes - O português que salvou milhares de Judeus. *Nova Gente*(912), 44-47.

<sup>45</sup>Maia, E. L. (12 de dezembro de 2001). Salvar dez mil vidas por dia. *Nova Gente*(1317), 100-102.

e o *Jornal de Negócios* de economia e finanças, não sendo, por isso, evidente ou expectável que publicariam artigos sobre o cônsul. Na verdade, as publicações periódicas que, no gráfico supra, apresentam apenas uma publicação sobre Aristides de Sousa Mendes focaram-se em acontecimentos específicos relacionados com o mesmo, como a inauguração do *Museu Virtual Aristides de Sousa Mendes* ou a Cerimónia de Concessão de Honras de Panteão Nacional, como se terá oportunidade de verificar no próximo subcapítulo.

Da mesma forma, teve-se em atenção o facto de os órgãos de imprensa insistirem no tema, publicando em edições consecutivas peças sobre Aristides de Sousa Mendes<sup>46</sup>, bem como fazendo a menção a outras peças já anteriormente publicadas nos mesmos periódicos<sup>47</sup>.

---

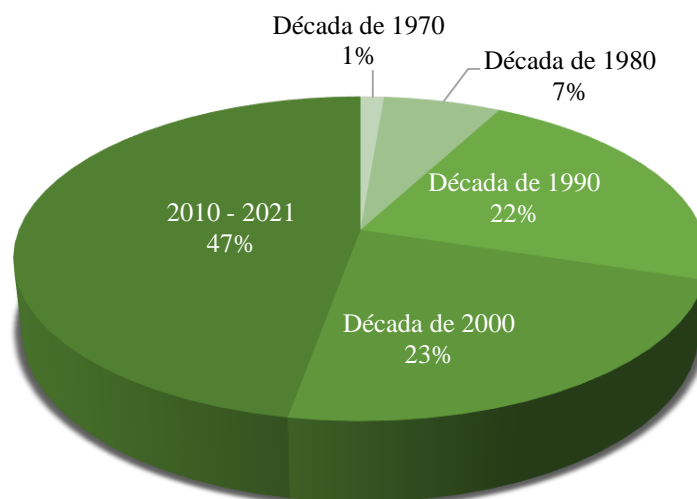
<sup>46</sup>Alguns exemplos: O *Diário de Notícias* faz publicações executivas a 17 e 18 de junho de 2004, bem como a 4 e 5 de março de 2011 e ainda a 9 e 10 de janeiro de 2014; o *Correio da Manhã* nos dias 8 e 9 de junho de 1993, nos dias 18, 19 e 20 de junho de 2020, nos dias 19 e 20 de julho de 2020 e também a 19 e 20 de outubro de 2021; o *Jornal de Notícias* fá-lo nos dias 3 e 4 de abril de 2017 e a 19 e 20 de julho de 2020. Neste capítulo, será possível perceber que a maioria destas datas correspondem a eventos marcantes da vida e do processo de reabilitação de Sousa Mendes, o que pode justificar a insistência do jornalismo neste assunto.

<sup>47</sup>A *Capital*, no dia 24 de março de 1986 aquando da publicação de *'Wallenberg Português' merece ser reabilitado - Família de Aristides de Sousa Mendes pede que seja feita justiça*, faz referência a outro artigo do mesmo periódico e que consta igualmente no presente corpus, publicado a 28 de janeiro do mesmo ano - *Outro Wallenberg esquecido por nós - Cônsul Português em Bordéus Salva Milhares de Judeus*.

### 2.3.2. Número de artigos publicados por década

É também possível observar diferenças na distribuição temporal da produção jornalística, de forma geral a todos os periódicos, ao longo das cinco décadas nas quais se inserem os artigos:

**Gráfico n.º 2 - Distribuição de número de artigos por década**



Foi registado um aumento do número de peças de década para década, ou seja, verificou-se que o jornalismo demonstrou cada vez mais interesse por Aristides de Sousa Mendes. A autora considera que tal mudança se justifica pela consolidação do regime democrático depois da queda do Estado Novo e, conseqüentemente, fortalecimento da atividade jornalística enquanto instrumento da própria democracia. Assim, o processo de reabilitação de Aristides de Sousa Mendes no pós 25 de Abril foi acompanhado pela imprensa através da cobertura mediática das diferentes iniciativas desencadeadas nesse sentido como também através da publicação de outras peças sobre o cônsul. Destaca-se que praticamente metade dos artigos (47%) foram publicados entre os anos de 2010 e 2021 e que, nesse período, não se detetou nenhum acontecimento específico que tenha dado origem a este crescimento exponencial, à exceção de dois eventos que serão explanados nos próximos parágrafos.

Por um lado, análise das peças que constituem o corpus deste estudo permitiu verificar um aumento da mediatização da figura de Aristides de Sousa Mendes em datas-chave como: 19 de julho, aniversário do seu nascimento; 3 de abril, aniversário da sua morte; e o período entre 17 e 19 de junho, aniversário do seu Ato de Consciência. Por

outro lado, eventos como a homenagem conduzida pelo Parlamento Europeu, no dia 17 de novembro de 1998; a inauguração do *Museu Virtual Aristides de Sousa Mendes*, a 19 de fevereiro de 2008 e, mais recentemente, a Cerimónia de Concessão de Honras de Panteão Nacional, a 19 de outubro de 2021, foram alvo de uma cobertura mediática circunscrita no tempo, por se terem tratado de momentos específicos e sendo, por essa razão, de abordagem efémera, apenas evocados aquando da sua concretização.

Foque-se, então, no aniversário do nascimento de Aristides de Sousa Mendes. As doze peças que fazem referência a esta data e que foram publicadas por volta da mesma começaram a ser publicadas, em perspetiva geral e independentemente do ano, a partir de 9 de julho, terminando a 26 do mesmo mês, num curto intervalo que compreende os dias antecedentes e posteriores a 19 de julho. Durante este período, foi apresentada uma maior incidência jornalística no dia seguinte ao aniversário do seu nascimento, 20 de julho e, tendo em conta a década de publicação, surgiram mais referências ao aniversário do diplomata nos dois últimos anos correspondentes à datação deste *corpus*, 2020 e 2021.

Apesar disso, existem diferenças a assinalar entre os vários artigos. Por um lado, alguns assinalam de forma concreta o aniversário do cônsul: “agora que passou mais um aniversário do nascimento do diplomata Aristides de Sousa Mendes (...) nascido (...) em 19 de julho de 1885”<sup>48</sup>; “Aristides de Sousa Mendes nasceu há 135 anos, a 19 de julho de 1885”<sup>49</sup>; “O Presidente da República evocou ontem (...) Aristides de Sousa Mendes, no dia em que se assinalaram 135 anos do nascimento do cônsul”<sup>50</sup>; “No dia em que passaram 136 anos sobre o nascimento de Aristides de Sousa Mendes, a Assembleia da República foi ontem palco de uma cerimónia de homenagem”<sup>51</sup>.

Por outro lado, outras peças foram publicadas a 19 de julho ou com certa antecedência relativamente a essa data, algumas fazendo até referência a acontecimentos a ter lugar nesse mesmo dia, mas sem revelar ao leitor que se trata do dia de aniversário de Sousa Mendes. É o caso das que anunciam a transmissão do documentário *A Herança de Aristides* na RTP1<sup>52 53</sup>, bem como a de outro, não especificado, a ser passado no *Canal História*<sup>54</sup>, com ambos a irem para o ar precisamente no dia 19 de julho. Acrescenta-se a

---

<sup>48</sup>Letria, J. J. (26 de julho de 2017). Aristides de Sousa Mendes merece o Panteão Nacional. *Diário de Notícias*(54153), 39.

<sup>49</sup>Silva, A. S. (19 de julho de 2020). Honrar Aristides e os outros. *Jornal de Notícias*(Ano 133 N.º 48), 10.

<sup>50</sup>Marcelo evoca legado "de coragem". (20 de julho de 2020). *Correio da Manhã*, 27.

<sup>51</sup>Francisco, S. (20 de julho de 2021). Nos 136 anos do seu nascimento, Aristides tem um busto no parlamento. *Diário de Notícias*(55608), 9.

<sup>52</sup>A Herança de Aristides. (15 de julho de 2021). *Evasões*(329), 40.

<sup>53</sup>A Herança de Aristides. (19 de julho de 2021). *Correio da Manhã*, 46.

<sup>54</sup>Aristides de Sousa Mendes no História. (9 de julho de 2013). *Diário de Notícias*(52682), 51.

peça que noticia, no dia 20 de julho de 1996, que “o ministro Jaime Gama decidiu ontem indenizar a família de Aristides Sousa Mendes”<sup>55</sup>. Por sua vez, a *E - A Revista do Expresso* publica na edição de 18 de julho de 2020, a mais próxima à data de nascimento do cônsul e o dia anterior ao mesmo, uma reportagem evocativa do Ato de Consciência, da historiadora Margarida Magalhães Ramalho<sup>56</sup>.

No que concerne a cobertura jornalística relacionada com a data da sua morte, são apresentadas dez peças, sete delas datadas do dia 3 de abril. Em 2000, e apesar de não fazerem uma única menção à efeméride, o *Diário de Notícias* e o *Jornal de Notícias* cruzam acontecimentos noticiados. O primeiro foca-se na inauguração da exposição “Passaportes para a vida: os diplomatas justos de todas as Nações”, na sede das Nações Unidas em Nova Iorque<sup>57</sup>, na qual Aristides não é o único a ser evocado (a notícia diz-nos que a homenagem recorda 80 diplomatas que salvaram milhares de pessoas do regime Nazi), mas acaba por se destacar como protagonista da peça através da grande imagem do seu retrato utilizada na mesma. O segundo jornal trata a homenagem ao cônsul na Sinagoga de Lisboa, no dia que marcou o 46.º aniversário da sua morte<sup>58</sup>. Ambos fazem referência, ainda que com menor ênfase, ao acontecimento principal noticiado pelo outro (o primeiro artigo menciona a cerimónia na sinagoga e o segundo a exposição nos Estados Unidos).

Em 2004, tanto o *Diário de Notícias*, como o *Público*, noticiam, por ocasião da realização de uma cerimónia comemorativa do 50.º aniversário da morte do diplomata, a promessa do então ministro da Cultura, Pedro Roseta, de reconstruir a Casa do Passal<sup>59</sup><sup>60</sup>. No ano de 2013, o mesmo dia é assinalado pelo *Diário de Notícias* através de uma efeméride que recorda o aniversário da morte<sup>61</sup>. No dia 10 de abril de 2014, a mesma ocasião - neste caso, o 60.º aniversário do seu falecimento - é o ponto de partida para noticiar um recital de homenagem ao cônsul<sup>62</sup>.

---

<sup>55</sup>Família de Sousa Mendes recebe indemnização. (20 de julho de 1996). *Expresso*(1238), 1.

<sup>56</sup>Ramalho, M. M. (18 de julho de 2020). Elogio da desobediência. *E - A Revista do Expresso*(2490), 42-47.

<sup>57</sup>Albino, C. (3 de abril de 2000). Diplomatas salvaram 250 mil. *Diário de Notícias*(47858), 21-22.

<sup>58</sup>Cardoso, I. (3 de abril de 2000). O homem que deu vistos para a vida. *Jornal de Notícias*(Ano 112 N.º 307), 16.

<sup>59</sup>Reconstruir casa de Sousa Mendes. (3 de abril de 2004). *Diário de Notícias*(49315), 31.

<sup>60</sup>Amaral, N. (3 de abril de 2004). Governo quer envolver mecenas na reconstrução da casa de Sousa Mendes. *Público*(5124), 13.

<sup>61</sup>1954. (3 de abril de 2013). *Diário de Notícias*(52585), 55.

<sup>62</sup>B.M. (10 de abril de 2014). Recital lembra Aristides de Sousa Mendes. *Diário de Notícias*(52955), 48.

No que diz respeito à assinalação do aniversário do seu Ato de Consciência, com peças publicadas entre os dias 17 e 19 de junho<sup>63</sup>, foi o *Diário de Notícias* que se voltou a destacar. Nestas datas e, logicamente, em anos diferentes, o Ato de Consciência de Sousa Mendes foi destacado por este jornal<sup>64 65 66 67 68 69 70</sup>; pelo *Correio da Manhã*<sup>71 72</sup>; pelo *Jornal de Notícias*<sup>74 75</sup> e pelo *Público*<sup>76</sup>.

É curioso acrescentar que, entre estes, todos os artigos publicados nos dias 17 e 18 de junho fazem referência direta a este acontecimento, enquanto tal já não se verifica nos que foram publicados a 19 de junho. Pelo seu interesse, transcrevem-se, de seguida, algumas passagens dos artigos que fazem referência direta ao gesto do cônsul:

- “O cardeal-patriarca, D. José Policarpo, preside à missa que hoje homenageará (...) Aristides de Sousa Mendes - o qual, há 60 anos, a 17 de junho, decidiu iniciar a concessão de vistos, para entrar em Portugal, a cidadãos de toda a Europa perseguidos pelo nazismo”<sup>77</sup>;

- “O Papa Francisco evocou Aristides de Sousa Mendes, no Dia da Consciência, efeméride inspirada no antigo cônsul português em Bordéus (...)”<sup>78</sup>.

---

<sup>63</sup>É considerado que, em três dias (entre 17 e 19 de junho de 1940), Aristides tenha emitido o maior volume de vistos, tendo o Papa Francisco apontado, em 2020, o dia 17 de junho como ‘O Dia da Consciência’, efeméride inspirada no cônsul.

<sup>64</sup>Barroso, J. M. (17 de junho de 2004). O “Herói da Europa” que salvou 30 mil vidas. *Diário de Notícias*(49390), 19.

<sup>65</sup>Barroso, J. M. (17 de junho de 2004). Aristides de Sousa Mendes - Três dias isolado até tomar a decisão. *Diário de Notícias*(49390), 19.

<sup>66</sup>1940. (17 de junho de 2010). *Diário de Notícias*(51570), 63.

<sup>67</sup>Ferreira, L. P. (17 de junho de 2021). Heroísmo de Aristides não foi caso único e há outros portugueses no Yad Vashem. *Diário de Notícias*(55575), 8-9.

<sup>68</sup>Silva, A. S. (17 de junho de 2021). Conhecer para nunca esquecer. *Diário de Notícias*(55575).

<sup>69</sup>Cardeal evoca grandeza cívica do cônsul. (18 de junho de 2004). *Diário de Notícias*(49391), 6.

<sup>70</sup>Sousa Mendes vai ter um minimuseu. (19 de junho de 2013). *Diário de Notícias*(52662), 49.

<sup>71</sup>Assor, M. (18 de junho de 2006). António Sousa Mendes - "Penso que a causa do meu avô devia avançar com todas as facções políticas. É universal.". *Domingo Magazine*(9683), 38-42.

<sup>72</sup>Papa Francisco evoca cônsul português. (18 de junho de 2020). *Correio da Manhã*, 48.

<sup>73</sup>Aristides de Sousa Mendes salvou a vida a Salvador Dalí. (19 de junho de 2020). *Correio da Manhã*, 40.

<sup>74</sup>Governo cria programa para lembrar Holocausto. (19 de junho de 2020). *Jornal de Notícias*(Ano 133 N.º 18), 13.

<sup>75</sup>Para não esquecer o Holocausto. (19 de junho de 2020). *Jornal de Notícias*(Ano 133 N.º 18), 32.

<sup>76</sup>Pinto, P. M. (17 de junho de 2015). Aristides de Sousa Mendes: o sublime que há em nós. *Público*(9194), 46.

<sup>77</sup>Barroso, J. M. (17 de junho de 2004). O “Herói da Europa” que salvou 30 mil vidas. *Diário de Notícias*(49390), 19.

<sup>78</sup>Papa Francisco evoca cônsul português. (18 de junho de 2020). *Correio da Manhã*, 48.

Outros artigos, apesar da data de publicação simbólica, optam por não mencionar estes feitos:

- “O Conselho de Ministros aprovou ontem [18 de junho de 2020] o Programa Nacional em torno da Memória do Holocausto, intitulado ‘Projeto Nunca Esquecer’, que tem o objetivo de homenagear Aristides de Sousa Mendes (...)”<sup>79</sup>;

- “Um ‘minimuseu temporário’ em homenagem a Aristides de Sousa Mendes (...) será inaugurado na sua terra natal, Cabanas de Viriato, no dia 20 [de junho]”<sup>80</sup>.

No que diz respeito aos dois grandes acontecimentos de louvor a Sousa Mendes, destaca-se a cobertura dada à cerimónia de homenagem conduzida pelo Parlamento Europeu. No período compreendido entre os dias 13 e 21 de novembro de 1998, foram publicados onze artigos que evocam este momento, em *A Capital*<sup>81</sup>, *Correio da Manhã*<sup>82</sup>, *Expresso*<sup>83 84</sup>, *24 Horas*<sup>85 86</sup>, *Diário de Notícias*<sup>87 88</sup>, *Jornal de Notícias*<sup>89 90</sup> (este com dois artigos em páginas diferentes da mesma edição) e *Público*<sup>91 92</sup>, sendo que estes quatro últimos noticiaram a homenagem antes e depois da mesma ter ocorrido. É ainda de salientar que o primeiro jornal a falar da homenagem foi o *Diário de Notícias*, com uma antecedência de cinco dias, e o último foi o *Expresso*, dada a sua periodicidade semanal.

O que terá levado a tanto interesse jornalístico em relação a este momento? No ano de 1998, a figura de Aristides de Sousa Mendes não era ainda suficientemente reconhecida e a Fundação homónima não havia sequer sido criada, só surgindo dois anos depois. A homenagem pelo Parlamento Europeu tratou-se, assim, do primeiro grande tributo internacional ao cônsul, apesar de a sua reabilitação e reintegração póstuma na

---

<sup>79</sup>Governo cria programa para lembrar Holocausto. (19 de junho de 2020). *Jornal de Notícias*(Ano 133 N.º 18), 13.

<sup>80</sup>Sousa Mendes vai ter um minimuseu. (19 de junho de 2013). *Diário de Notícias*(52662), 49.

<sup>81</sup>Lembrar Aristides Sousa Mendes. (16 de novembro de 1998). *A Capital*(9656), 4.

<sup>82</sup>Europa presta homenagem a Aristides de Sousa Mendes. (18 de novembro de 1998). *Correio da Manhã*(7130), 17.

<sup>83</sup>Monteiro, H. (21 de novembro de 1998). Aristides Sousa Mendes. *Expresso*(1360), 14.

<sup>84</sup>Sousa Mendes homenageado. (21 de novembro de 1998). *Expresso*(1360), 21.

<sup>85</sup>Carvalho, P. (17 de novembro de 1998). O nosso herói de guerra. *24 Horas*(197), 6.

<sup>86</sup>O português que salvou milhares. (18 de novembro de 1998). *24 Horas*(198), 10.

<sup>87</sup>Sousa Mendes homenageado em Estrasburgo e ONU. (13 de novembro de 1998). *Diário de Notícias*(47351), 9.

<sup>88</sup>Sousa Mendes vai ter museu. (18 de novembro de 1998). *Diário de Notícias*(47356), 27.

<sup>89</sup>Gandra, V. P. (17 de novembro de 1998). PE homenageia Sousa Mendes. *Jornal de Notícias*(Ano 111 N.º 169), 11.

<sup>90</sup>Memória de Sousa Mendes preservada em Portugal. (18 de novembro de 1998). (Ano 111 N.º 170), 15.

<sup>91</sup>Cunha, I. A. (17 de novembro de 1998). Sousa Mendes herói da Europa. *Público*(3169), 2-3.

<sup>92</sup>Cunha, I. A. (18 de novembro de 1998). Evocação de dois "justos". *Público*.

carreira diplomática, pela Assembleia da República, ter tido lugar dez anos antes. Não obstante, é de frisar que já haviam sido publicadas algumas as peças jornalísticas antes desse momento, num total de cinquenta no presente *corpus*.

A inauguração do *Museu Virtual Aristides de Sousa Mendes* suscitou também bastante interesse por parte da cobertura de imprensa. No período compreendido entre 16 e 23 de fevereiro de 2008, foram publicadas sete peças de várias dimensões e géneros para cobrir este acontecimento, no *Diário de Notícias*<sup>93</sup>, *Expresso*<sup>94 95</sup>, *Metro*<sup>96</sup>, *O Jogo*<sup>97</sup>, *Público*<sup>98</sup> e *Sol*<sup>99</sup>. A 18 de fevereiro, é o *Metro*, jornal de distribuição gratuita, que garante: “a partir de amanhã, há menos motivos para se desconhecer a figura de Aristides de Sousa Mendes”.

Por último, a tão aguardada homenagem ao diplomata, a Cerimónia de Concessão de Honras de Panteão Nacional, foi noticiada de forma mais sistemática entre os dias 18 e 23 de outubro de 2021<sup>100</sup>, pelos jornais *Correio de Manhã*<sup>101 102 103 104</sup>, *Diário de Notícias*<sup>105 106 107 108 109</sup>, *Jornal de Notícias*<sup>110 111 112</sup>, *Público*<sup>113</sup> e até pelo *Destak*<sup>114</sup>,

---

<sup>93</sup>Museu virtual evoca Sousa Mendes. (20 de fevereiro de 2008). *Diário de Notícias*(50726), 50.

<sup>94</sup>Robalo, M. (16 de fevereiro de 2008). O museu da memória. *Expresso*(1842), 32.

<sup>95</sup>Ministros eram quatro. (23 de fevereiro de 2008). *Expresso*(1843), 14.

<sup>96</sup>Pedroso, C. (18 de fevereiro de 2008). Museu virtual recupera Aristides de Sousa Mendes. *Metro*(705), 3.

<sup>97</sup>Neto, J. (20 de fevereiro de 2008). Museu Virtual – Em memória de Aristides. *O Jogo*(Ano 22 N.º 364), 11.

<sup>98</sup>Costa, J. F. (19 de fevereiro de 2008). Inaugurado hoje museu virtual de Aristides. *Público*(6533), 13.

<sup>99</sup>Nabais, R. (16 de fevereiro de 2008). Aristides virtual. *Sol*(75), 49.

<sup>100</sup>Apesar disso, já em 2014 e 2015, no *Diário de Notícias*, se falava na possibilidade de Aristides de Sousa Mendes ir para o Panteão. *Vide artigos:*

- Mangas, F. (10 de janeiro de 2014). “Aristides de Sousa Mendes não compete com Eusébio”. *Diário de Notícias*(52865), 56.

- Marujo, M. (25 de fevereiro de 2015). A petição que se segue: Aristides no Panteão. *Diário de Notícias*(53274).

- Petição por Aristides de Sousa Mendes. (9 de janeiro de 2014). *Diário de Notícias*(52864), 38.

<sup>101</sup>Panteão Nacional. (18 de outubro de 2021). *Correio da Manhã*, 22.

<sup>102</sup>Fidalgo, V. (19 de outubro de 2021). Panteão Nacional para o herói que desafiou o regime. 38.

<sup>103</sup>Fidalgo, V. (20 de outubro de 2021). Homenagem - Aristides de Sousa Mendes. *Correio da Manhã*, 24-25.

<sup>104</sup>Viegas, F. J. (20 de outubro de 2021). Resistir ao mal. *Correio da Manhã*, 25.

<sup>105</sup>Ninhos, C. (20 de outubro de 2021). Aristides. *Diário de Notícias*(55700), 5.

<sup>106</sup>Bugalho, S. (20 de outubro de 2021). Aristides e a palavra que não dizemos. *Diário de Notícias*(55700), 21.

<sup>107</sup>Francisco, S. (20 de outubro de 2021). Homenagem ao diplomata – “Portugal curva-se, eternamente grato”. Aristides já está no Panteão. *Diário de Notícias*(55700), 4-5.

<sup>108</sup>Soromenho-Marques, V. (23 de outubro de 2021). Obediente a uma lei maior. *Diário de Notícias*(55703), 10.

<sup>109</sup>Tecedeiro, H. (23 de outubro de 2021). Aristides no Panteão: tão importante hoje como há 80 anos. *Diário de Notícias*(55703), 4.

<sup>110</sup>Aristides de Sousa Mendes recebe hoje honras de Panteão Nacional. (19 de outubro de 2021). *Jornal de Notícias*(Ano 134. N.º 140), 14.

<sup>111</sup>Sousa, J. V. (20 de outubro de 2021). Marcelo destaca “coragem” de Aristides. *Jornal de Notícias*(Ano 134. N.º 141), 11.

<sup>112</sup>Pizarro, M., & Santos, I. (21 de outubro de 21). Celebrar Aristides de Sousa Mendes: um compromisso! *Jornal de Notícias*(Ano 134 N.º 142), 30.

<sup>113</sup>Ribeiro, N. (20 de outubro de 2021). Marcelo alerta que não há raças, etnias ou religiões superiores a outras. *Público*(11499), 12.

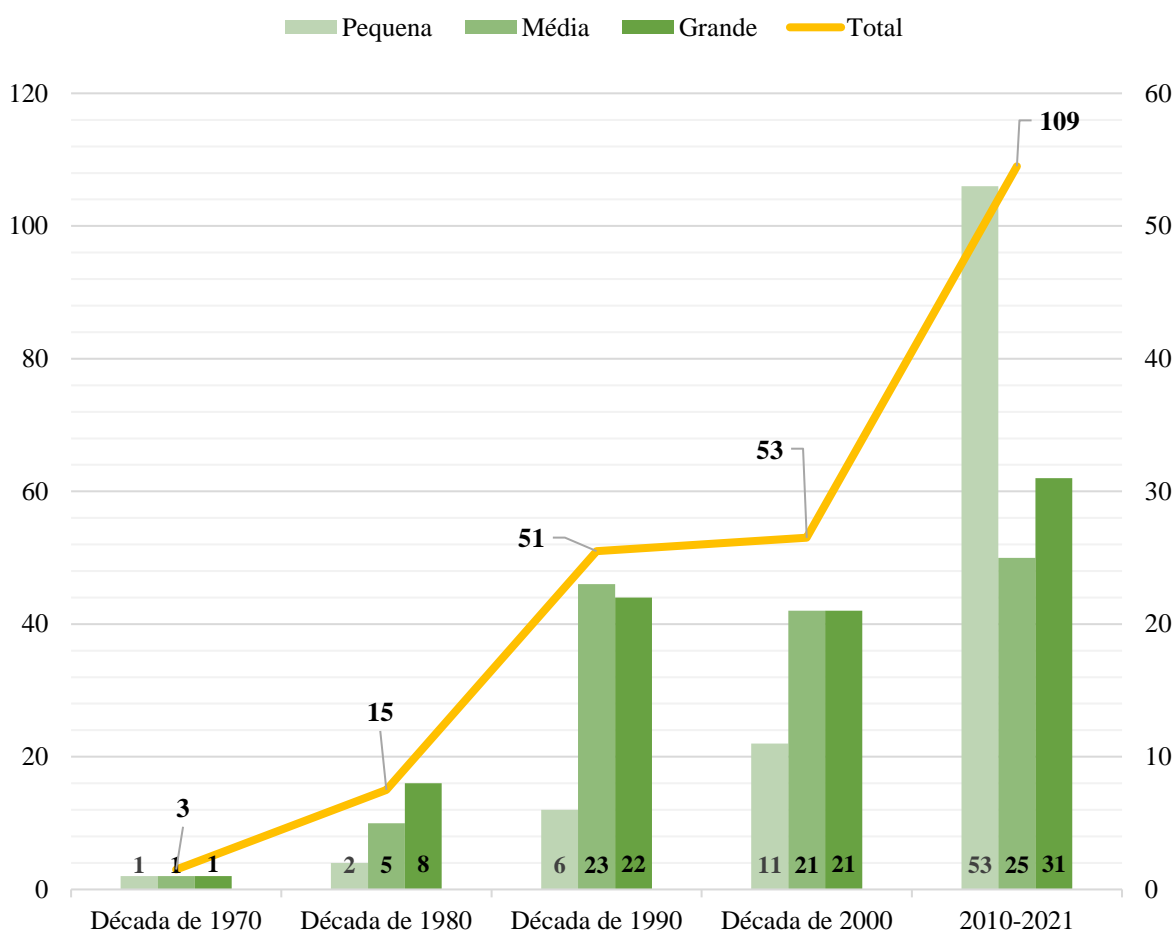
<sup>114</sup>Santos, V. C. (21 de outubro de 2021). Honrar Aristides de Sousa Mendes. *Destak*(3656), 12.

*Jornal i*<sup>115</sup> e *Jornal de Negócios*<sup>116</sup>. De maior ou menor dimensão, redigidos por vários autores que não apenas jornalistas, e de géneros diversos (nove notícias, cinco artigos de opinião, uma efeméride e um artigo de correio do leitor), a diversidade e intensidade de produção jornalística contribuiu para substanciar a importância deste acontecimento e, consequentemente, da própria figura de Aristides.

### 2.3.3. Dimensão de artigos por década

O gráfico n.º 3 tem uma tripla função: demonstrar o total de artigos publicados por cada década; revelar a quantidade de artigos de cada dimensão (pequena, média e grande) distribuída pela linha temporal; e, por último, evidenciar a evolução do trabalho jornalístico:

**Gráfico n.º 3 - Dimensão de artigos por década**



<sup>115</sup>Homenagem - Panteão dá visto a Aristides de Sousa Mendes. (20 de outubro de 2021). *Jornal i*(3573), 7.

<sup>116</sup>A última honra ao cônsul que salvou milhares de judeus. (20 de outubro de 2021). *Jornal de Negócios*(4604), 3.

Como já comprovado pelo gráfico n.º 2, o número de peças publicadas sobre Aristides de Sousa Mendes foi aumentando ao longo das décadas. Da década de setenta para a de oitenta, foram publicados cinco vezes mais artigos, enquanto, para a seguinte, este valor mais do que triplicou. Entre as décadas de noventa e de 2000 não se verificou uma grande oscilação, mantendo-se um número equilibrado de peças publicadas. No entanto, tendo em consideração a evolução para a década posterior, este número dobrou.

No que diz respeito ao critério de dimensão das peças, recorde-se que este foi definido da seguinte forma, independentemente dos formatos de cada publicação e considerando igualmente o tamanho das fotografias utilizadas: as peças de grande dimensão estenderam-se por mais de meia página, podendo ocupar a página inteira ou mais páginas; a dimensão média corresponde àquelas que ocupam mais de uma coluna e até meia página; e as peças pequenas ocupam uma coluna ou menos. Verifica-se que, nas três décadas intermédias, a quantidade de artigos de média e grande dimensão mantiveram-se semelhantes, mas em número superior aos artigos mais pequenos. A urgência da reabilitação merecia a máxima ocupação numa página de jornal ou revista.

A autora considera que estes dados, a par do grande aumento no número de artigos publicados nas décadas de noventa e de 2000, transmitem a necessidade da cobertura jornalística de dar mais destaque à figura de Aristides de Sousa Mendes, no período posterior ao fim do regime ditatorial e da censura aos meios de comunicação. O cônsul era uma *persona non grata* para o Estado Novo e, por isso, os primeiros anos posteriores à Revolução dos Cravos não só restituíram várias liberdades, como também procuraram libertar Aristides, evocando o seu Ato de Consciência. Esta dimensão será aprofundada numa fase posterior desta análise, aquando da abordagem do tom utilizado e da posição adotada nos vários artigos.

De acordo com o gráfico n.º 3, foram publicados, no total, 73 artigos de pequena dimensão (correspondente a 31,6%); 75 de tamanho médio (32,5%); e 83 de grande dimensão (35,9%). Apesar de, entre si, estes valores não serem muito discrepantes, o mesmo não é possível reiterar ao analisar individualmente cada década. Se, por um lado, tal como já foi anteriormente referido, nas décadas de oitenta, noventa e 2000 (com maior destaque para as últimas duas), foram publicados mais artigos de média e de grande dimensão comparativamente aos de tamanho pequeno, este fenómeno é contrariado a partir de 2010. Ou seja, apesar de se continuarem a publicar artigos grandes e médios, as peças de pequena dimensão ganham destaque e são publicadas em maior quantidade. Assim, Aristides de Sousa Mendes é um nome que surge, cada vez mais, na imprensa

escrita portuguesa, e maioritariamente através de referências mais curtas. A autora acredita que esta postura do jornalismo permitiu-lhe dar (ainda) mais destaque à sua figura através da publicação de peças mais curtas, mas eficazes, e de forma mais sistemática.

#### 2.3.4. Distribuição de artigos por secção

Cada publicação periódica possui uma estrutura própria e a inserção dos artigos nas respetivas secções varia de acordo com opções e critérios editoriais específicos escolhidos por cada redação. Assim, como já explicado anteriormente, de modo a serem alcançados os objetivos desta investigação, contemplou-se o registo de cinco secções: “Cultura”; “Internacional”; “Nacional”; “Opinião”; “Política”; “Sociedade”.

Observa-se, na tabela n.º 1, a distribuição do número de artigos e respetiva percentagem, pelas secções definidas:

**Tabela n.º 1 – Distribuição de artigos por secção**

Secção	Número de Artigos	Percentagem
Nacional	48	20,8%
Cultura	41	17,7%
Sociedade	32	13,9%
Política	19	8,2%
Opinião	9	3,9%
Internacional	7	3%
Última página	8	3,5%
Não indicada	23	10%
Outros	44	19%
Total	231	100%

À presente investigação importa apenas a área de cada secção e não a designação específica com que se encontram nos periódicos, já que a mesma pode diferir ligeiramente em cada um. Por exemplo: surgiram várias secções, em publicações diferentes, intituladas “De Norte a Sul”, “País”, “Portugal”, entre outras, pelo que a autora optou por agrupá-las no conjunto “Nacional”, tomando-se, assim, essa designação por uma secção mais específica e utilizada nesta análise.

Por se considerarem também relevantes, na categoria “Última página” foram contempladas as peças publicadas na última página. Considerou-se ainda a categoria “Outras”, abrangendo secções menos relevantes e/ou generalistas ou, em alguns casos, secções específicas de cada jornal ou revista, com nome personalizado e que não acrescenta valor a esta análise (por exemplo: “Mais E”, no caso da *E - A Revista do Expresso*; “Espaço Público”, no do *Público*; ou “A semana num minuto” no do *Diário de Notícias*). Finalmente, na categoria “Não indicada” consideram-se as peças que não se encontram associadas a nenhuma secção pré-definida. Apesar de apresentarem uma percentagem expressiva comparativamente com as outras secções, não acrescentam valor aos objetivos desta investigação.

A maioria dos artigos do *corpus* deste estudo insere-se na secção “Nacional” (20,8%), seguida por “Cultura” (17,7%) e, logo depois, “Sociedade” (13,9%) e “Política” (8,2%). O número de artigos inseridos em “Nacional” justifica-se pela quantidade apresentada pelos dois periódicos mais presentes no *corpus*, o *Diário de Notícias* e o *Jornal de Notícias*, e aqueles pertencentes a “Sociedade” pelo primeiro jornal e também pelo *Público*. Entre a natureza das peças de ambas as secções, não se verificam diferenças relevantes a ter em consideração nesta investigação.

Os artigos inseridos na secção “Cultura” apresentam características próprias, relacionando-se, como o nome indica, com produtos culturais dos quais a figura de Aristides é protagonista, tais como livros<sup>117</sup>, exposições<sup>118</sup>, documentários<sup>119</sup>, recitais<sup>120</sup>, musical<sup>121</sup> e filme<sup>122</sup>. O *Diário de Notícias* e o *Jornal de Notícias* optaram ainda por integrar nesta secção publicações relacionadas com a reabilitação da Casa do Passal, sendo que algumas delas evocam a importância do envolvimento de entidades como a Direção Regional da Cultura do Centro<sup>123</sup> e a Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN)<sup>124</sup>, entretanto extinta, bem como o facto do solar do cônsul ter sido

---

<sup>117</sup>Sousa Mendes inspira livro. (28 de abril de 1990). *Diário de Notícias*(44231), 25.

<sup>118</sup>Museu da Resistência e Liberdade mostra Aristides. (21 de abril de 2021). *Jornal de Notícias*(Ano 133 N.º 324), 30.

<sup>119</sup>A Herança de Aristides. (19 de julho de 2021). *Correio da Manhã*, 46.

<sup>120</sup>B.M. (10 de abril de 2014). Recital lembra Aristides de Sousa Mendes. *Diário de Notícias*(52955), 48.

<sup>121</sup>Bertrand, R. (14 de junho de 2017). O musical do cônsul-herói Aristides. *Sábado*(685), 39.

<sup>122</sup>Rodagem de 'Cônsul de Bordéus' já começou. (21 de outubro de 2009). *Diário de Notícias*(51333), 53.

<sup>123</sup>Vitória, A. (17 de dezembro de 2020). Casa do Passal conhece modelo de gestão no verão. *Jornal de Notícias*(Ano 133 N.º 199), 34.

<sup>124</sup>Araújo, A. (5 de março de 2011). Judeus salvos por Aristides defendem a casa do cônsul. *Diário de Notícias*(51829), 60.

classificado como Monumento Nacional em 2011<sup>125</sup>. Tendo isto em consideração, é importante salientar que a secção onde cada artigo se encontra integrado não limitou a respetiva classificação temática da peça, sendo que esta dimensão será aprofundada numa fase posterior desta análise. Por exemplo: um artigo da secção “Cultura” que mencione um musical sobre Aristides foi integrado na categoria “ASM na Cultura”, enquanto uma peça que mencione a importância da recuperação do palacete de Cabanas de Viriato, na mesma secção, foi inserida na categoria temática “Reabilitação da Casa do Passal”.

No que concerne a “Política”, o *Diário de Notícias* e o *Jornal de Notícias* destacam-se, novamente, pela quantidade de artigos publicados, sendo que a sua maioria faz referência a figuras ou a órgãos e instituições<sup>126 127</sup>. A categoria “Opinião” integra, tal como o nome indica, artigos de opinião<sup>128</sup> (ainda que não todos os deste género constam aqui, uma vez que os periódicos escolheram integrá-los noutras secções). Finalmente, na categoria “Internacional” contemplaram-se as peças relativa à evocação de Aristides a nível internacional<sup>129</sup> e à Sousa Mendes Foundation, sediada nos Estados Unidos<sup>130</sup>.

---

<sup>125</sup>Marques, M. (4 de março de 2011). Portugal tem oito novos monumentos nacionais. *Diário de Notícias*(51828), 54.

<sup>126</sup>Marujo, M. (31 de agosto de 2019). Da repressão à liberdade em 22km. *Diário de Notícias*(54919), 8-11.

<sup>127</sup>Deputados do PSD escrevem a Alain Juppé. (18 de maio de 2012). *Jornal de Notícias*(Ano 124 N.º 352), 26.

<sup>128</sup>Colaço, A. (1976, outubro 25). Para quando a reabilitação do Dr. Sousa Mendes?. *Diário Popular*, 3.

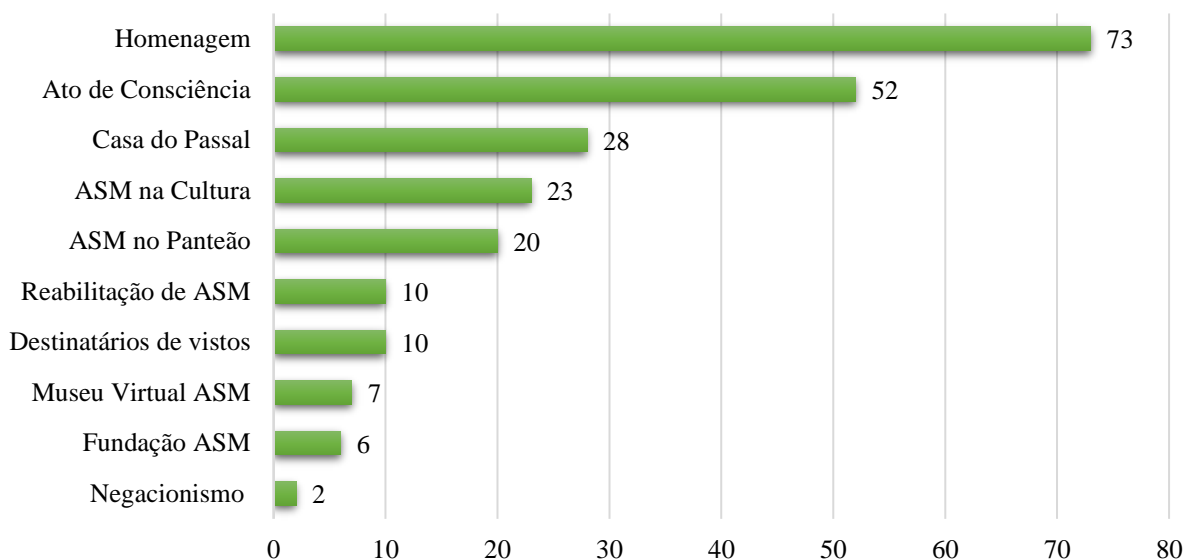
<sup>129</sup>Evocação de Sousa Mendes em 30 cidades. (15 de junho de 2004). *Diário de Notícias*(49388), 17.

<sup>130</sup>Procura por pessoas salvas do holocausto. (14 de janeiro de 2012). *Diário de Notícias*(52142), 29.

### 2.3.5. Distribuição de artigos por temas

Tendo como foco o assunto protagonista da presente investigação - Aristides de Sousa Mendes -, foi necessário dividir os temas principais de cada artigo, todos eles relacionados com o cônsul, mas focando em dimensões diferentes da sua figura:

**Gráfico n.º 4 - Distribuição de artigos por temas**



O tema mais abordado, correspondendo a 31,6% dos artigos do *corpus*, foi “Homenagem”; em causa peças relativas à organização de momentos de tributo a Aristides de Sousa Mendes<sup>131 132</sup>. De seguida, surgem os artigos que se focam na narrativa do seu Ato de Consciência, bem como nas punições de que foi alvo<sup>133 134</sup>, tratando-se de peças fortes e com alguma carga de dramatismo, em regra centradas na vida e obra do cônsul (22,5% das peças analisadas). De seguida, os temas mais desenvolvidos foram a reabilitação da Casa do Passal<sup>135 136</sup> (12,1% do total), a presença da figura de Aristides na

<sup>131</sup>Granada, N. (26 de março de 1995). Português que salvou 30 mil recordado na Estação Parque. *Correio da Manhã*(5803), 10-11.

<sup>132</sup>Pincha, J. P. (2 de fevereiro de 2021). Monumento a Aristides em Alfama ainda não é assunto encerrado. *Público*(11239), 18.

<sup>133</sup>Rosa, C. (21 de janeiro de 1989). Os segredos do processo. *Sábado*(31), 37-41.

<sup>134</sup>Ferreira, S. (22 de agosto de 2017). Povo era pobre e não podia ajudar Aristides Sousa Mendes. *Jornal de Notícias*(Ano 130 N.º 82), 10.

<sup>135</sup>Marcelino, V. (15 de julho de 2000). Hotel Aristides Sousa Mendes. *Expresso*(1446), 18.

<sup>136</sup>Amaro, C. (22 de novembro de 1998). O "holocausto" da casa de Sousa Mendes. *Notícias Magazine*(49533), 60-66.

área da Cultura<sup>137 138</sup> (10%) e o processo de Panteonização e consequente Cerimónia de Concessão de Honras de Panteão Nacional<sup>139 140</sup> (8,7%).

Com o mesmo destaque (4,3% do total de peças do *corpus*), encontram-se os artigos que incidem sobre a reabilitação de Aristides de Sousa Mendes<sup>141 142</sup> e os que têm como protagonistas os destinatários de vistos do cônsul<sup>143 144</sup>. As peças sobre o lançamento do *Museu Virtual Aristides de Sousa Mendes*<sup>145 146</sup> (3%), o processo de criação da Fundação Aristides de Sousa Mendes<sup>147 148</sup> (2,6%) e as que questionam o comportamento do diplomata<sup>149 150</sup> (0,9%) têm uma expressão menor no corpus de análise.

---

<sup>137</sup>Livro francês sobre Sousa Mendes. (3 de dezembro de 1998). *Público*(3185), 23.

<sup>138</sup>Antunes, J. (28 de novembro de 2009). Finalmente, Aristides de Sousa Mendes. *Jornal de Notícias*(Ano 122 N.º 180), 54.

<sup>139</sup>Aristides de Sousa Mendes - Livre quer Panteão. (20 de novembro de 2019). *Correio da Manhã*, 28.

<sup>140</sup>Davim, M. (8 de outubro de 2020). Covid atrasa Panteão. *Sábado*(858), 18.

<sup>141</sup>Carvalho, A. (24 de março de 1986). “Wallenberg Português” merece ser reabilitado - Família de Aristides de Sousa Mendes pede que seja feita justiça. *A Capital*(5779), 5.

<sup>142</sup>Melo, G. d. (19 de março de 1988). Cônsul Sousa Mendes reabilitado por unanimidade. *Diário de Notícias*(43463).

<sup>143</sup>André, A. C. (13 de julho de 2017). O museu dos fugitivos judeus e de Aristides. *Sábado*(689), 66-70.

<sup>144</sup>Aristides de Sousa Mendes salvou a vida a Salvador Dalí. (19 de junho de 2020). *Correio da Manhã*, 40.

<sup>145</sup>Costa, J. F. (19 de fevereiro de 2008). Inaugurado hoje museu virtual de Aristides. *Público*(6533), 13.

<sup>146</sup>Museu virtual evoca Sousa Mendes. (20 de fevereiro de 2008). *Diário de Notícias*(50726), 50.

<sup>147</sup>Carvalho, A. (11 de janeiro de 1999). Aristides Sousa Mendes vai ter fundação. *Diário de Notícias*(47410), 21.

<sup>148</sup>Melo, A. (10 de março de 2000). Comissão Aristides Sousa Mendes em Carregal do Sal - Câmara contra Fundação. *Público*(3645), 18.

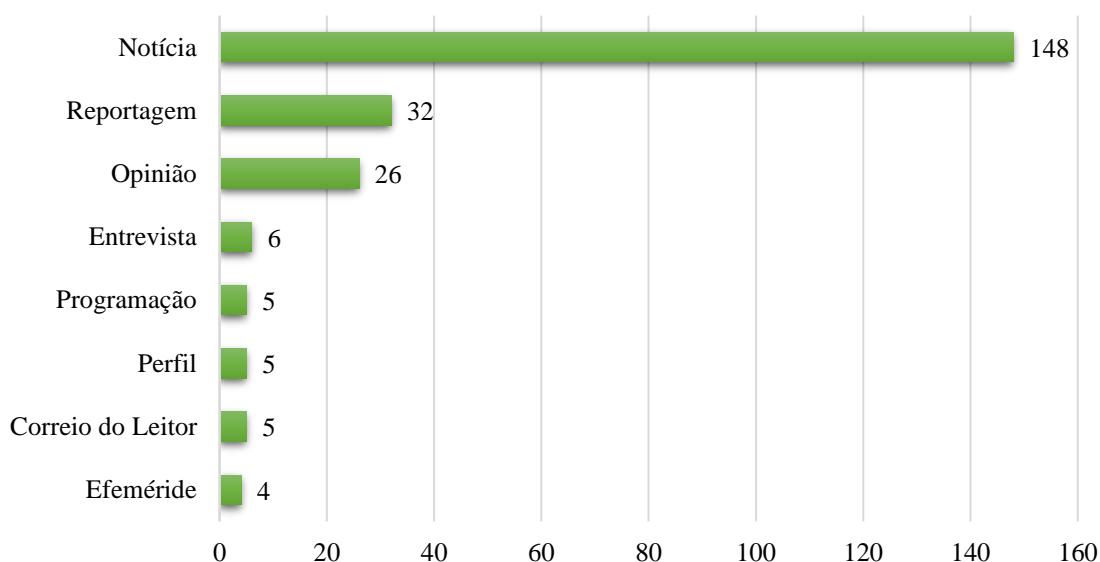
<sup>149</sup>Henriques, J. P. (9 de fevereiro de 2019). Aristides e Salazar voltam a encontrar-se em tribunal. *Diário de Notícias*(54716), 14-15. Nota: Apresenta um tom positivo em relação a Aristides, abordando episódios de negacionismo em relação ao mesmo.

<sup>150</sup>Castanheira, J. P. (1 de novembro de 2008). “Um mito criado por judeus”. *Actual*(1879). Nota: Ao contrário do artigo supracitado, na anterior nota de rodapé, apresenta um tom negativo em relação a Aristides, através da utilização de uma fonte negacionista em relação ao mesmo.

### 2.3.6. Artigos por género jornalístico e por tipo de autor

Os 231 artigos que fazem parte deste *corpus* de análise foram distribuídos por nove géneros (gráfico n.º 5):

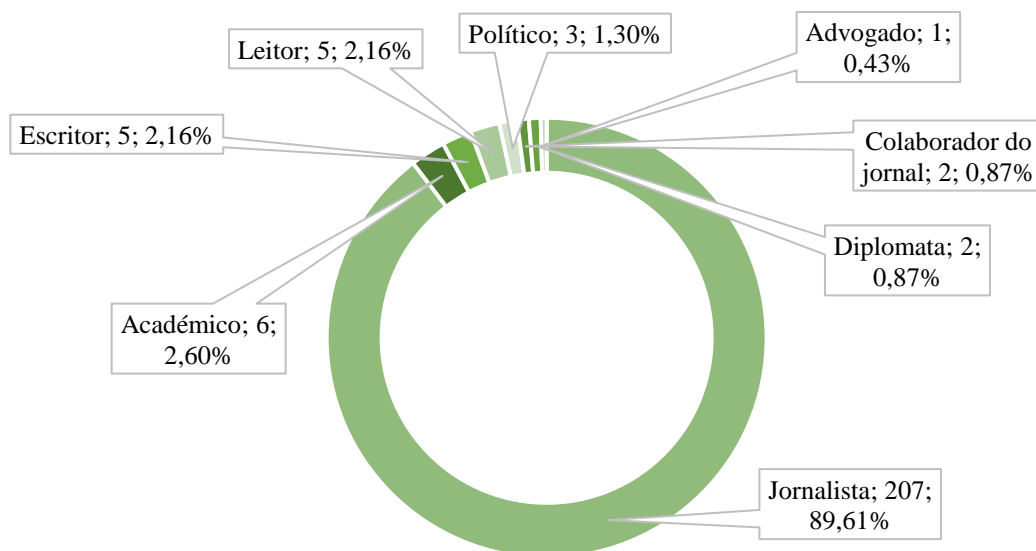
**Gráfico n.º 5 - Distribuição de artigos por género**



Do total de artigos analisados, mais de metade foram notícias (64,1%), tendo, de seguida, as reportagens (13,9%) e os artigos de opinião (11,3%) apresentado maior relevância. Os géneros de entrevista (2,6%), programação (2,2%), correio do leitor (2,2%), perfil (2,2%) e efeméride (1,7%) têm menor representatividade. Deve ainda ter-se em conta que, à exceção da entrevista, se tratam de peças que têm um tamanho menor que as restantes.

Associados aos géneros das peças jornalísticas, é pertinente analisar quem produz as peças, agrupando os autores por categorias:

**Gráfico n.º 6 - Distribuição de artigos por tipo de autor**



De acordo com a leitura do gráfico n.º 6, os jornalistas constituíram o grupo do tipo de autor que mais peças produziu<sup>151</sup> em termos de quantidade geral de peças (89,61%). Acrescenta-se que tal se traduziu ainda na diversidade de géneros, redigindo os jornalistas em todos eles, à exceção do “correio do leitor”.

Este último, tal como o nome indica, destina-se exclusivamente aos leitores, tratando-se de um pequeno espaço de intervenção onde têm oportunidade de manifestar as suas opiniões. É curioso observar que, entre os cinco artigos correspondentes à secção do “correio do leitor”, em três periódicos diversos - *Correio da Manhã*<sup>152 153</sup>, *Destak*<sup>154</sup> e

---

<sup>151</sup>Deixa-se a nota que todos os autores cujo nome surge sem lhe ser atribuída uma função foram identificados como jornalistas, bem como nos casos em que não é indicado nenhum nome de autor no artigo, uma vez que o jornalismo trata desta questão com lógica e legitimidade. Ou seja, quando o autor de alguma peça não se trata de um jornalista, este é facilmente identificado. Por essa mesma razão, quando não é identificada a autoria de algum artigo, o autor é classificado enquanto jornalista, pelo que esta informação foi já considerada no gráfico n.º 6.

<sup>152</sup>Santos, V. (7 de agosto de 2020). Lembrar Aristides Sousa Mendes. *Correio da Manhã*, 18.

<sup>153</sup>Santos, V. (20 de julho de 2021). Aristides de Sousa Mendes no Panteão. *Correio da Manhã*, 22.

<sup>154</sup>Santos, V. C. (21 de outubro de 2021). Honrar Aristides de Sousa Mendes. *Destak*(3656), 12.

*Jornal de Notícias*<sup>155 156</sup>, quatro deles têm a mesma autoria<sup>157</sup>. Este espaço destinado ao leitor permitiu prestar homenagem a Aristides de Sousa Mendes e tecer críticas aos negacionistas do seu Ato de Consciência. Este foi o caso de um outro leitor em relação a José Hermano Saraiva<sup>158</sup>, após o mesmo ter concedido uma entrevista ao *Sol*<sup>159</sup>, rejeitando o gesto do cônsul em Bordéus, no ano de 1940.

---

<sup>155</sup>Marques, R. (24 de outubro de 2009). Hermano Saraiva e Aristides Mendes. *Jornal de Notícias*(Ano 122 N.º 145), 23.

<sup>156</sup>Santos, V. C. (16 de novembro de 2021). Aristides de Sousa Mendes: mais vale tarde do que nunca. *Jornal de Notícias*(Ano 134 N.º 168), 30.

<sup>157</sup>Apesar de aquele que se considera ser o mesmo autor nos jornais *Correio da Manhã*, *Destak* e *Jornal de Notícias* se apresentar no primeiro apenas como “Vitor Santos” e nos outros dois como “Vitor Colaço Santos” (podendo esta ter-se tratado de uma escolha editorial), depreende-se que se trata do mesmo leitor pelo tom conduzido na escrita. É ainda importante acrescentar que os artigos que o autor, então identificado como “Vitor Colaço Santos”, escreveu para o *Destak* e para o *Jornal de Notícias* apresentam bastantes semelhanças, tendo sido publicados na mesma altura.

<sup>158</sup>“Não há faculdade mais valiosa para um ser humano do que a memória. A memória é o chão em que fincamos os pés... Se a memória é essencial para a ação de qualquer homem ou mulher, é-o ainda mais para um historiador. É o instrumento que usa no seu trabalho, nas suas pesquisas, se ele a perde torna-se um ser incomum e absurdo, um falsificador da realidade.”

<sup>159</sup>José Hermano Saraiva (1919-2012) foi um rosto conhecido da televisão pública, onde dava a conhecer vários episódios da História de Portugal. Foi ainda professor e advogado, autor de dezenas de obras publicadas, deputado na Assembleia Nacional e Ministro da Educação no tempo do Estado Novo. Uma vez que a entrevista mencionada não se centra em Aristides de Sousa Mendes, optou-se por não se incluir este artigo no presente *corpus*. No entanto, deixa-se a transcrição da sua resposta à seguinte pergunta: “Nas suas *Memórias*, provocou um grande escândalo ao dizer que Aristides de Sousa Mendes não foi o herói que fizeram dele, e até levantou dúvidas sobre as intenções daquilo que se considera o seu grande papel na salvação de vidas. Em que é que se baseou para fazer esse outro retrato de Aristides de Sousa Mendes?” “Quando advogado, eu almoçava todos os dias num restaurante numa rua da Baixa, onde se comia muito bem, e travei ali relações com um homem que tinha sido subinspetor da PIDE e que fora demitido. Tornara-se solicitador – um solicitador não encartado – e ajudava muitos advogados. Esse homem contou-me que tinha sido demitido por causa do processo do Aristides. Ele e outro inspetor fizeram um cambalacho com uns passaportes falsos que venderam muito caro. Mais tarde, o eng. Leite Pinto, antigo ministro da Educação, contou-me que, quando era administrador dos caminhos-de-ferro da Beira Alta, Salazar lhe pediu para fazer uma operação-mistério, de grande porte, que era transportar da fronteira de Irun para Vilar Formoso milhares de republicanos espanhóis e judeus que lá estavam acumulados e que o Franco, se os apanhasse, matava. E que, se lá ficassem, eram mortos pelos apoiantes do Hitler. Então, os comboios do volfrâmio, que iam para lá selados, eram despejados em Irun e recarregados com os refugiados, que eram despejados em Vilar Formoso. Daí eram levados para várias terras. uma delas, as Caldas da Rainha, onde toda a gente sabe que estiveram um mês. Ao fim de um mês tinham de ir à sua vida. De facto, qual era a possibilidade de um cônsul, um simples cônsul, mobilizar meios para transportar 40 mil pessoas através de um país hostil? Como é que isso era possível? Só era possível para uma organização estadual, como é evidente. Mais: não há nenhum documento do Aristides que diga isso, não há nenhum. E ele nem sequer foi demitido, porque era monárquico, era irmão do César de Sousa Mendes, que tinha sido ministro juntamente com o Dr. Salazar, ministro dos Estrangeiros. Tinha uma carreira obscura, já com vários processos disciplinares. Naquela altura estava em Bordéus, que era um consulado sem grande importância, tinha uma família numerosa e dificuldades económicas. Fizeram umas centenas de passaportes, que venderam, até que a PIDE deu por isso. Acontece que um dos beneficiários dos passaportes, um judeu, soube que tinham sido salvas 40 mil pessoas e concluiu que o haviam sido pela mesma porta dele, pelo cônsul de Bordéus, e veio dizê-lo. E isso foi aceite imediatamente, sem a mínima investigação...”

As quatro efemérides identificadas corresponderam à assinalação, por jornalistas, de acontecimentos e datas relacionadas com Aristides de Sousa Mendes<sup>160 161 162 163</sup>. A mesma autoria se aplica aos cinco perfis<sup>164 165 166 167 168</sup> realizados sobre o mesmo e aos cinco artigos classificados como “programação”, que visam promover e incentivar o consumo de produtos culturais relacionados com o cônsul, neste caso, o filme *O Cônsul de Bordéus*<sup>169 170</sup>, documentários sobre a sua vida<sup>171 172</sup> e um musical em sua homenagem<sup>173</sup>.

As seis entrevistas que constituem o *corpus* foram igualmente conduzidas por profissionais da área do jornalismo (tendo o seu nome sido identificado em todas) e visaram entrevistar personalidades relacionadas, de alguma forma, com o cônsul, sendo elas as seguintes: António Pedro Moncada de Sousa Mendes, neto de Sousa Mendes<sup>174</sup>, o qual já foi várias vezes referido no decorrer desta investigação; José Leitão, então Presidente da Fundação Aristides Sousa Mendes<sup>175</sup>; José-Alain Fralon, jornalista do francês *Le Monde* e autor de *Aristides de Sousa Mendes - Um Herói Português*<sup>176</sup>; Pedro Nuno Sousa Mendes, filho de Aristides<sup>177</sup>; e Victor Norte, ator escolhido para interpretar Aristides no filme *O Cônsul de Bordéus*<sup>178 179</sup>.

---

<sup>160</sup>1940. (17 de junho de 2010). *Diário de Notícias*(51570), 63.

<sup>161</sup>1954. (3 de abril de 2013). *Diário de Notícias*(52585), 55.

<sup>162</sup>“Legado de coragem e defesa da dignidade da pessoa humana”. (20 de julho de 2020). *Destak*(3563), 4.

<sup>163</sup>Panteão Nacional. (18 de outubro de 2021). *Correio da Manhã*, 22.

<sup>164</sup>Carvalho, A. (1979, fevereiro 22). Um “justo” português. *A Capital*, 15.

<sup>165</sup>Melo, A. (8 de dezembro de 1996). “Homem bom”. *Público*(2464), 27.

<sup>166</sup>Melo, A. (17 de novembro de 1998). Em nome da dignidade. *Público*(3169), 4.

<sup>167</sup>Barroso, J. M. (17 de junho de 2004). Aristides de Sousa Mendes - Três dias isolado até tomar a decisão. *Diário de Notícias*(49390), 19.

<sup>168</sup>Vitória, A. (17 de dezembro de 2020). Salvou milhares e morreu na miséria. *Jornal de Notícias*(Ano 133 N.º 199), 34.

<sup>169</sup>Aristides de Sousa Mendes - O cônsul de Bordéus. (12 de novembro de 2012). *Jornal de Notícias*(Ano 125 N.º 164), 54.

<sup>170</sup>RTP1 emite filme português. (7 de dezembro de 2014). *Jornal de Notícias*(Ano 127 N.º 189), 57.

<sup>171</sup>A Herança de Aristides. (19 de julho de 2021). *Correio da Manhã*, 46.

<sup>172</sup>A Herança de Aristides. (16 de julho de 2021). *Evasões*(329), 40.

<sup>173</sup>Aristides - O Musical. (16 de junho de 2017). *Evasões*(116), 1,4.

<sup>174</sup>Assor, M. (18 de junho de 2006). António Sousa Mendes - "Penso que a causa do meu avô devia avançar com todas as facções políticas. É universal.". *Domingo Magazine*(9683), 38-42.

<sup>175</sup>Mangas, F. (10 de janeiro de 2014). "Aristides de Sousa Mendes não compete com Eusébio". *Diário de Notícias*(52865), 56.

<sup>176</sup>Cunha, I. A. (17 de novembro de 1998). José Alain Fralon, jornalista do "Le Monde" - Aristides é o anti-Papon. *Público*(3169), 3.

<sup>177</sup>Assor, M. (23 de janeiro de 2005). “Que o meu pai sirva de exemplo”. *Domingo Magazine* (9374), 24-27.

<sup>178</sup>Antunes, J. (28 de novembro de 2009). "Tive menos coisas a que me agarrar. Estou um bocado em pânico". *Jornal de Notícias*(Ano 122 N.º 180), 55.

<sup>179</sup>Antunes, J. (9 de novembro de 2012). "Aristides teve um ato de amor grandioso". *Jornal de Notícias*(Ano 125 N.º 161), 42.

Deve salientar-se que todas as notícias foram produzidas por jornalistas, bem como as reportagens, à exceção de duas delas, concebidas por dois investigadores que estudaram de forma profunda a figura de Aristides de Sousa Mendes<sup>180 181</sup>.

É nos artigos de opinião que existe maior diversidade de tipos de autor, devido à própria natureza deste género. Entre eles, encontram-se académicos, um advogado, colunistas/colaboradores não jornalistas, um escritor<sup>182</sup>, diplomatas e políticos. Tendo em conta a dimensão diplomática, política e histórica da figura de Aristides de Sousa Mendes, lógico é que tal facto vá ao encontro dos próprios ofícios dos autores que escolhem escrever sobre ele.

Entre os autores, surgem alguns nomes que se repetem, independentemente do género e com redação de peças de média e grande dimensão, destacando-se os jornalistas veteranos António Carvalho<sup>183</sup> com cinco artigos sobre Aristides entre 1979 e 1999, no *A Capital*, onde iniciou a sua carreira, e também no *Diário de Notícias* - e António Melo - com dez artigos publicados no jornal *Público*, entre 1995 e 2000<sup>184</sup>.

É ainda de importante referência que, uma vez que o género “opinião” apresenta grande destaque neste *corpus* e que a maioria dos autores deste tipo de artigos não se trata de jornalistas, esta é a prova de que o amplo espaço concedido pelos periódicos a artigos de opinião sobre Aristides de Sousa Mendes pode ser revelador da importância que escolheram dar ao tema, considerando o tom positivo utilizado em todos esses artigos.

### 2.3.7. Fontes utilizadas

As fontes garantem a credibilidade de uma cobertura jornalística de qualidade. No caso da presente investigação, a utilização das mesmas contribuiu para sustentar a informação veiculada sobre Aristides de Sousa Mendes, suportando o trabalho dos autores das peças.

---

<sup>180</sup> Afonso, R. (25 de março de 1988). O crime de salvar judeus. *O Jornal Ilustrado*(683).

<sup>181</sup> Ramalho, M. M. (18 de julho de 2020). Elogio da desobediência. *E - A Revista do Expresso*(2490), 42-47.

<sup>182</sup> José Jorge Letria é maioritariamente apresentado como sendo escritor, não tendo sido, por esse motivo, incluído no grupo de “jornalistas” enquanto tipo de autor.

<sup>183</sup> Especialista em assuntos culturais e autor de livros sobre a diáspora judaica portuguesa.

<sup>184</sup>“(…) Até 1986, ano em que Jaime Gama reiniciou o processo de reabilitação, apenas dois jornalistas (António Colaço, do *Diário Popular*, em 1976, e António Carvalho, de *A Capital*, em 1979) se interessaram pelo caso, que permaneceu silenciado no MNE. (...) Na sequência da série *Wallenberg - A História de um Herói*, transmitida pela RTP em 1986 e que relata a odisseia do sueco que salvou mais de 100 mil vidas do holocausto, os dois jornalistas voltaram à carga”. - Alves, E. (6 de maio de 1995). O português que salvou milhares de refugiados. *Jornal de Notícias*(Ano 107 N.º 339), 15.

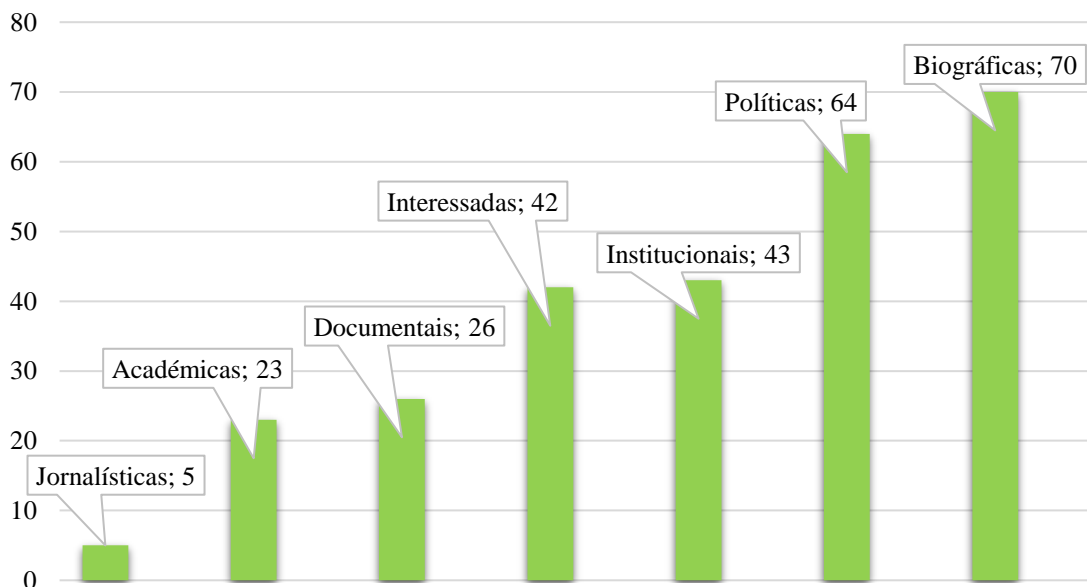
Nem todos os artigos apresentaram fontes ou identificaram a origem da informação. Dos 152 artigos (no total de 231) que recorreram às mesmas, a respetiva quantidade distribuiu-se da seguinte forma:

**Tabela n.º 2 - Número de fontes utilizadas**

Número de Fontes	Número de Artigos	Percentagem
Uma	59	38,8%
Duas	27	17,8%
Três	31	20,4%
Quatro	9	5,9%
Cinco	12	7,9%
Seis	2	1,3%
Sete	4	2,6%
Oito	5	3,3%
Onze	2	1,3%
Doze	1	0,7%
<b>Total</b>	<b>152</b>	<b>100%</b>

De forma a proceder-se à análise das fontes utilizadas pelos autores, como já anteriormente explicado, procedeu-se à sua tipificação (gráfico n.º 7):

**Gráfico n.º 7 - Tipo de fontes utilizadas**



Alguns artigos apresentaram mais do que um tipo de fonte, de acordo com o número de fontes identificadas.

A maioria dos autores privilegiaram as “fontes biográficas” (70 vezes) - testemunhas diretas e indiretas do Ato de Consciência de Aristides de Sousa Mendes, onde se incluem familiares do cônsul<sup>185</sup>, destinatários de vistos e respetivos descendentes<sup>186</sup>, residentes em Cabanas de Viriato<sup>187</sup> e, em algumas ocasiões, o próprio Aristides<sup>188</sup> - e 64 vezes a “fontes políticas” - Presidentes da República<sup>189</sup>, membros de Governo<sup>190</sup> e de partidos políticos<sup>191</sup>, dos Presidentes e outros elementos das autarquias de Cabanas de Viriato<sup>192</sup>, Carregal do Sal<sup>193</sup> e de Viseu<sup>194</sup>, inerentemente ligados à figura de Aristides de Sousa Mendes.

Foram utilizadas 43 “fontes institucionais”<sup>195</sup>, ou seja, através de manifestações de entidades públicas e privadas (tais como a intervenção da Diretora Regional de Cultura do Centro<sup>196</sup> e do Presidente da Comunidade Israelita de Lisboa<sup>197</sup>, entre outras), bem como a manifestação de diplomatas e de figuras ligadas a religiões (nas figuras de, por exemplo, D. José Policarpo enquanto cardeal-patriarca de Lisboa, de Boaz Pash, líder da comunidade judaica em Portugal e de Abdool Vakil, líder da comunidade muçulmana no nosso país<sup>198</sup>). Foram ainda citadas 42 “fontes interessadas”, isto é, relatos de membros

---

<sup>185</sup>Salazar demitiu-o por salvar judeus e o filho exige agora desculpas de Soares. (22 de março de 1986). *Correio da Manhã*(2530), 25.

<sup>186</sup>Maia, A. (4 de julho de 2016). Aristides de Sousa Mendes e a viagem do caminho da liberdade. *Diário de Notícias*(53767), 18-19.

<sup>187</sup>Albuquerque, M. (30 de dezembro de 2002). Casa do “anjo de Bordéus” aguarda candidatura a Património da Humanidade. *Público*(4666), 41.

<sup>188</sup>Melo, A. (20 de março de 1995). Homenagem a Sousa Mendes. *Público*(1837), 22.

<sup>189</sup>Cardoso, T. (17 de maio de 1999). Não podemos ignorar o “cônsul sem medo”. *Jornal de Notícias*(Ano 111 N.º 350), 31.

<sup>190</sup>Amaral, N. (3 de abril de 2004). Governo quer envolver mecenas na reconstrução da casa de Sousa Mendes. *Público*(5124), 13.

<sup>191</sup>Henriques, J. P. (3 de junho de 2004). A segunda vingança de Salazar sobre Sousa Mendes. *Público*(5185), 13.

<sup>192</sup>Gonçalves, P. (26 de março de 2004). Humanidade em ruína. *DNA*(382), 18-23.

<sup>193</sup>Melo, A. (16 de março de 2000). Aristides Sousa Mendes - 50 mil contos para fundação polémica. *Público*(3651), 20.

<sup>194</sup>A.A. (26 de junho de 2011). Aristides de Sousa Mendes dá nome a sala na renovada sinagoga de Viseu. *Diário de Notícias*(51942), 24.

<sup>195</sup>As fontes institucionais diferem das fontes políticas na medida que expressam intervenções de entidades, organizações, entre outras, distanciando-se do panorama político.

<sup>196</sup>Recuperação da casa de Aristides de Sousa Mendes. (7 de abril de 2014). *Diário de Notícias*(52952), 50.

<sup>197</sup>“Foi um homem bom e corajoso” - Mário Soares evoca Aristides de Sousa Mendes. (9 de junho de 1993). *A Capital*(7946), 3.

<sup>198</sup>Cardeal evoca grandeza cívica do cônsul. (18 de junho de 2004). *Diário de Notícias*(49391), 6.

da Fundação Aristides de Sousa Mendes<sup>199</sup> e da Sousa Mendes Foundation<sup>200</sup> e de outros promotores de ações de homenagem ao cônsul<sup>201</sup> que não se enquadram em mais nenhuma categoria, desde meros cidadãos que organizam tributos<sup>202</sup> a realizadores de cinema e outros impulsionadores de produtos culturais<sup>203</sup>.

As restantes, identificadas como “ fontes documentais”, foram separadas em três tipos: 26 “documentos de arquivo”, ou seja, evocação de documentação histórica existente, como a acusação e a defesa de Sousa Mendes<sup>204</sup>; 23 “estudos académicos”, ou seja, trabalhos conduzidos por investigadores<sup>205</sup> e, finalmente, 5 trabalhos jornalísticos, os quais se referem a outros artigos publicados na imprensa<sup>206</sup>.

É ainda importante referir que, no âmbito desta análise, foram analisadas todas as fontes diretas e indiretas, depreendendo que os autores recorreram ao testemunho propositado de algumas fontes, bem como a fontes pré-existentes, sendo o melhor exemplo destas últimas as documentais.

Analisaram-se igualmente os 79 artigos que não identificam as fontes utilizadas e concluiu-se que a grande maioria destes (50 peças) são de pequena dimensão, o que poderá, na ótica da autora, justificar esta ausência. Além disso, dos 19 artigos de média dimensão sem identificação das fontes utilizadas, mais de metade (11) trata-se de artigos de opinião, o que, uma vez mais, explica este fenómeno. Por fim, existem 10 peças de grande dimensão que não identificam a origem da informação, sendo duas delas também de opinião, três são entrevistas e outras duas classificadas como programação, tratando-se de géneros que, por norma, não recorrem a fontes.

---

<sup>199</sup>Solar de Aristides Mendes sem dinheiro para obras. (28 de março de 2006). *Jornal de Notícias*(Ano 118 N.º 300), 26.

<sup>200</sup>Guerra, A. R. (25 de janeiro de 2016). Dois milhões de euros para restaurar casa. *Diário de Notícias*(53606), 41.

<sup>201</sup>Correia, A. (24 de novembro de 1997). Casa de Aristides de Sousa Mendes vai ser hotel. *Público*(2813), 53.

<sup>202</sup>Marques, C. (7 de abril de 2014). Casa de Aristides vai ser recuperada. *Jornal de Notícias*(Ano 126 N.º 310), 24.

<sup>203</sup>Oliveira, L. H. (14 de outubro de 2009). "O cônsul de Bordéus" roda em Viana do Castelo. *Jornal de Notícias*(Ano 122 N.º 135), 51.

<sup>204</sup>J.P.O. (22 de junho de 1990). Um samaritano português. *Diário de Lisboa*(23266), 8.

<sup>205</sup>Ferreira, L. P. (17 de junho de 2021). Heroísmo de Aristides não foi caso único e há outros portugueses no Yad Vashem. *Diário de Notícias*(55575), 8-9.

<sup>206</sup>Sousa, A. d. (1 de novembro de 1997). Aristides Sousa Mendes evocado no “Le Monde”. *Diário de Notícias*(46974), 27.

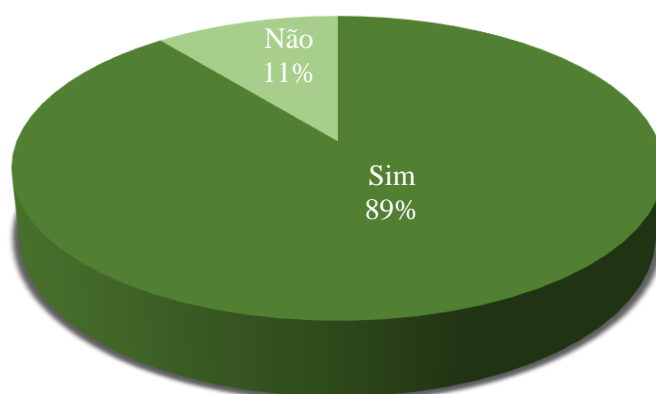
### 2.3.8. Referência ao contexto histórico da figura de Aristides de Sousa Mendes

Uma das preocupações deste estudo é identificar o empenho e o envolvimento do jornalismo português na promoção da história e da imagem de Aristides de Sousa Mendes. Quem foi, realmente? Onde e quando nasceu? O que fez? Onde, quando e como morreu? Por que razões merece ser recordado? Não tivesse esta figura sido esquecida, renegada, praticamente apagada e a autora considera que a cobertura jornalística não teria tido a necessidade de, intencionalmente, contextualizar o gesto de Aristides naquele momento histórico<sup>207</sup>.

Para se contribuir para a construção da sua memória individual e reivindicar a sua presença na memória coletiva, não basta reclamar a sua reabilitação. O jornalismo faz questão de, ao longo dos anos, se ir repetindo para revelar quem foi Aristides de Sousa Mendes, seja recorrendo a uma profunda exploração do contexto histórico em que viveu<sup>208</sup>, assim como da sua vida e obra, seja utilizando frases mais curtas, mas que, de forma breve, apresentam ao leitor quem foi este homem<sup>209</sup>. É também neste enquadramento da figura que se manifesta, frequentemente, o tom positivo que será explorado posteriormente nesta investigação.

No gráfico n.º 8, é possível observar a frequência com que foi efetuada uma contextualização histórica à figura de Aristides de Sousa Mendes:

**Gráfico n.º 8 - Referência ao contexto histórico**



<sup>207</sup>Esta necessidade de evocar, de forma constante, a contextualização histórica de determinada figura não acontece, por exemplo, com António de Oliveira Salazar na maioria dos artigos do *corpus*, uma vez que se presume que esta se trata de uma figura já bastante conhecida do público, ao contrário de Aristides.

<sup>208</sup>Comunidade judia homenageia Aristides Sousa Mendes por coragem e humanismo. (8 de junho de 1993). *Correio da Manhã*(5151), 22-23.

<sup>209</sup>Aristides de Sousa Mendes - Livre quer Panteão. (20 de novembro de 2019). *Correio da Manhã*, 28.

É apresentada a conjuntura histórica relativa a Aristides de Sousa Mendes em 206 artigos, ou seja, em 89% das peças jornalísticas analisadas, deixando patente a necessidade de enquadrar e explicar quem foi e por que razão a figura é evocada.

Apenas 25 artigos, correspondendo a 11% do material do *corpus*, não recorrem à contextualização histórica. Trata-se, na sua maioria, de peças de dimensão pequena, alguns deles contando com breves linhas de texto, o que contribui para justificar a ausência deste enquadramento histórico.

Igualmente interessante é constatar que surgem alguns erros nos textos impressos de vários artigos, ao longo dos anos, pelo que se procede à respetiva correção:

- “Do casamento de Aristides de Sousa Mendes e de Angelina Sousa Mendes resultou numerosa prole: nada mais nada menos que dezasseis filhos”<sup>210</sup>: Aristides teve 15 filhos, 14 dos quais com a sua esposa Angelina. Não se conhece a origem do erro;

- “(...) permitindo a 50 mil pessoas fugirem para Portugal (...)”<sup>211</sup>: regra geral, estima-se que Aristides de Sousa Mendes tenha concedido vistos a 30 mil pessoas. Não se conhece a origem do erro;

- “(...) emitiu cerca de 40 mil vistos a judeus”<sup>212</sup>: regra geral, estima-se que Aristides de Sousa Mendes tenha concedido vistos a 30 mil pessoas, entre os quais 10 mil judeus. Não se conhece a origem do erro;

- “O cônsul português em Bruxelas (...)”<sup>213</sup>: erro accidental, pois, noutros momentos no corpo de texto, refere-se que Aristides era cônsul-geral em Bordéus;

- “A família Sousa Mendes sofreu represálias do Estado Novo pelo facto de ter salvo milhares de judeus na II Guerra Mundial, durante a sua presença na Bélgica”<sup>214</sup>: este erro surge na legenda da imagem do artigo, apesar de no corpo de texto o autor mencionar que Aristides era, à época do seu Ato de Consciência, cônsul em Bordéus. O posto anteriormente a este foi, efetivamente, em Antuérpia, Bélgica;

- “(...) Sousa Mendes, que na altura exercia o consulado em Lion, onde passou milhares de vistos a judeus (...)”<sup>215</sup>: Aristides era cônsul em Bordéus, nunca tendo

---

<sup>210</sup>Carvalho, A. (28 de janeiro de 1986). Outro Wallenberg esquecido por nós - Cônsul Português em Bordéus Salva Milhares de Judeus. *A Capital*(5733), 14,23.

<sup>211</sup>Salazar demitiu-o por salvar judeus e o filho exige agora desculpas de Soares. (22 de março de 1986). *Correio da Manhã*(2530), 25.

<sup>212</sup>Antigo cônsul vai ser homenageado. (19 de março de 1987). *O Século*(328), 13.

<sup>213</sup>“O Caso Sousa Mendes” - Os vistos da justiça. (9 de maio de 1990). *Diário de Lisboa*(23236), 21.

<sup>214</sup>Salvou milhares de judeus na II Guerra - Aristides Sousa Mendes evocado em Lisboa. (22 de junho de 1990). *Diário Popular*(16225), 6.

<sup>215</sup>Sousa Mendes evocado por ter salvo judeus durante a 2.ª Guerra Mundial. (22 de junho de 1990). *Correio da Manhã*(4075).

ocupado qualquer posto em França. No entanto, neste artigo é abordada uma intervenção do historiador norte-americano Douglas Wheeler, especialista em assuntos portugueses já referenciado no Estado da Arte da presente dissertação, pelo que se depreende que este erro não terá sido proferido pelo mesmo;

- “Mas perante a desobediência de Aristides às ordens emanadas pelo Governo português, desde novembro de 1939 até sensivelmente maio de 1940 (...)”<sup>216</sup>: Aristides de Sousa Mendes passou vistos clandestinos até junho de 1940 e não até maio do mesmo ano. Apesar disso, neste artigo a principal fonte é Pedro Nuno, filho do cônsul que testemunhou em primeira pessoa o gesto do pai em Bordéus, suscitando a grande dúvida se este erro terá sido induzido pelo mesmo;

- “Aristides de Sousa Mendes acabaria por falecer (em abril de 1954) na sua mansão de Cabanas de Viriato, ao lado da mulher que tanto o apoiara, Angelina (...)”<sup>217</sup>: Aristides faleceu em Lisboa, sendo que a sua primeira esposa, Angelina, já tinha morrido. Tratando-se da peça referida no parágrafo anterior, mantém-se a incerteza relativamente à origem da imprecisão desta informação;

- “Sousa Neves”<sup>218</sup>: caso único no corpo de texto e, por essa razão, considerado um erro accidental, já que o nome correto do cônsul é referenciado mais do que uma vez;

- “(...) Nasceu a 19 de julho de 1885 em Cabanas de Viriato (Mangualde)”<sup>219</sup>: Cabanas de Viriato pertence ao concelho de Carregal do Sal, sendo Mangualde um concelho vizinho. Não se conhece a origem do erro;

- “Aristides de Sousa Franco”<sup>220</sup>: caso único no corpo de texto e, por essa razão, considerado um erro accidental, já que o nome correto do cônsul referenciado mais do que uma vez;

- “A 13 de abril de 1954, aos 69 anos, Aristides de Sousa Mendes morria (...)”<sup>221</sup>: Aristides morreu no dia 3 de abril de 1954, com 68 anos. Não se conhece a origem do erro;

---

<sup>216</sup>Carrilho, S. (9 de março de 1994). Aristides de Sousa Mendes - O português que salvou milhares de Judeus. *Nova Gente*(912), 44-47.

<sup>217</sup>Carrilho, S. (9 de março de 1994). Aristides de Sousa Mendes - O português que salvou milhares de Judeus. *Nova Gente*(912), 44-47..

<sup>218</sup>Melo, A. (25 de março de 1995). O cônsul de Bordéus à espera de justiça. *Público*(1842), 24.

<sup>219</sup>Granada, N. (26 de março de 1995). Português que salvou 30 mil recordado na Estação Parque. *Correio da Manhã*(5803), 10-11.

<sup>220</sup>Granada, N. (26 de março de 1995). Português que salvou 30 mil recordado na Estação Parque. *Correio da Manhã*(5803), 10-11..

<sup>221</sup>Granada, N. (26 de março de 1995). Português que salvou 30 mil recordado na Estação Parque. *Correio da Manhã*(5803), 10-11..

- “(...) Incapacitado de porvir à numerosa família de 12 filhos (...)”<sup>222</sup>: Aristides teve 15 filhos, estando 13 deles vivos aquando do seu afastamento da carreira diplomática. Todavia, o artigo relaciona-se com uma das biografias de Aristides de Sousa Mendes, investigada e escrita por Rui Afonso, pelo que se depreende que este erro não terá sido redigido pelo mesmo;

- “(...) Aristides de Sousa Mendes, que salvou cerca de mil judeus à revelia de Salazar”<sup>223</sup>: regra geral, estima-se que Aristides de Sousa Mendes tenha concedido vistos a 30 mil pessoas, entre as quais 10 mil judeus. Não se conhece a origem do erro;

- “(...) a Casa do Passal (...), onde Aristides Sousa Mendes passou os últimos dias da sua vida”<sup>224</sup>: Aristides de Sousa Mendes faleceu no Hospital da Ordem Terceira de S. Francisco, em Lisboa, onde estava internado há três dias. Não se conhece a origem do erro;

- “(...) como morreu, a 3 de abril de 1952, viúvo, com muitos dos 15 filhos dispersos pelo mundo (...)”<sup>225</sup>: Aristides faleceu no dia 3 de abril de 1954, estando na altura já casado com Andréa Cibial, mãe da sua 15.ª filha. Utiliza como fonte o discurso de Della, mãe de Jonah Peretti, fundador dos sites de informação *Huffington Post* e *BuzzFeed*, salvos por um visto Sousa Mendes, proferido no Tribunal Civil de Queens, em Nova Iorque, cujo tema central foi Aristides de Sousa Mendes. Por esse motivo, deduz-se que a gralha proveio do conteúdo do mesmo;

- “(...) o embaixador Aristides de Sousa Mendes”<sup>226</sup>: Aristides era cônsul, não embaixador. O artigo faz referência a uma petição admitida no Parlamento português que visava a trasladação do corpo de Aristides de Sousa Mendes para o Panteão Nacional. No entanto, não é claro se o erro provém do conteúdo da referida petição ou do próprio autor.

Apesar de não ser explícito se estes erros foram cometidos devido ao desconhecimento existente em relação a Aristides ou por descuido, no entender da autora, nenhum é grave o suficiente ao ponto de prejudicar o processo de construção da memória

---

<sup>222</sup>Melo, A. (15 de julho de 1995). Sousa Mendes revisitado por Rui Afonso - O ‘grito’ do ‘cônsul de Bordéus’. *Público*(1954), 10.

<sup>223</sup>Sousa Mendes homenageado. (21 de novembro de 1998). *Expresso*(1360), 21.

<sup>224</sup>Cardoso, T. (17 de maio de 1999). Não podemos ignorar o “cônsul sem medo”. *Jornal de Notícias*(Ano 111 N.º 350), 31.

<sup>225</sup>Soares, A. (13 de junho de 2013). A lista de Sousa Mendes. *Visão*(1058), 56-64.

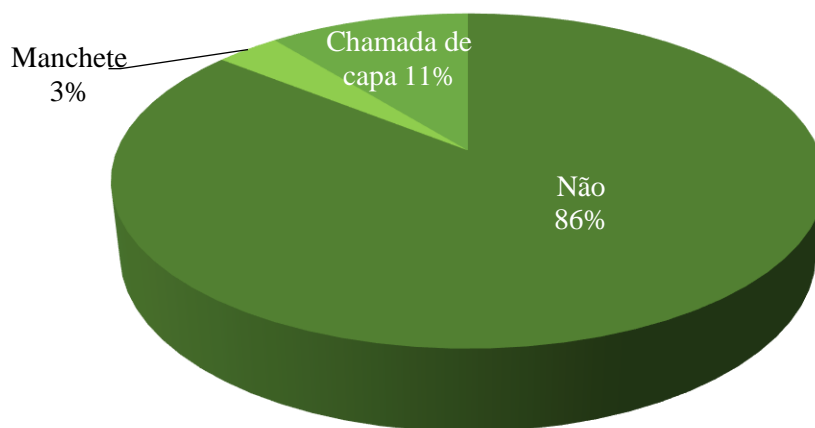
<sup>226</sup>Marujo, M. (25 de fevereiro de 2015). A petição que se segue: Aristides no Panteão. *Diário de Notícias*(53274).

de Aristides de Sousa Mendes. Isto é, não comprometem, nem sabotam a veracidade dos factos relatados.

### 2.3.9. Destaque na capa dos periódicos

Analisou-se ainda o tipo de destaque, ou ausência do mesmo, concedido a cada artigo na primeira página da publicação:

**Gráfico n.º 9 - Destaque a artigos na capa**



Verifica-se que foram mais as vezes em que não se fez referência aos artigos na capa das publicações periódicas (em 198 do total) do que aquelas em que os mesmos foram manchete (8 artigos)<sup>227 228</sup> ou chamada de capa (25 artigos)<sup>229 230</sup>.

O *Diário de Notícias* foi o órgão de imprensa que deu mais destaque a Aristides de Sousa Mendes na capa, de ambas as formas. Entre essas 32 peças com relevo na primeira página, encontraram-se 26 artigos de grande dimensão, procurando, desta forma, garantir protagonismo à figura de Aristides de Sousa Mendes.

<sup>227</sup>Júnior, J. P. (12 de outubro de 2017). Aristides de Sousa Mendes íntimo. *Visão*(1284), 46-53.

<sup>228</sup>Francisco, S. (20 de outubro de 2021). Homenagem ao diplomata – “Portugal curva-se, eternamente grato”. Aristides já está no Panteão. *Diário de Notícias*(55700), 4-5.

<sup>229</sup>Pinto, M. J. (25 de setembro de 2004). Um gesto de alerta em memória de Sousa Mendes. *Diário de Notícias*(49490), 25.

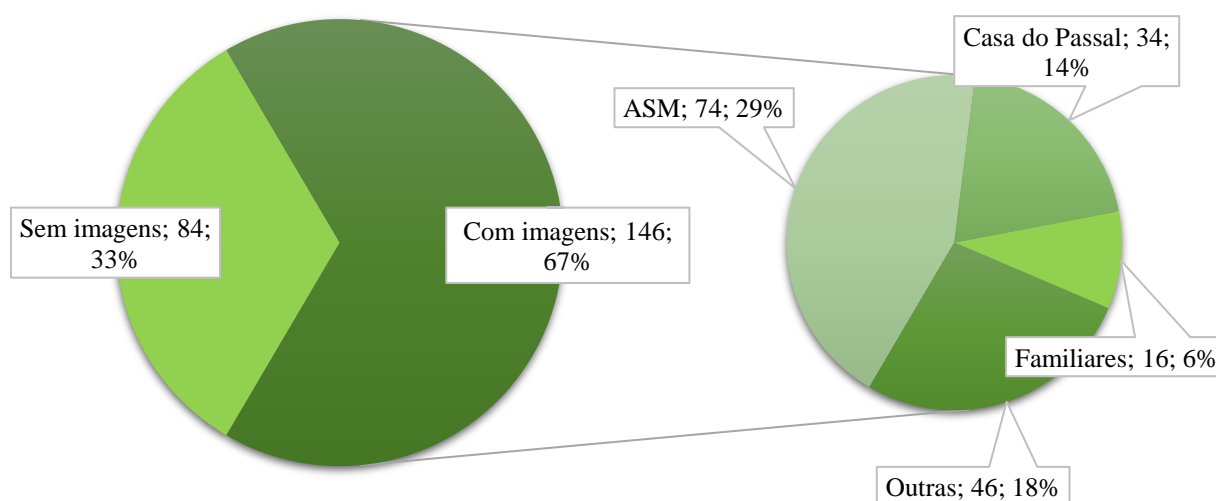
<sup>230</sup>Gonçalves, M. A. (24 de janeiro de 1993). Aristides de Sousa Mendes, o Cônsul Injustiçado - Desobedecer como um direito, um dever. *(Tele)Público*, 2-3.

Alguns destes destaques foram acompanhados por imagens alusivas ao cônsul - tanto em manchetes (como na edição de 13 de junho de 2013 da revista *Visão*)<sup>231</sup>, como em chamadas de capa (edição de 3 de abril de 2000 do jornal *Diário de Notícias*)<sup>232</sup>.

### 2.3.10. Presença de imagens

O ato de fazer acompanhar o corpo de texto com imagens alusivas a Aristides é igualmente um indicador merecedor de atenção no âmbito da construção da memória. Relativamente às imagens utilizadas nos artigos, o gráfico n.º 10 ilustra a forma como as publicações optaram por incluir (ou não) imagens alusivas a Aristides de Sousa Mendes<sup>233</sup>:

**Gráfico n.º 10 - Presença de imagens**



Mais de metade dos artigos do *corpus*, correspondendo a 67%, empregaram imagens, com ou sem legenda. Entre as 146 peças com imagens, 74 (29%) optaram por utilizar imagens de Aristides de Sousa Mendes (várias vezes retratado também em

<sup>231</sup>Soares, A. (13 de junho de 2013). A lista de Sousa Mendes. *Visão*(1058), 56-64.

<sup>232</sup>Albino, C. (3 de abril de 2000). Diplomatas salvaram 250 mil. *Diário de Notícias*(47858), 21-22.

<sup>233</sup>Esta análise não contempla as imagens de capa, no caso de o artigo ser representado através de manchete ou de chamada de capa.

fotografias de família)<sup>234 235</sup>; 34 (13%) recorreram a fotografias da Casa do Passal<sup>236 237</sup>; e 14 (6%) incluíram os familiares do cônsul que mais se empenharam e que mais contribuíram para a sua reabilitação<sup>238 239</sup>.

Deve-se salientar que, no caso de os artigos apresentarem mais do que uma imagem, estes três tipos referenciados – imagens de Aristides de Sousa Mendes, da Casa do Passal e de familiares - podem cruzar-se e complementar-se com outras. De facto, 46 artigos (isto é, 18%) utilizaram outro tipo de imagens, as quais, apesar de não fazerem alusão a Aristides, se encontram relacionadas com o conteúdo da notícia (por exemplo, com algum evento/acometimento específico ou com alguma fonte), onde se incluem, por exemplo, imagens de familiares de destinatários de vistos concedidos pelo diplomata<sup>240</sup> e de políticos durante cerimónias de homenagem<sup>242 243</sup>.

A utilização particular de imagens em alguns artigos merece igualmente referência. Na reportagem “No encalço do ‘anjo’ que a salvou dos nazis”, publicada pelo *Jornal de Notícias*, no dia 25 de junho de 2004, as três dimensões/tipos de imagem referidos anteriormente como surgindo mais vezes encontram-se presentes, mas sempre a par com a protagonista da mesma (Eva Neeter, refugiada salva por Aristides de Sousa Mendes, que visita Cabanas de Viriato): uma gravura de Sousa Mendes, de fundo numa fotografia de Eva, com a inscrição “Salvou mais de 30.000 vidas”, mas sem nenhuma indicação direta de que do cônsul se trate; a Casa do Passal atrás da mulher; e ainda a protagonista e o seu marido acompanhados por António e Álvaro Sousa Mendes, netos

---

<sup>234</sup>Cunha, I. A. (17 de novembro de 1998). José Alain Fralon, jornalista do “Le Monde” - Aristides é o anti-Papon. *Público*(3169), 3.

<sup>235</sup>Parlamento aprova que Aristides de Sousa Mendes fique no Panteão. (10 de junho de 2020). *Jornal de Notícias*(Ano 133 N.º 9), 12.

<sup>236</sup>Cabanas de Viriato com 360 mil euros para obras. (12 de setembro de 2013). *Diário de Notícias*(52747), 24.

<sup>237</sup>Vitória, A. (17 de dezembro de 2020). Casa do Passal conhece modelo de gestão no verão. *Jornal de Notícias*(Ano 133 N.º 199), 34.

<sup>238</sup>Salazar demitiu-o por salvar judeus e o filho exige agora desculpas de Soares. (22 de março de 1986). *Correio da Manhã*(2530), 25.

<sup>239</sup>Alves, E. (6 de maio de 1995). O português que salvou milhares de refugiados. *Jornal de Notícias*(Ano 107 N.º 339), 15.

<sup>240</sup>Carmo, P. (20 de junho de 2013). Sobreviventes do Holocausto à procura de raízes em Portugal. *Diário de Notícias*(52663), 16.

<sup>241</sup>Ferreira, S. (21 de junho de 2013). Sobreviventes visitam casa de Aristides Sousa Mendes. *Jornal de Notícias*(Ano 126 N.º 20), 28.

<sup>242</sup>Sousa, J. V. (20 de outubro de 2021). Marcelo destaca “coragem” de Aristides. *Jornal de Notícias*(Ano 134. N.º 141), 11.

<sup>243</sup>“Vida de Sousa Mendes orgulha Portugal” diz Soares. (9 de junho de 1993). *Correio da Manhã*(5152), 40.

do cônsul. Apesar de estas três dimensões não surgirem por si só, foram também contabilizadas nos dados do gráfico n.º 10.

É ainda de referir que, no que concerne às peças cujo tema principal é a Panteonização, a maioria das imagens publicadas foi obtida durante a própria Cerimónia de Concessão de Honras de Panteão, focando-se no evento em si, bem como nas figuras políticas presentes. Por vezes, a imagem de Aristides surge em algumas delas de fundo<sup>244</sup><sup>245</sup>, mas de forma pouco perceptível para o leitor que não se encontra já familiarizado com a mesma. Por essa razão, estes artigos não foram contemplados nos artigos com imagens, no gráfico anterior. Ainda assim, alguns destes escolheram incluir uma imagem de Aristides, além das do próprio evento<sup>246</sup>.

O poder de evocação de uma imagem destaca-se na notícia “Portugal tem oito novos monumentos nacionais”, do *Diário de Notícias*, a qual destaca a Casa do Passal, ainda que não seja o único tema tratado na mesma. No entanto, acaba por se tornar, assim, protagonista. Já em “Aristides virtual”, no *Sol*, a escolha de imagem é peculiar, com uma fotografia de Aristides de Sousa Mendes, em criança, com os seus pais e os seus irmãos<sup>247</sup>.

A análise das imagens utilizadas pelas peças jornalísticas permitiu ainda constatar que algumas são empregues de forma errada. Por exemplo, na capa da *Visão* que anuncia a reportagem “Salazar, o cônsul e a criada”, surge a fotografia de um indivíduo do sexo masculino que não se trata de Aristides de Sousa Mendes, mas sim do seu filho Manuel Silvério<sup>248</sup>. Também na peça intitulada “Família de Aristides Sousa Mendes recusa indemnização de 15 mil contos”, do *Expresso*, é utilizada, curiosamente, a mesma imagem que anuncia o artigo supracitado na capa da *Visão*, e de forma igualmente incorreta, legendada como “O cônsul Aristides de Sousa Mendes”<sup>249</sup>. Desconhece-se qual o motivo pelo qual foi utilizada, equivocadamente, a mesma fotografia de Manuel Silvério Sousa Mendes em duas peças de periódicos e épocas distintas. No entanto, através desta análise, entende-se que tenha existido uma falta de recurso a fontes ou uma ausência de crítica relativamente às mesmas.

---

<sup>244</sup>Ribeiro, N. (20 de outubro de 2021). Marcelo alerta que não há raças, etnias ou religiões superiores a outras. *Público*(11499), 12.

<sup>245</sup>A última honra ao cônsul que salvou milhares de judeus. (20 de outubro de 2021). *Jornal de Negócios*(4604), 3.

<sup>246</sup>Fidalgo, V. (20 de outubro de 2021). Homenagem - Aristides de Sousa Mendes. *Correio da Manhã*, 24-25.

<sup>247</sup>Nabais, R. (16 de fevereiro de 2008). Aristides virtual. *Sol*(75), 49.

<sup>248</sup>Magno, C. (9 de novembro de 1996). Salazar, o cônsul e a criada. *Revista Expresso*(1254), 48-55.

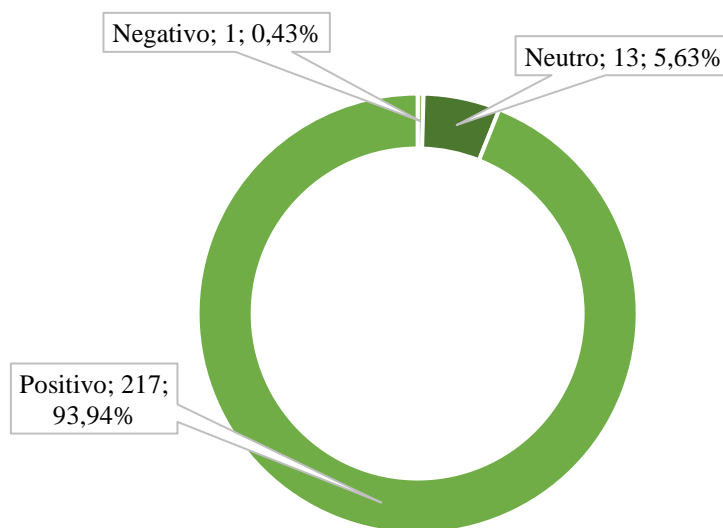
<sup>249</sup>Castanheira, J. P. (22 de novembro de 1997). Família de Aristides Sousa Mendes recusa indemnização de 15 mil contos. *Expresso*(1308), 9.

Dos 231 artigos analisados, 84 (ou seja, 33%) não utilizaram nenhuma imagem. Entre estes, encontram-se quatro peças de grande dimensão, sendo que três deles se tratam de artigos de opinião, o que justifica a ausência de imagens. Entre as 34 peças de tamanho médio, desprovidas de qualquer imagem, encontra-se um perfil<sup>250</sup>, 19 notícias<sup>251 252</sup> e, novamente, 14 artigos de opinião<sup>253 254</sup>. No entanto, são os artigos de pequena dimensão que mais rapidamente abdicaram de imagens, neste caso, 45 no total, onde se incluem todos os géneros (à exceção da reportagem). Uma vez mais, a dimensão dos próprios artigos pode ser um elemento importante para explicar a ausência de imagem.

### 2.3.11. Tom/Posição em relação à figura de Aristides de Sousa Mendes

Um dos aspetos mais importantes da presente investigação e que será essencial à verificação da hipótese reformulada é compreender qual o tom utilizado para se referir à figura de Aristides. Este tom manifestou-se, através da análise das peças do *corpus*, como “positivo”, “neutro” e “negativo”:

**Gráfico n.º 11 - Posição dos artigos em relação a ASM**



<sup>250</sup>Carvalho, A. (1979, fevereiro 22). Um “justo” português. *A Capital*, 15.

<sup>251</sup>Câmara dos Representantes homenageou Sousa Mendes. (10 de agosto de 1987). *O Século*(466), 3.

<sup>252</sup>Freire, M. C. (4 de outubro de 2015). Buenos Aires homenageou Aristides de Sousa Mendes. *Diário de Notícias*(53495), 12.

<sup>253</sup>Valdemar, A. (15 de abril de 2004). Sousa Mendes (1954-2004). *Diário de Notícias*(49327), 9.

<sup>254</sup>Yativ, Y. (3 de maio de 2004). Em memória de um grande homem. *Diário de Notícias*(49345), 17.

De acordo com os dados extraídos, observa-se uma enorme discrepância: a grande maioria dos artigos publicados, 217 no total (correspondendo a 93,94%), apresenta um tom positivo, 13 têm tom neutro (5,63%) e apenas um artigo apresenta tom negativo (correspondendo a um valor de 0,43%).

Iniciando pela única peça em tom negativo, a revista *Actual* do *Expresso*, datada de 1 de novembro de 2008, publica uma notícia sobre o livro de memórias de Hall Themido, o qual considera que “o caso de Aristides de Sousa Mendes não passa de um ‘mito criado por judeus e pelas forças democráticas saídas do 25 de Abril’”<sup>255</sup>. Este artigo insere-se numa notícia de maior dimensão que transcreve a opinião do autor relativamente a vários temas abordados no livro escrito por si (curiosamente, editado pelo MNE). Por essa razão, apesar de se tratar de um artigo com uma tonalidade que não favorece a figura de Aristides, tal se deve por se tratarem de afirmações proferidas por Hall Themido e não pelo jornalista autor da peça jornalística, tratando este apenas de expor a visão do embaixador em relação a este assunto, chegando até a afirmar que o capítulo do livro sobre Aristides de Sousa Mendes é “porventura o mais polémico”.

Os artigos que apresentam um tom “neutro” são, na sua maioria, peças de pequena dimensão (10 em 13). A brevidade destas peças justifica, mais uma vez, a ausência de elementos e de expressões que atribuam um tom positivo às mesmas, pois, em alguns casos, nem sequer mencionam a contextualização histórica<sup>256 257 258</sup>. Outras optam por uma narrativa imparcial do Ato de Consciência, onde a referência a Aristides de Sousa Mendes surge nos seguintes termos: “o cônsul de Portugal que Salazar expulsou da carreira diplomática por ter concedido passaportes a 30 mil judeus (...)”<sup>259</sup>; “(...) o diplomata português que, à revelia de Oliveira Salazar, atribuiu cerca de trinta mil vistos a refugiados perseguidos (...)”<sup>260</sup>; “(...) contraria ordens de Salazar e começa a emitir

---

<sup>255</sup>O embaixador João Hall Themido (1924-2017) foi autor de um livro de memória intitulado *Uma Autobiografia Disfarçada*, editado pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros, onde consta um capítulo sobre Aristides de Sousa Mendes. O jornalista João Pedro Castanheira remete para o seguinte: “Um dos capítulos do livro, porventura o mais polémico, chama-se ‘A mitificação de Aristides de Sousa Mendes’. O embaixador acusa o cônsul de ‘atuação irregular’. ‘De forma totalmente irrealista, fala-se em 30 mil’ o número de vistos (...) ‘Quando a família’ do cônsul, ‘grupos judaicos e forças da esquerda ressuscitaram o assunto, procurei saber mais sobre o ocorrido’. (...) O processo disciplinar ao cônsul em Bordéus ‘foi o último de vários de que foi alvo ao longo da carreira’ (...). Considera ‘incompreensível criticar’ o Ministério, ‘incluindo o ministro, por ter aplicado a lei nas circunstâncias da época”.

<sup>256</sup>Casa de Sousa Mendes vai ser recuperada. (12 de setembro de 2013). *Jornal de Notícias*(Ano 126 N.º 103), 24.

<sup>257</sup>Medalha de honra para Aristides. (12 de novembro de 2013). *Diário de Notícias*(52808), 14.

<sup>258</sup>Exposição de Aristides em Peniche. (21 de abril de 2021). *Correio da Manhã*, 2.

<sup>259</sup>Família de Sousa Mendes recebe indemnização. (20 de julho de 1996). *Expresso*(1238), 1.

<sup>260</sup>Vida de Aristides em cinema. (8 de outubro de 2009). *Diário de Notícias*(51320), 53.

vistos de entrada aos refugiados”<sup>261</sup>; “(...) desafiou ordens expressas por Salazar e concedeu 30 mil vistos de entrada em Portugal a refugiados”<sup>262</sup>.

Até que se chega à análise das peças jornalísticas de tom positivo que tanto têm a acrescentar a esta análise, direcionando esta investigação na verificação da hipótese anteriormente reformulada. Recorde-se que, dos 231 artigos do *corpus*, 217 (93,94%) apresentam uma posição favorável à figura de Aristides, sendo apresentados vários exemplos adiante. Crer-se-ia que, à exceção das peças de opinião, cujos autores responsabilizam-se e assumem a sua posição e o seu parecer, nos restantes géneros a neutralidade imposta pelas convenções da profissão de jornalista impediriam a tomada de partido. No entanto, observa-se que, no caso de Aristides de Sousa Mendes, o jornalismo tem, na generalidade, tendência a ser muito parcial e pouco objetivo, principalmente nas primeiras peças publicadas em Portugal (as quais já foram anteriormente referidas neste capítulo). Tal se manifesta tanto através dos títulos escolhidos para os vários artigos, como do conteúdo em si. Selecionam-se fontes cuja voz enaltece o cônsul (pretendendo-se contar a narrativa desta forma) e recorrem-se a expressões e a adjetivação positiva - algumas mais subtis do que outras - com o mesmo objetivo.

Analisando os títulos dos artigos (entre os quais, relembra-se, se encontram todos os géneros), é possível observar o facto mencionado no fim do parágrafo anterior através dos seguintes exemplos: “À espera da reabilitação póstuma de um português que Salazar castigou por ter salvo milhares de judeus das garras nazis”<sup>263</sup>; “Outro Wallenberg esquecido por nós - Cônsul Português em Bordéus Salva Milhares de Judeus”<sup>264</sup>; “‘Wallenberg Português’ merece ser reabilitado - Família de Aristides de Sousa Mendes pede que seja feita justiça”<sup>265</sup>; “O Herói Português do Holocausto”<sup>266</sup>; “Um samaritano português”<sup>267</sup>; “‘Vida de Sousa Mendes orgulha Portugal’ diz Soares”<sup>268</sup>; “O português

---

<sup>261</sup>1940. (17 de junho de 2010). *Diário de Notícias*(51570), 63.

<sup>262</sup>1954. (3 de abril de 2013). *Diário de Notícias*(52585), 55.

<sup>263</sup>Colaço, A. (1976, maio 4). À espera da reabilitação póstuma de um português que Salazar castigou por ter salvo milhares de judeus das garras nazis. *Diário Popular*, 3,8.

<sup>264</sup>Carvalho, A. (28 de janeiro de 1986). Outro Wallenberg esquecido por nós - Cônsul Português em Bordéus Salva Milhares de Judeus. *A Capital*(5733), 14,23.

<sup>265</sup>Carvalho, A. (24 de março de 1986). “Wallenberg Português” merece ser reabilitado - Família de Aristides de Sousa Mendes pede que seja feita justiça. *A Capital*(5779), 5.

<sup>266</sup>Erlich, R. (19 de maio de 1987). O Herói Português do Holocausto. *Diário Popular*(15296), 14-15.

<sup>267</sup>J.P.O. (22 de junho de 1990). Um samaritano português. *Diário de Lisboa*(23266), 8.

<sup>268</sup>“Vida de Sousa Mendes orgulha Portugal” diz Soares. (9 de junho de 1993). *Correio da Manhã*(5152), 40.

que salvou milhares de refugiados”<sup>269</sup>; “Sousa Mendes herói da Europa”<sup>270</sup>; “Não podemos ignorar o ‘cônsul sem medo’”<sup>271</sup>; “Desobedecer e fazê-lo bem”<sup>272</sup>; “O homem que deu vistos para a vida”<sup>273</sup>; “Casa do ‘anjo de Bordéus’ aguarda candidatura a Património da Humanidade”<sup>274</sup>; “No enalço do ‘anjo’ que a salvou dos nazis”<sup>275</sup>; “Um gesto de alerta em memória de Sousa Mendes”<sup>276</sup>; “Finalmente, Aristides de Sousa Mendes”<sup>277</sup>; “O musical do cônsul-herói Aristides”<sup>278</sup>; “Marcelo evoca legado de coragem de Aristides Sousa Mendes”<sup>279</sup>; “Panteão Nacional para o herói que desafiou o regime”<sup>280</sup>; “Homenagem ao diplomata - ‘Portugal curva-se, eternamente grato’. Aristides já está no Panteão”<sup>281</sup>; “Aristides no Panteão: tão importante hoje como há 80 anos”<sup>282</sup>.

Estes são alguns exemplos de títulos sugestivos, ou seja, com palavras e expressões que procuram engradecer a figura do cônsul. A maioria dos que não constam nesta listagem apresenta um tom neutro, optando, apesar disso, por utilizar o próprio conteúdo do artigo para reivindicar a sua posição positiva, enaltecendo a sua memória. De facto, a maioria dos títulos constantes no *corpus* remete diretamente para Aristides de Sousa Mendes<sup>283</sup> através da referência ao seu nome (“Aristides de Sousa Mendes”, “Sousa Mendes” ou, simplesmente, “Aristides”) ou a expressões como “cônsul rebelde”; “cônsul português em Bordéus”; “o português que salvou milhares”; “um ‘justo’

---

<sup>269</sup>Alves, E. (6 de maio de 1995). O português que salvou milhares de refugiados. *Jornal de Notícias*(Ano 107 N.º 339), 15.

<sup>270</sup>Cunha, I. A. (17 de novembro de 1998). Sousa Mendes herói da Europa. *Público*(3169), 2-3.

<sup>271</sup>Cardoso, T. (17 de maio de 1999). Não podemos ignorar o "cônsul sem medo". *Jornal de Notícias*(Ano 111 N.º 350), 31.

<sup>272</sup>Albino, C. (3 de abril de 2000). Desobedecer e fazê-lo bem. *Diário de Notícias*(47858).

<sup>273</sup>Cardoso, I. (3 de abril de 2000). O homem que deu vistos para a vida. *Jornal de Notícias*(Ano 112 N.º 307), 16.

<sup>274</sup>Albuquerque, M. (30 de dezembro de 2002). Casa do “anjo de Bordéus” aguarda candidatura a Património da Humanidade. *Público*(4666), 41.

<sup>275</sup>Campos, J. L. (25 de junho de 2004). No enalço do “anjo” que a salvou dos nazis. *Jornal de Notícias*(Ano 117 N.º 24), 3-5.

<sup>276</sup>Pinto, M. J. (25 de setembro de 2004). Um gesto de alerta em memória de Sousa Mendes. *Diário de Notícias*(49490), 25.

<sup>277</sup>Antunes, J. (28 de novembro de 2009). Finalmente, Aristides de Sousa Mendes. *Jornal de Notícias*(Ano 122 N.º 180), 54.

<sup>278</sup>Bertrand, R. (14 de junho de 2017). O musical do cônsul-herói Aristides. *Sábado*(685), 39.

<sup>279</sup>Marcelo evoca legado de coragem de Aristides Sousa Mendes. (20 de julho de 2020). *Jornal de Notícias*(Ano 133 N.º 49), 11.

<sup>280</sup>Fidalgo, V. (19 de outubro de 2021). Panteão Nacional para o herói que desafiou o regime. 38.

<sup>281</sup>Francisco, S. (20 de outubro de 2021). Homenagem ao diplomata - "Portugal curva-se, eternamente grato". Aristides já está no Panteão. *Diário de Notícias*(55700), 4-5.

<sup>282</sup>Tecedeiro, H. (23 de outubro de 2021). Aristides no Panteão: tão importante hoje como há 80 anos. *Diário de Notícias*(55703), 4.

<sup>283</sup>À exceção de artigos como:

Ministros eram quatro. (23 de fevereiro de 2008). *Expresso*(1843), 14.

Castanheira, J. P. (25 de março de 1995). Liberdade e ausências do PSD. *Expresso*(1169), 5.

português”; “Wallenberg”<sup>284</sup> português”; “diplomata português antinazi”. Surgem ainda outros títulos que, de forma isolada, não desvendam a figura protagonista dos respetivos artigos, mas que, ainda assim, após a leitura do corpo de texto, suscitam no leitor a ligação a Aristides: “O crime de salvar judeus”<sup>285</sup>; “Nota de culpa de 1 de Agosto de 1940”<sup>286</sup>; “Fundos 'presos' por falta de avanço”<sup>287</sup>; “80 anos de um ato de heroísmo”<sup>288</sup>; “Elogio da desobediência”<sup>289</sup>; “Conhecer para nunca esquecer”<sup>290</sup>; “Obediente a uma lei maior”<sup>291</sup>.

No que diz respeito à mensagem veiculada pelo artigo em si, afirmar que Aristides “salvou” concede, de imediato, nomeadamente através da contextualização histórica, um tom positivo à peça, mesmo nas notícias mais pequenas - ao contrário do que se observou nas peças neutras, onde os autores, fazendo o enquadramento histórico, limitaram-se a explicar, de modo imparcial, que contrariou ordens de Salazar, como já referenciado anteriormente. A expressão “salvar”, mesmo quando empregada numa breve frase, tem impacto junto do leitor. Algumas vezes, bastou a aplicação desse mesma expressão para conceder, de imediato, um tom positivo à peça, sendo sistematicamente utilizada<sup>292 293 294 295</sup>.

Transcrevem-se, de seguida, alguns exemplos concretos que comprovam a atribuição geral de um tom positivo à figura de Aristides de Sousa Mendes na imprensa

---

<sup>284</sup>Diplomata na Hungria durante a Segunda Guerra Mundial, Raoul Wallenberg salvou milhares de judeus em Budapeste. Foi preso pelos soviéticos e desapareceu misteriosamente, sendo que as circunstâncias em redor do seu desaparecimento nunca foram esclarecidas. O jornalista António Carvalho compara-o a Aristides de Sousa Mendes, bem como Rui Afonso, ao utilizar como subtítulo da biografia de Sousa Mendes: *Um Homem Bom, Aristides de Sousa Mendes, o 'Wallenberg' português*. Apesar disso, o autor Avraham Milgram (2010) recusa esta comparação, explicando que “Na sequência da reabilitação de Aristides de Sousa Mendes, na reunião da Assembleia da República Portuguesa, em março de 1988, alguns jornalistas e escritores portugueses declararam que se devia comparar Sousa Mendes à figura heroica de Raoul Wallenberg, o célebre diplomata sueco que salvou judeus em Budapeste. Ao contrário do que comumente se pensa, além do facto de Sousa Mendes e Raoul Wallenberg terem pertencido ao serviço diplomático e salvado judeus durante a Segunda Guerra Mundial, há pouco em comum entre estes personagens. (...) O subtítulo da biografia escrita por Rui Afonso reflete esta tendência (...) e vários outros artigos publicados em jornais também buscam esta proximidade, com a finalidade de enaltecer a figura e os feitos de Sousa Mendes” (p.103).

<sup>285</sup>Afonso, R. (25 de março de 1988). O crime de salvar judeus. *O Jornal Ilustrado*(683), 26-31.

<sup>286</sup>Cunha, B. R. (1 de julho de 2004). Nota de culpa de 1 de Agosto de 1940. *Diário de Notícias*(49404), 27.

<sup>287</sup>Fundos 'presos' por falta de avanço. (16 de janeiro de 2012). *Diário de Notícias*(52144), 21.

<sup>288</sup>Letria, J. J. (5 de abril de 2020). 80 anos de um acto de heroísmo. *Correio da Manhã*.

<sup>289</sup>Ramalho, M. M. (18 de julho de 2020). Elogio da desobediência. *E - A Revista do Expresso*(2490), 42-47.

<sup>290</sup>Silva, A. S. (17 de junho de 2021). Conhecer para nunca esquecer. *Diário de Notícias*(55575).

<sup>291</sup>Soromenho-Marques, V. (23 de outubro de 2021). Obediente a uma lei maior. *Diário de Notícias*(55703), 10.

<sup>292</sup>Cabanas de Viriato com 360 mil euros para obras. (12 de setembro de 2013). *Diário de Notícias*(52747), 24.

<sup>293</sup>A.A. (26 de junho de 2011). Aristides de Sousa Mendes dá nome a sala na renovada sinagoga de Viseu. *Diário de Notícias*(51942), 24.

<sup>294</sup>Dias, S. (9 de julho de 2021). Aristides vai receber honras de Panteão. *Correio da Manhã*, 35

<sup>295</sup>Aristides de Sousa Mendes - Livre quer Panteão. (20 de novembro de 2019). *Correio da Manhã*, 28.

escrita portuguesa. É possível comprovar o papel ativo do jornalismo na construção de uma imagem positiva de Aristides de Sousa Mendes, representada nos mesmos, denotando-se de forma evidente (bastante óbvia, até) a falta de imparcialidade:

ASM (...) é, desde ontem, um diplomata reabilitado e reintegrado em termos de carreira. Oficialmente. Já o era, porém, e há muito, por imperativo da consciência e do sentir do povo que todos somos.<sup>296</sup>

Em Bordéus, a História prendeu Sousa Mendes nas suas garras. O seu destino passou a estar inelutavelmente ligado ao destino coletivo de dezenas de milhares de pessoas desesperadas. Ele foi o homem certo no lugar certo no momento certo. Aquilo que alguns poderiam considerar como defeitos de personalidade num diplomata - a sua natureza demasiado emotiva e o seu carácter impulsivo - tornaram-se forças motoras do seu heroísmo. Salvou milhares de pessoas de um destino trágico. E pagou isso com a sua tragédia pessoal...<sup>297</sup>

O estúdio norte-americano comparou-o a Wallenberg, um embaixador sueco que salvou a vida a cerca de 100 mil judeus só que sublinhou: “Wallenberg tinha ao seu serviço os funcionários de que necessitava e Sousa Mendes contava apenas com ele próprio”.<sup>298</sup>

O seu espírito ecuménico e de homem de boa vontade não podia permitir a dizimação de milhares e milhares de pessoas nos campos de concentração nazis, palco de atrocidades de que o mundo só teria verdadeiro conhecimento com a chegada das forças dos aliados. (...) O que depois aconteceu foi, no mínimo, bastante injusto. O homem que em Bordéus livrou da perseguição nazi milhares de refugiados, veria a sua carreira de diplomata acabar por ali, de forma drástica, sem que pudesse argumentar com a angústia dos perseguidos.<sup>299</sup>

Agora com 74 anos, a antiga empregada, ao mesmo tempo que parece desejar esquecer certos episódios, recorda-os porque eles lhe trazem de volta a imagem do homem que ainda hoje considera ‘o mais justo e sofredor de todos os santos’. E nem sequer inclui o acidente de Salamanca no calvário do cônsul. A tragédia de Aristides de Sousa Mendes foi mais fria. Mais lenta. Mais martirizante. E mais brutal do que qualquer despiste de automóvel. Fernanda foi testemunha silenciosa desse suplício. No princípio e no fim.<sup>300</sup>

---

<sup>296</sup>Melo, G. d. (19 de março de 1988). Cônsul Sousa Mendes reabilitado por unanimidade. *Diário de Notícias*(43463).

<sup>297</sup>“O Caso Sousa Mendes” - Os vistos da justiça. (9 de maio de 1990). *Diário de Lisboa*(23236), 21.

<sup>298</sup>Salvou milhares de judeus na II Guerra - Aristides Sousa Mendes evocado em Lisboa. (22 de junho de 1990). *Diário Popular*(16225), 6.

<sup>299</sup>Aristides de Sousa Mendes - A história de um homem de Deus. (24 de janeiro de 1993). *Correio da Manhã*(5016), 34-35.

<sup>300</sup>Magno, C. (9 de novembro de 1996). Salazar, o cônsul e a criada. *Revista Expresso*(1254), 48-55.

Salazar é que não perdeu tempo a castigá-lo. E fê-lo com requintes políticos de sadismo administrativo mandando-o apresentar-se primeiro no Ministério dos Negócios Estrangeiros, onde o pobre Aristides nunca conseguia ser recebido.<sup>301</sup>

Até dá dó. Está bem que se definam prioridades para a recuperação do património nacional, mas não está bem que uma dessas prioridades não seja a reconstrução da Casa do Passal (...). Para muito boa gente, o nome desta casa não diz rigorosamente nada e, provavelmente, o nome do antigo proprietário também não. (...)<sup>302</sup>

“Era um homem excepcional, mas para si não foi bom” - referindo-se à desobediência de Aristides que o deixou na miséria. (...) Foi muito triste e olhe que nós nem devemos ter tido a noção da tragédia. (...) era uma joia de homem. Por ser bom é que estragou a vida”.<sup>303</sup>

Foi e é um processo lento. Demasiado lento. É preciso não esquecer que foram precisos 14 anos, após o 25 de Abril de 1974, para que o meu avô fosse reintegrado na carreira diplomática, e só a partir daí, é que se começou a falar dele. Enquanto a Casa do Passal não estiver restaurada, o processo é sempre lento”.<sup>304</sup>

A partir de amanhã, há menos motivos para se desconhecer a figura de Aristides de Sousa Mendes. (...) Afinal de contas, não existe mais ninguém na II Guerra Mundial que tenha salvo tanta gente.<sup>305</sup>

Hoje, um 'Aristides-Sousa-Mendes' não seria punido se, agindo contra um seu superior, tivesse salvo vidas. (...) salvou possivelmente umas 30 mil pessoas - discute-se o número, mas isso é o que menos importa: foram muitas.<sup>306</sup>

(...) A história de Aristides ficou esquecida durante décadas e tem sido alvo de negacionismo e distorção. Para além das críticas à sua ação (recordo nomeadamente a última polémica em que um dirigente do CDS se referiu a ele como 'agiota de judeus'), o processo de reconhecimento e reabilitação foi lento e cheio de obstáculos. O estado de degradação a que chegou a Casa do Passal, que quase ruiu, reflete bem a escassa importância e o fraco reconhecimento a que foi votado.<sup>307</sup>

---

<sup>301</sup>Magno, C. (9 de novembro de 1996). Salazar, o cônsul e a criada. *Revista Expresso*(1254), 48-55.

<sup>302</sup>Amaro, C. (22 de novembro de 1998). O “holocausto” da casa de Sousa Mendes. *Notícias Magazine*(49533), 60-66.

<sup>303</sup>Gonçalves, P. (26 de março de 2004). Humanidade em ruína. *DNA*(382), 18-23.

<sup>304</sup>Assor, M. (18 de junho de 2006). António Sousa Mendes – “Penso que a causa do meu avô devia avançar com todas as facções políticas. É universal.”. *Domingo Magazine*(9683), 38-42.

<sup>305</sup>Pedroso, C. (18 de fevereiro de 2008). Museu virtual recupera Aristides de Sousa Mendes. *Metro*(705), 3.

<sup>306</sup>Pinto, P. M. (17 de junho de 2015). Aristides de Sousa Mendes: o sublime que há em nós. *Público*(9194), 46.

<sup>307</sup>Guerra, A. R. (25 de janeiro de 2016). Exposição inédita é homenagem a Aristides de Sousa Mendes. *Diário de Notícias*(53606), 41.

Aristides de Sousa Mendes já foi chamado “Schindler português”, mas o cônsul que desobedeceu a Salazar salvou muito mais vidas do que o industrial alemão (...).<sup>308</sup>

Através destes exemplos, verifica-se que o jornalismo apresenta Aristides de Sousa Mendes como uma figura corajosa e injustiçada, insistindo na urgência de evocar a figura e conhecer a sua história. Veicula um retrato positivo para enaltecer o homem, a sua vida e a sua obra - contribuindo, assim, para a construção da memória.

Deixa-se a nota que se optou ainda por não se incluírem artigos *d'O Diabo*<sup>309</sup>, uma vez que este não é um periódico que vá ao encontro dos critérios estipulados para o *corpus* de análise. Apesar disso, estas peças jornalísticas surgem, muitas vezes, aquando da pesquisa de artigos sobre Aristides, por se tratarem de artigos publicados num tom fortemente negativo em relação ao cônsul - e, possivelmente, dos únicos.

A primeira peça sobre o cônsul neste jornal foi publicada no 53.º aniversário da morte do cônsul<sup>310</sup>, tratando-se de uma carta escrita pelo embaixador Carlos Fernandes<sup>311</sup>. As restantes, publicadas seis anos depois, correspondem a série de artigos ‘provocadores’, em edições consecutivas - tendo tido início com a publicação de uma entrevista conduzida

---

<sup>308</sup>Guerra, A. R. (25 de janeiro de 2016). Exposição inédita é homenagem a Aristides de Sousa Mendes. *Diário de Notícias*(53606), 41.

<sup>309</sup>*O Diabo* foi fundado em 1976 e, segundo a informação que consta no seu site, “dá voz aos que não se resignam. Semanalmente a análise e a opinião sobre Portugal e o mundo. Sem constrangimentos, sem receios, sempre com dedicação e rigor”.

<sup>310</sup>Embaixador desmistifica “lenda” Sousa Mendes. (3 de abril de 2007). *O Diabo*(1579), 6-7.

<sup>311</sup>O embaixador Carlos Fernandes (1922-2019) foi autor do livro *O Cônsul Aristides Sousa Mendes - a Verdade e a Mentira*, por estar (leia-se na sinopse da obra) “cansado de ler e ouvir tão abundantes como mirabolantes fantasias a respeito de A. de Sousa Mendes, enquanto cônsul de Portugal em Bordéus, em Junho de 1940, fantasias que este nunca invocou nem sugeriu, além de pressionado por vários amigos, dado que ele é, atualmente, a única pessoa viva que, ainda no MNE, conviveu com Sousa Mendes, e, crê-se, a única dos que sobre ele escreveram que o conheceu pessoalmente, decidiu escrever este livro, repondo a verdade sempre que o julgou necessário, sem deixar de evidenciar simpatia pessoal, não profissional, por este cônsul de Portugal, dadas as circunstâncias de tempo, lugar, e psicológicas em que atuou. (...) Aristides, ao contrário do que se tem propalado, não deu 30.000 vistos dos quais 10.000 a judeus nos dias da ira, mas apenas entre 600 e 650, nunca tendo sido exonerado de cônsul de Portugal nem aposentado por Salazar, recebendo até morrer o seu vencimento como tal. Desde alguns descendentes de Aristides até ao influente político americano de origem açoriana Tony Coelho, passando por grupos judaicos amestrados para isso, e por Jaime Gama e outros políticos portugueses, tem-se elevado uma monstruosa montanha mitificadora à base de falácias que não engrandecem quer Aristides quer a Assembleia da República, quer o Governo e o Presidente da República que para isso contribuíram”.

ao mesmo embaixador<sup>312</sup> -, onde se inclui uma resposta de António e Álvaro de Sousa Mendes, netos de Aristides, às críticas feitas ao seu avô<sup>313 314 315 316 317</sup>.

Na realidade, à exceção do único artigo com posição negativa identificado e integrado neste estudo, a autora não identificou mais nenhum que se opusesse à figura protagonista deste estudo e que a criticasse ou negasse. Uma vez mais, este facto transmite muito sobre aquela que foi a verdadeira intenção do jornalismo em relação a Aristides de Sousa Mendes.

---

<sup>312</sup> Branquinho, D. (3 de julho de 2013). A verdade sobre Aristides Sousa Mendes. *O Diabo*(1905), 11-13.

<sup>313</sup> Ainda sobre Aristides de Sousa Mendes. (9 de julho de 2013). *O Diabo*(1906), 10.

<sup>314</sup> Mendes, Á. d., & Mendes, A. d. (9 de julho de 2013). Comentário ao "Diabo" - Entrevista a Carlos Fernandes. *O Diabo*(1906).

<sup>315</sup> Branquinho, D. (16 de julho de 2013). Do direito e da resposta. *O Diabo*(1907).

<sup>316</sup> Brandão, F. d. (16 de julho de 2013). Qual o paradeiro dos dinheiros recebidos? *O Diabo*(1907), 18.

<sup>317</sup> Melo, A. (16 de julho de 2013). Aristides, um pequeno mito totalmente desmistificado. *O Diabo*(1907), 18.

### III. CONCLUSÕES

Muito se especula em torno do que é a memória. Entre passado e identidade, muito mais se pode pensar sobre a nossa relação com o passado (...). O nosso património, aquilo a que olhamos enquanto memória, é uma teia complexa em que nos revemos, nos identificamos, ao qual chamamos nosso, com o que mantemos afinidades.<sup>318</sup>

Deu-se início a esta investigação com o objetivo de identificar o empenho e o envolvimento do jornalismo português na promoção da história e da imagem de Aristides de Sousa Mendes. Considerando a dimensão histórica desta figura, procurou-se também aferir de que forma as áreas do jornalismo e da História trabalharam, tanto de forma individual como coletiva, em prol da sua integração na memória coletiva.

Após uma análise profunda de mais de duas centenas de artigos, aferindo as suas várias dimensões com o objetivo de confirmar a hipótese de investigação formulada logo de início, confirma-se que, no período pós 25 de Abril, o jornalismo se preocupou em transmitir uma imagem positiva de Aristides de Sousa Mendes. Foi possível chegar a esta conclusão tanto através da metodologia de investigação utilizada, como da exploração da relação estabelecida entre História, memória e jornalismo. De facto, são vários os artigos que urgem explicitamente a reabilitação do cônsul, como se teve a oportunidade de observar no decorrer desta investigação.

No que diz respeito às várias maneiras específicas que o jornalismo aproveitou para disseminar o gesto de Aristides de Sousa Mendes, devem considerar-se as dimensões já anteriormente exploradas, entre as quais se incluem: o aumento gradual da intensidade da cobertura jornalística entre as décadas de 60 e o ano de 2010, bem como a evolução da dimensão dos artigos publicados; o tipo de autor e o género em que redige, intencionalmente escolhido para oferecer mais destaque ao tema; a cautela na seleção de fontes fidedignas e que procuram enaltecer o cônsul; a constante referência ao contexto histórico, de forma a criar proximidade e até familiaridade com o leitor; a opção de dar destaque na capa dos periódicos; a utilização frequente de imagens alusivas ao cônsul e ainda o emprego de expressões e de adjetivação que fazem com que a quase totalidade dos artigos analisados apresentem um tom positivo.

---

<sup>318</sup>Pinto, P. M. (17 de junho de 2015). Aristides de Sousa Mendes: o sublime que há em nós. *Público*(9194), 46.

Afinal, o que é que o jornalismo e a História acrescentam um ao outro? De que forma é que é possível trabalharem par a par no campo da construção da memória? Maria José Mata (2015) explica que

Orientado por valores de interesse público e comercial, o jornalismo afirma-se como campo de saber válido sobre o mundo, pese embora as diferenças de posicionamento epistemológico face a outros campos de saber. Quando se trata de trazer o passado ao presente, a autoridade científica é atribuída à História mas é o jornalismo quem melhor parece integrar a volatilidade, a dispersão e a concorrência entre memórias, aliando-as a uma resposta mais imediata à contextualização do presente e a um acesso mais democrático ao relato (Mata, 2015, p.274).

A pergunta surge de novo: por que razão foi o jornalismo importante no processo da construção de memória de Aristides de Sousa Mendes? A maioria parece concordar que, efetivamente, o foi, mas sem saber explicar porquê. Ainda que procure a imparcialidade, característica premente da profissão, o trabalho jornalístico procurou transmitir uma mensagem positiva em relação à figura de Aristides de Sousa Mendes: torna urgente recordar este ‘Justo entre as Nações’, o diplomata que foi além da diplomacia.

É ainda de salientar, como tantas vezes se verificou no decorrer desta investigação, que o jornalismo recorre a fontes históricas e que a História recorre a fontes jornalísticas. É inevitável. Aliás, como já supracionado, Barbie Zelizer (2008) afirma que o passado é um dos repositórios disponíveis mais importantes para que os jornalistas consigam explicar os eventos do ‘agora’.

Ainda de acordo com os vários cenários descritos por Jill A. Edy (1999), anteriormente apresentados, foi possível ainda constatar que a figura do cônsul foi evocada das três formas através das quais o jornalismo recorda as histórias do passado: comemorações, analogias históricas e contextualizações históricas. Desta forma, o jornalismo foi recuperando a memória de Aristides de Sousa Mendes através da construção de uma narrativa, já que o mesmo

tem pontos de vista, provoca sensações, desperta emoções. Ao dar conta do que aconteceu, remete ao passado mais próximo ou distante, torna-se um agente de memória, com efeito a nível individual ao inculcar em cada leitor ou espectador os aspetos dessa construção narrativa. Age também a nível coletivo ao escolher um conjunto de acontecimentos, de entre vários possíveis, para narrativizar, e essa escolha é feita com base numa série de constrangimentos e convenções jornalísticas que têm na base uma construção

indutiva do coletivo e que têm como objetivo alcançar o maior número de pessoas (Mata, 2015, p.274).

Por que razão, então, considerou o jornalismo que poderia desempenhar algum tipo de papel na difusão da figura do cônsul? Maria José Mata (2015) explica que “o jornalismo, tal como a História em relação ao presente, acomoda formas que lhe têm permitido incorporar o passado no seu discurso, recusando a remissão do seu trabalho exclusivamente para o imediato” (p.97). A seleção jornalística, por norma, opera a partir da particularidade e da exceção - quanto mais único, melhor, pois terá maior atenção por parte do público. Por vezes, o jornalismo cria acontecimentos por si só, potenciando-os e até sobredimensionando-os. A História é responsável por avaliar o contexto numa perspetiva mais integrada e profunda, sem grandes pressas (Mata, 2015).

Todavia, esta investigação permitiu depreender que o próprio jornalismo nem sempre precisou da ‘novidade’ (através, por exemplo, da assinalação de algum tipo de comemoração) para evocar Aristides de Sousa Mendes. Na verdade, acabou por tornar o próprio tema numa novidade no pós 25 de Abril, tendo essa tendência crescido cada vez mais no decorrer das décadas, como anteriormente observado no gráfico n.º 2. Mesmo após as primeiras referências ao seu gesto na imprensa em Portugal, o tema continua a ser novidade, daí a razão pela qual o contexto histórico é tantas vezes enquadrado. Uma vez mais, o jornalismo considera urgente dar-se a conhecer o diplomata.

Efetivamente, o jornalismo não deixou esquecer Aristides de Sousa Mendes, tornando-se “simultaneamente agente da História que vive e testemunha, e autor da sua escrita, o que evidencia a subjetividade quer do conhecimento que produz quer daquele produzido pela História que ‘ajuda’ a escrever” (Mata, 2015, p.86). Ou seja, o jornalismo tornou-se porta-voz da História. Recuperando a questão anteriormente colocada pelo historiador António Reis (1993) - se estariam jornalistas e historiadores sujeitos a serem concorrentes no mesmo propósito -, dever-se-á considerar que ambos se complementam, nas suas semelhanças e nas suas diferenças, com um objetivo comum: a recuperação e posteriores manutenção e perpetuação da memória - neste caso em particular, na de Aristides de Sousa Mendes.

O jornalismo não sobrevive sem a História. A História poderá sobreviver sem o jornalismo, mas terá muito mais dificuldade em alcançar o público na generalidade. Terá mais dificuldade em fazer-se ouvir e, por isso, deverão trabalhar em equipa. Não se deve tratar de uma rivalidade entre áreas, mas antes de uma colaboração, nomeadamente no

que respeita figuras com uma dimensão histórica e com possibilidade de integração na memória coletiva, como a de Aristides de Sousa Mendes.

É ainda curioso mencionar que o próprio Aristides de Sousa Mendes se apropriou (de forma positiva), em vários momentos da sua vida, da imprensa escrita: através do seu aparecimento em várias notícias por ocasião de eventos nos postos de consulado pelos quais passava, remetendo inclusive algumas aos seus superiores; da redação de pequenos artigos da sua autoria; e até da evocação do próprio jornalismo aquando da sua defesa, em resposta à ‘nota de culpa’. Não se deve também esquecer que o processo de reabilitação iniciado por alguns dos seus filhos, entretanto radicados nos Estados Unidos da América após o castigo de que foi alvo, teve como grande motor o jornalismo, através da publicação de alguns dos primeiros artigos de sempre sobre o cônsul, incluindo de Harry Ezratty, já anteriormente mencionado.

Por fim, regista-se a vontade da autora de, futuramente, aprofundar e complementar esta investigação através da realização de entrevistas a historiadores e a jornalistas (sendo imperativo que estes agentes de memória dominem a figura de Aristides de Sousa Mendes), procurando aprofundar a relação História e jornalismo no campo da memória, ao ‘confrontar’ os entrevistados com os resultados desta análise de conteúdo. Acrescenta-se ainda que, uma vez que o presente trabalho não visou analisar a eficácia desta tentativa por parte do jornalismo, uma vez que, nesse cenário, ter-se-ia de, inevitavelmente, investigar a perceção do leitor, tal poderá ainda ser objeto de estudo para uma futura investigação - recorrendo, por exemplo, à aplicação de questionários e realização de entrevistas.

## FONTES

### Bibliografia

#### ➤ **Aristides de Sousa Mendes e contexto histórico**

- Afonso, R. (1990). *Injustiça - O Caso Sousa Mendes*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Afonso, R. (2009). *Um Homem Bom - Aristides de Sousa Mendes*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Assor, M. (2009). *Aristides de Sousa Mendes - Um Justo contra a corrente*. Lisboa: Guerra e Paz.
- Fralon, J.A. (1999). *Aristides de Sousa Mendes - Um herói português*. Lisboa: Editorial Presença.
- Mendes, A. M. (2017). *Aristides de Sousa Mendes - Memórias de um Neto*. Porto Salvo: Saída de Emergência.
- Milgram, A. (2010). *Portugal, Salazar e os Judeus*. Lisboa: Gradiva Publicações.
- Ninhos, C. (2021). *O Essencial sobre Aristides de Sousa Mendes*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- Pimentel, I. F. (2020). *Holocausto*. Lisboa: Temas e Debates - Círculo de Leitores.
- Wheeler, D. (1989). And Who Is My Neighbor? A World War II Hero of Conscience for Portugal. *Luso-Brazilian Review*, 26(1), 119-139.  
<http://www.jstor.org/stable/3513337>

#### ➤ **Jornalismo, História e Memória**

- Edy, J.A. (1999). Journalistic Uses of Collective Memory. *Journal of Communication*, Volume 49, 71–85.
- Mata, M.J.P. (2015). *Criar memória: as imagens no jornalismo*. (Tese de Doutoramento em Ciências da Comunicação). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Portugal. Disponível on-line no Repositório da Universidade Nova: <https://run.unl.pt/handle/10362/20199>.
- Reis, A. (1993). O Jornalista e o Historiador: Aproximações e Diferenças. *Penélope - Fazer e desfazer a História*(N.º 12), pp. 135-142.

- Zelizer, B. (1995). Reading the Past against the Grain: the Shape of Memory Studies, *Critical Studies in Mass Communication* 12: 214–39.
- Zelizer, B. (2008). Why memory's work on journalism does not reflect journalism's work on memory. *Memory Studies*, 1(1), 79-87.
- Zelizer, B., & Weinblatt, K.T. (Eds). (2014). *Journalism and Memory*. Nova Iorque: Palgrave Macmillan.

➤ **Metodologia de Investigação – Análise de Conteúdo**

- Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. São Paulo, Brasil: Edições 70.
- Coutinho, C.P. (2011). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas*. Coimbra: Almedina.

## Repertório de artigos da imprensa escrita sobre ASM<sup>319</sup>

- 1940. (2010, junho 17). *Diário de Notícias*, 63.
- 1954. (2013, abril 3). *Diário de Notícias*, 55.
- A Herança de Aristides. (2021, julho 16). *Evasões*, 40.
- A Herança de Aristides. (2021, julho 19). *Correio da Manhã*, 46.
- A última honra ao cônsul que salvou milhares de judeus. (2021, outubro 20). *Jornal de Negócios*, 3
- A.A. (2011, junho 26). Aristides de Sousa Mendes dá nome a sala na renovada sinagoga de Viseu. *Diário de Notícias*, 24.
- A.M. (1993, junho 9). Foi a primeira... . *Público*, 44.
- Afonso, R. (1988, março 25). O crime de salvar judeus. *O jornal ilustrado*, 26-31.
- Ainda sobre Aristides de Sousa Mendes (2013, julho 9). *O Diabo*, 10.
- Albino, C. (2000, abril 3). Desobedecer e fazê-lo bem. *Diário de Notícias*, 22.
- Albino, C. (2000, abril 3). Diplomatas salvaram 250 mil. *Diário de Notícias*, 21-22.
- Albino, C. (2000, julho 23). Das promessas do ministro à realidade nua e crua. *Diário de Notícias*, 7.
- Albino, C. (2000, julho 23). O segundo castigo do cônsul rebelde. *Diário de Notícias*, 6-7.
- Albuquerque, M. (2002, dezembro 30). Casa do “anjo de Bordéus” aguarda candidatura a Património da Humanidade. *Público*, 41.
- Almeida, S. (2016, janeiro 2). “Aristides personifica o herói moderno”. *Jornal de Notícias*, 34.
- Almeida, S. (2016, janeiro 2). Projeto: Fundação grava em vídeo depoimentos de sobreviventes do Holocausto. *Jornal de Notícias*, 34.
- Alves, E. (1995, maio 6). O português que salvou milhares de refugiados. *Jornal de Notícias*, 15.
- Amaral, N. (2004, abril 2). Governo quer envolver mecenas na reconstrução da casa de Sousa Mendes. *Público*, 13.

---

<sup>319</sup>Apesar de nem todos terem sido diretamente referidos durante a investigação ou de terem sido integrados no *corpus* de análise, mantêm-se na lista por se tratarem de peças de igual relevância para se estudar Aristides de Sousa Mendes. Os artigos correspondentes ao *corpus* encontram-se na tabela do Anexo 1.

- Amaro, C. (1998, novembro 22). O “holocausto” da casa de Sousa Mendes. *Notícias Magazine*, 60-66.
- Andrade, P. (1995, abril 1). Foi pena!... . *Jornal de Notícias*, 68.
- André, A. C. (2017, julho 13). O museu dos fugitivos judeus e de Aristides. *Sábado*, 66-70.
- Antigo cônsul vai ser homenageado. (1987, março 19). *O Século*, 13.
- Antunes, J. (2009, novembro 28). “Tive menos coisas a que me agarrar. Estou um bocado em pânico”. *Jornal de Notícias*, 55.
- Antunes, J. (2009, novembro 28). Finalmente, Aristides de Sousa Mendes. *Jornal de Notícias*, 54.
- Antunes, J. (2012, novembro 9). “Aristides teve um ato de amor grandioso”. *Jornal de Notícias*, 42.
- Araújo, A. (2011, março 5). Judeus salvos por Aristides defendem a casa do cônsul. *Diário de Notícias*, 60.
- Aristides - O Musical. (2017, junho 16). *Evasões*, 1,4.
- Aristides de Sousa Mendes - A história de um homem de Deus. (1993, janeiro 24). *Correio da Manhã*, 34-35.
- Aristides de Sousa Mendes - Livre quer Panteão. (2019, novembro 20). *Correio da Manhã*, 28.
- Aristides de Sousa Mendes - O cônsul de Bordéus. (2012, novembro 12). *Jornal de Notícias*, 54.
- Aristides de Sousa Mendes no História. (2013, julho 9). *Diário de Notícias*, 51.
- Aristides de Sousa Mendes recebe hoje honras de Panteão Nacional. (2021, outubro 19). *Jornal de Notícias*, 14.
- Aristides de Sousa Mendes salvou a vida a Salvador Dalí. (2020, junho 19). *Correio da Manhã*, 40.
- Aristides de Sousa Mendes vai para o Panteão a 5 de outubro. (2021, julho 9). *Jornal de Notícias*, 16.
- Aristides de Sousa Mendes vai ter nome em rua de Paris. (2021, novembro 21). *Jornal de Notícias*, 29.
- Aristides exposto em Nova Iorque. (2010, julho 6). *Diário de Notícias*, 11.
- Aristides Sousa Mendes. (1995, março 25). *Diário de Notícias*, 22.
- Aristides Sousa Mendes. (2002, abril 25). *Diário de Notícias*, 19.

- Assor, M. (2005, janeiro 23). “Que o meu pai sirva de exemplo”. *Domingo Magazine*, 24-27.
- Assor, M. (2006, junho 18). António Sousa Mendes - “Penso que a causa do meu avô devia avançar com todas as fações políticas. É universal.”. *Domingo Magazine*, 38-42.
- Autarquia evoca legado de Aristides. (2014, setembro 22). *Diário de Notícias*, 11.
- B.M. (2013, maio 14). Recital lembra Aristides de Sousa Mendes. *Diário de Notícias*, 49.
- B.M. (2014, abril 10). Recital lembra Aristides de Sousa Mendes. *Diário de Notícias*, 48.
- Barroso, J. M. (2004, junho 17). Aristides de Sousa Mendes - Três dias isolado até tomar a decisão. *Diário de Notícias*, 19.
- Barroso, J. M. (2004, junho 17). O “Herói da Europa” que salvou 30 mil vidas. *Diário de Notícias*, 19.
- Bertrand, R. (2017, junho 14). O musical do cônsul-herói Aristides. *Sábado*, 39.
- Brandão, F.C. (2013, julho 16). Qual o paradeiro dos dinheiros recebidos?. *O Diabo*, 18.
- Branquinho, D. (2013, julho 2). A verdade sobre Aristides Sousa Mendes. *O Diabo*, 11-13.
- Branquinho, D. (2013, julho 16). Do direito e da resposta. *O Diabo*, 18.
- Bugalho, S. (2021, outubro 20). Aristides e a palavra que não dizemos. *Diário de Notícias*, 21.
- Cabanas de Viriato com 360 mil euros para obras. (2013, setembro 12). *Diário de Notícias*, 24.
- Cabanas de Viriato recorda o herói português do Holocausto. (1987, junho 3). *Diário Popular*, 4.
- Câmara dos Representantes homenageou Sousa Mendes. (1987, agosto 10). *O Século*, 3.
- Campos, J.L. (2004, junho 25). No encalço do “anjo” que a salvou dos nazis. *Jornal de Notícias*, 3-5.
- Cardeal evoca grandeza cívica do cônsul. (2004, junho 18). *Diário de Notícias*, 6.
- Cardoso, I. (2000, abril 3). O homem que deu vistos para a vida. *Jornal de Notícias*, 16.

- Cardoso, T. (1999, maio 17). Não podemos ignorar o “cônsul sem medo”. *Jornal de Notícias*, 31.
- Carmo, P. (2013, junho 20). Sobreviventes do Holocausto à procura de raízes em Portugal. *Diário de Notícias*, 16.
- Carrilho, S. (1994, março 9). Aristides de Sousa Mendes - O português que salvou milhares de Judeus. *Nova Gente*, 44-47.
- Carvalho, A. (1979, fevereiro 22). Um “justo” português. *A Capital*, 15.
- Carvalho, A. (1986, janeiro 28). Outro Wallenberg esquecido por nós - Cônsul Português em Bordéus Salva Milhares de Judeus. *A Capital*, 14,23.
- Carvalho, A. (1986, março 24). “Wallenberg Português” merece ser reabilitado - Família de Aristides de Sousa Mendes pede que seja feita justiça. *A Capital*, 5.
- Carvalho, A. (1989, setembro 10). Portugal: o porto de abrigo. *DN Magazine*.
- Carvalho, A. (1999, janeiro 11). Aristides Sousa Mendes vai ter fundação. *Diário de Notícias*, 21.
- Carvalho, P. (1998, novembro 17). O nosso herói de guerra. *24 Horas*, 6.
- Casa de Aristides em risco de ruir. (2010, fevereiro 5). *Diário de Notícias*, 22.
- Casa de Sousa Mendes vai ser recuperada. (2013, setembro 12). *Jornal de Notícias*, 24.
- Castanheira, J.P. (1995, março 25). Liberdade e ausências do PSD. *Expresso*, 5.
- Castanheira, J.P. (1997, novembro 22). Família de Aristides Sousa Mendes recusa indemnização de 15 mil contos. *Expresso*, 9.
- Castanheira, J.P. (2008, novembro 1). "Um mito criado por judeus". *Actual*.
- Colaço, A. (1976, maio 4). À espera da reabilitação póstuma de um português que Salazar castigou por ter salvo milhares de judeus das garras nazis. *Diário Popular*, 3,8.
- Colaço, A. (1976, outubro 25). Para quando a reabilitação do Dr. Sousa Mendes?. *Diário Popular*, 3.
- Colaço, A. (1986, fevereiro 5). Aristides de Sousa Mendes ainda não foi reabilitado. *Diário Popular*, 14.
- Comunidade judia homenageia Aristides Sousa Mendes por coragem e humanismo. (1993, junho 8). *Correio da Manhã*, 22-23.
- Condecorar Aristides. (2016, setembro 23). *Jornal de Notícias*, 52.
- Cônsul Sousa Mendes em selo. (1998, maio 15). *Diário de Notícias*, 26.

- Correia, A. (1997, novembro 24). Casa de Aristides de Sousa Mendes vai ser hotel. *Público*, 53.
- Costa, J.F. (2008, fevereiro 19). Inaugurado hoje museu virtual de Aristides. *Público*, 13.
- Cunha, B.R. (2004, julho 1). Nota de culpa de 1 de Agosto de 1940. *Diário de Notícias*, 27.
- Cunha, I. A. (1998, novembro 17). José Alain Fralon, jornalista do “Le Monde” - Aristides é o anti-Papon. *Público*, 3.
- Cunha, I. A. (1998, novembro 17). Sousa Mendes herói da Europa. *Público*, 2-3.
- Cunha, I. A. (1998, novembro 18). Evocação de dois “justos”. *Público*, 16.
- Davim, M. (2020, outubro 8). Covid atrasa Panteão. *Sábado*, 18.
- Deputados do PSD escrevem a Alain Juppé. (2012, maio 18). *Jornal de Notícias*, 26.
- Diana Andringa evoca cônsul que salvou judeus. (1993, janeiro 13). *Diário de Notícias*, 18.
- Dias, S. (2021, julho 9). Aristides vai receber honras de Panteão. *Correio da Manhã*, 35.
- Embaixador desmistifica “lenda” Sousa Mendes. (2007, abril 3). *O Diabo*, 6-7.
- Erlich, R. (1987, maio 19). O Herói Português do Holocausto. *Diário Popular*, 14-15.
- Europa presta homenagem a Aristides de Sousa Mendes. (1998, novembro 18). *Correio da Manhã*, 17.
- Evocação de Sousa Mendes em 30 cidades. (2004, junho 15). *Diário de Notícias*, 17.
- Evocada memória de Sousa Mendes - EUA homenageiam ex-cônsul português. (1988, dezembro 6). *Diário de Notícias*, 3.
- Exposição de Aristides em Peniche. (2021, abril 21). *Correio da Manhã*, 2.
- Família de Sousa Mendes recebe indemnização. (1996, julho 20). *Expresso*, 1.
- Ferreira, L. P. (2021, junho 17). Heroísmo de Aristides não foi caso único e há outros portugueses no Yad Vashem. *Diário de Notícias*, 8-9.
- Ferreira, R.S. (2013, junho 22). Aristides de Sousa Mendes - Sobreviventes do Holocausto em Lisboa. *Diário de Notícias*, 28.
- Ferreira, S. (2013, junho 21). Sobreviventes visitam casa de Aristides Sousa Mendes. *Jornal de Notícias*, 28.
- Ferreira, S. (2017, agosto 22). Povo era pobre e não podia ajudar Aristides Sousa Mendes. *Jornal de Notícias*, 10.

- Fidalgo, V. (2021, outubro 19). Panteão Nacional para o herói que desafiou o regime. *Correio da Manhã*, 38.
- Fidalgo, V. (2021, outubro 20). Homenagem - Aristides de Sousa Mendes. *Correio da Manhã*, 24-25.
- Filme sobre Aristides Sousa Mendes passa na América. (2016, março 26). *Jornal de Notícias*, 38.
- “Foi um homem bom e corajoso” - Mário Soares evoca Aristides de Sousa Mendes. (1993, junho 9). *A Capital*, 3.
- Francisco, S. (2021, julho 20). Nos 136 anos do seu nascimento, Aristides tem um busto no parlamento. *Diário de Notícias*, 9.
- Francisco, S. (2021, outubro 20). Homenagem ao diplomata - "Portugal curva-se, eternamente grato" - Aristides já está no Panteão. *Diário de Notícias*, 4-5.
- Freire, M. C. (2015, outubro 4). Buenos Aires homenageou Aristides de Sousa Mendes. *Diário de Notícias*, 12.
- Fundos “presos” por falta de avanço. (2012, janeiro 16). *Diário de Notícias*, 21.
- Gama indemniza descendentes do cônsul Sousa Mendes. (2000, março 17). *Diário de Notícias*, 56.
- Gandra, V.P. (1998, novembro 17). PE homenageia Sousa Mendes. *Jornal de Notícias*, 11.
- Gonçalves, M. A. (1993, janeiro 24). Aristides de Sousa Mendes, o Cônsul Injustiçado - Desobedecer como um direito, um dever. *Telepúblico*, 2-3.
- Gonçalves, P. (2004, março 26). Humanidade em ruína. *DNA*, 18-23.
- Governo cria programa para lembrar Holocausto. (2020, junho 19). *Jornal de Notícias*, 13
- Granada, N. (1995, março 26). Português que salvou 30 mil recordado na Estação Parque. *Correio da Manhã*, 10-11.
- Guerra, A. R. (2016, janeiro 25). Dois milhões de euros para restaurar casa. *Diário de Notícias*, 41.
- Guerra, A. R. (2016, janeiro 25). Exposição inédita é homenagem a Aristides de Sousa Mendes. *Diário de Notícias*, 41.
- Henriques, J. P. (2004, junho 3). A segunda vingança de Salazar sobre Sousa Mendes. *Público*, 13.

- Henriques, J. P. (2019, fevereiro 9). Aristides e Salazar voltam a encontrar-se em tribunal. *Diário de Notícias*, 14-15.
- Henriques, J. P. (2019, fevereiro 9). Cônsul português está a ser homenageado na sede da ONU. *Diário de Notícias*, 15.
- Hermano Ruivo (...). (2021, junho 12). *Jornal de Notícias*, 48.
- Homenagem - Panteão dá visto a Aristides de Sousa Mendes. (2021, outubro 20). *Jornal i*, 7.
- Homenagem a Sousa Mendes. (2017, abril 3). *Jornal de Notícias*, 56.
- Homenagem nos EUA a Sousa Mendes. (1987, agosto 9). *Diário de Notícias*, 1,3.
- J.P.O. (1990, junho 22). Um samaritano português. *Diário de Lisboa*, 8.
- J.R.F. (2021, julho 19). Lançada medalha que homenageia Aristides de Sousa Mendes. *Jornal de Notícias*, 26.
- Júdice, J.M. (2007, janeiro 19). O voto num justo. *Público*, 6.
- Julião, P. (2009, outubro 13). Victor Norte assume vida de Aristides de Sousa Mendes. *Diário de Notícias*, 68.
- Júnior, J.P. (2017, outubro 12). Aristides de Sousa Mendes íntimo. *Visão*, 46-53.
- “Legado de coragem e defesa da dignidade da pessoa humana”. (2020, julho 20). *Destak*, 4.
- Lembrar Aristides Sousa Mendes. (1998, novembro 16). *A Capital*, 4
- Letria, J.J. (2017, julho 26). Aristides de Sousa Mendes merece o Panteão Nacional. *Diário de Notícias*, 39.
- Letria, J.J. (2020, janeiro 25). Honrar o nome e a vida de Aristides. *Correio da Manhã*, 37.
- Letria, J.J. (2020, abril 5). 80 anos de um ato de heroísmo. *Correio da Manhã*, 40.
- Letria, J.J. (2020, junho 20). Portugal dá Panteão a Sousa Mendes. *Correio da Manhã*, 38.
- Livro francês sobre Sousa Mendes. (1998, dezembro 3). *Público*, 23.
- Magno, C. (1996, novembro 9). Salazar, o cônsul e a criada. *Revista Expresso*, 48-55.
- Maia, A. (2016, julho 4). Aristides de Sousa Mendes e a viagem do caminho da liberdade. *Diário de Notícias*, 18-19.
- Maia, E.L. (2001, dezembro 12). Salvar dez mil vidas por dia. *Nova Gente*, 100-102.
- Mangas, F. (2014, janeiro 10). “Aristides de Sousa Mendes não compete com Eusébio”. *Diário de Notícias*, 56.

- Marcelino, V. (2000, julho 15). Hotel Aristides Sousa Mendes. *Expresso*, 18.
- Marcelo diz que condecoração de Aristides Sousa Mendes é “muito especial”. (2017, abril 4). *Jornal de Notícias*, 13.
- Marcelo evoca legado “de coragem”. (2020, julho 20). *Correio da Manhã*, 27.
- Marcelo evoca legado de coragem de Aristides Sousa Mendes. (2020, julho 20). *Jornal de Notícias*, 11.
- Marques, C. (2014, abril 7). Casa de Aristides vai ser recuperada. *Jornal de Notícias*, 24.
- Marques, M. (2011, março 4). Portugal tem oito novos monumentos nacionais. *Diário de Notícias*, 54.
- Marques, M. (2011, maio 15). Falta projeto para uma candidatura. *Diário de Notícias*, 41.
- Marques, R. (2009, outubro 24). Hermano Saraiva e Aristides Mendes. *Jornal de Notícias*, 23.
- Marujo, A. (1996, dezembro 8). A casa, a miséria e o hotel. *Público*, 27.
- Marujo, M. (2015, fevereiro 25). A petição que se segue: Aristides no Panteão. *Diário de Notícias*, 13.
- Marujo, M. (2019, agosto 31). Da repressão à liberdade em 22km. *Diário de Notícias*, 8-11.
- Medalha de honra para Aristides. (2013, novembro 12). *Diário de Notícias*, 14.
- Melo, A. (1995, julho 15). Sousa Mendes revisitado por Rui Afonso - O “grito” do “cônsul de Bordéus”. *Público – suplemento Leituras*, 10.
- Melo, A. (1995, março 20). Homenagem a Sousa Mendes. *Público*, 22.
- Melo, A. (1995, março 25). O cônsul de Bordéus à espera de justiça. *Público*, 24.
- Melo, A. (1996, dezembro 8). A “desobediência moral” de Sousa Mendes. *Público*, 26-27.
- Melo, A. (1996, dezembro 8). “Homem bom”. *Público*, 27.
- Melo, A. (1998, novembro 17). Em nome da dignidade. *Público*, 4.
- Melo, A. (2000, fevereiro 29). Fundação sem dinheiro. *Público*, 19.
- Melo, A. (2000, março 10). Comissão Aristides Sousa Mendes em Carregal do Sal - Câmara contra Fundação. *Público*, 18.
- Melo, A. (2000, março 16). Aristides Sousa Mendes - 50 mil contos para fundação polémica. *Público*, 20.

- Melo, A. (2000, agosto 9). As “vidas poupadas”. *Público*, 15.
- Melo, A. (2013, julho 16). Aristides, um pequeno mito totalmente desmistificado. *O Diabo*, 18.<sup>320</sup>
- Melo, G. (1988, março 19). Cônsul Sousa Mendes reabilitado por unanimidade. *Diário de Notícias*, 2.
- Memória de Sousa Mendes preservada em Portugal. (1998, novembro 18). *Jornal de Notícias*, 15.
- Mendes, A.S., Mendes, A.S. (2013, julho 9). Comentário ao “Diabo” - Entrevista a Carlos Fernandes. *O Diabo*, 11.
- Mendes, C. (1970, abril 9). Justa Reabilitação. *O Debate*, 10.
- Ministros eram quatro. (2008, fevereiro 23). *Expresso*, 14.
- Monteiro, H. (1998, novembro 21). Aristides Sousa Mendes. *Expresso*, 14.
- Monteiro, M.C. (2010, janeiro 28). Lembrar o Holocausto. *Jornal de Notícias*, 64.
- Morna, A. (1994, maio 30). Bordéus recorda Sousa Mendes. *Diário de Notícias*, 25.
- Mucznik, E. (2007, março 1). A solidão de um “justo”. *Público*, 47.
- Museu da Resistência e Liberdade mostra Aristides. (2021, abril 21). *Jornal de Notícias*, 30.
- Museu dedicado a Aristides Sousa Mendes em 2019. (2017, abril 4). *Diário de Notícias*, 10.
- “Museu do Holocausto” em Cabanas de Viriato. (1998, novembro 16). *Correio da Manhã*, 20.
- Museu virtual evoca Sousa Mendes. (2008, fevereiro 20). *Diário de Notícias*, 50.
- Na Figueira ao fim de 12 anos. (2014, agosto 12). *Jornal de Notícias*, 42.
- Nabais, R. (2008, fevereiro 16). Aristides virtual. *Sol*, 49.
- Neto, J. (2008, fevereiro 20). Museu Virtual - Em memória de Aristides. *O Jogo*, 11.
- Ninhos, C. (2021, outubro 20). Aristides. *Diário de Notícias*, 5.
- “O Caso Sousa Mendes” - Os vistos da justiça. (1990, maio 9). *Diário de Lisboa*, 21.
- O cônsul de Bordéus já roda em Viana do Castelo. (2009, outubro 21). *Jornal de Notícias*, 44.
- O novo museu - Abre em Vilar Formoso e é uma homenagem a Sousa Mendes. (2017, agosto 24). *Sábado*, 13.

---

<sup>320</sup>Trata-se de um autor cujo nome é “Alexandre Melo” e não “António Melo”, como acontece nos seguintes artigos com as mesmas iniciais e sobrenome.

- O português que salvou milhares. (1998, novembro 18). *24 Horas*, 10.
- Oliveira, L. H. (2009, outubro 14). “O cônsul de Bordéus” roda em Viana do Castelo. *Jornal de Notícias*, 51.
- Panteão Nacional. (2021, outubro 18). *Correio da Manhã*, 22.
- Papa Francisco evoca cônsul português. (2020, junho 18). *Correio da Manhã*, 48.
- Para não esquecer o Holocausto. (2020, junho 19). *Jornal de Notícias*, 32.
- Parlamento aprova que Aristides de Sousa Mendes fique no Panteão. (2020, junho 10). *Jornal de Notícias*, 12.
- Pedroso, C. (2008, fevereiro 18). Museu virtual recupera Aristides de Sousa Mendes. *Metro*, 3.
- Petição por Aristides de Sousa Mendes. (2014, janeiro 9). *Diário de Notícias*, 38.
- Pincha, J. P. (2021, fevereiro 2). Monumento a Aristides em Alfama ainda não é assunto encerrado. *Público*, 18.
- Pinto, M. J. (2004, setembro 25). Um gesto de alerta em memória de Sousa Mendes. *Diário de Notícias*, 25.
- Pinto, M. J. (2005, dezembro 18). Casa do Passal mais perto da recuperação. *Diário de Notícias*, 34
- Pinto, P.M. (2015, junho 17). Aristides de Sousa Mendes: o sublime que há em nós. *Público*, 46.
- Pizarro, M., Santos, I. (2021, outubro 21). Celebrar Aristides de Sousa Mendes: um compromisso!. *Jornal de Notícias*, 30.
- Primeiras obras prontas no fim do ano. (2014, setembro 22). *Diário de Notícias*, 41.
- Procura por pessoas salvas do holocausto. (2012, janeiro 14). *Diário de Notícias*, 29.
- PSD faz pedido a Bordéus. (2012, maio 18). *Diário de Notícias*, 13.
- Ramalho, M.M. (2020, julho 18). Elogio da desobediência. *E / A Revista do Expresso*, 42-47.
- Raposo, L. (2009, abril 7). Um português na Alameda dos Justos. *Diário de Notícias*, 24.
- Recital solidário e de homenagem. (2013, maio 13). *Jornal de Notícias*, 51.
- Reconstruir casa de Sousa Mendes. (2004, abril 3). *Diário de Notícias*, 31.
- Recuperação da casa de Aristides de Sousa Mendes. (2014, abril 7). *Diário de Notícias*, 50.

- Ribeiro, N. (2021, outubro 20). Marcelo alerta que não há raças, etnias ou religiões superiores a outras. *Público*, 21.
- Robalo, M. (2008, fevereiro 16). O museu da memória. *Expresso*, 32.
- Rodagem de ‘Cônsul de Bordéus’ já começou. (2009, outubro 21). *Diário de Notícias*, 53.
- Rosa, C. (1989, janeiro 21). Os segredos do processo. *Sábado*, 37-41.
- RTP1 emite filme português. (2014, dezembro 7). *Jornal de Notícias*, 57.
- Salazar demitiu-o por salvar judeus e o filho exige agora desculpas de Soares. (1986, março 22). *Correio da Manhã*, 25.
- Salvador, S. (2005, maio 8). O cônsul português que desafiou Salazar. *Diário de Notícias*, 4.
- Salvou milhares de judeus na II Guerra - Aristides Sousa Mendes evocado em Lisboa. (1990, junho 22). *Diário Popular*, 6.
- Santos, V. (2020, agosto 7). Lembrar Aristides Sousa Mendes. *Correio da Manhã*, 18.
- Santos, V. (2021, julho 20). Aristides de Sousa Mendes no Panteão. *Correio da Manhã*, 22.
- Santos, V. C. (2021, outubro 21). Honrar Aristides de Sousa Mendes. *Destak*, 12.
- Santos, V. C. (2021, novembro 16). Aristides de Sousa Mendes: mais vale tarde do que nunca. *Jornal de Notícias*, 30.
- Saraiva, J.A. (2009, outubro 16). José Hermano Saraiva - “Gosto que as pessoas gostem de mim”. *Tabu*, 34-43.
- Silva, A.S. (2020, julho 19). Honrar Aristides e os outros. *Jornal de Notícias*, 10.
- Silva, A.S. (2021, junho 17). Conhecer para nunca esquecer. *Diário de Notícias*, 9.
- Siza, R. (2005, abril 6). Homenagem a Sousa Mendes em Nova Iorque. *Público*, 14.
- Smith, D. (1986, outubro 10). Diplomata português antinazi finalmente reabilitado. *O Jornal*, 40-41.
- Soares, A. (2013, junho 13). A lista de Sousa Mendes. *Visão*, 56-64.
- Solar de Aristides Mendes sem dinheiro para obras. (2006, março 28). *Jornal de Notícias*, 26.
- Soromenho-Marques, V. (2021, outubro 23). Obediente a uma lei maior. *Diário de Notícias*, 10.
- Sousa Mendes evocado por ter salvo judeus durante a 2.<sup>a</sup> Guerra Mundial. (1990, junho 22). *Correio da Manhã*, 52.

- Sousa Mendes homenageado em Estrasburgo e ONU. (1998, novembro 13). *Diário de Notícias*, 9.
- Sousa Mendes homenageado. (1994, maio 21). *Revista Expresso*, 17.
- Sousa Mendes homenageado. (1998, novembro 21). *Expresso*, 21.
- Sousa Mendes inspira livro. (1990, abril 28). *Diário de Notícias*, 25.
- Sousa Mendes vai ter museu. (1998, novembro 18). *Diário de Notícias*, 27.
- Sousa Mendes vai ter um minimuseu. (2013, junho 19). *Diário de Notícias*, 49.
- Sousa, A. (1997, novembro 1). Aristides Sousa Mendes evocado no “Le Monde”. *Diário de Notícias*, 27.
- Sousa, J.V. (2021, outubro 20). Marcelo destaca “coragem” de Aristides. *Jornal de Notícias*, 11.
- Tecedeiro, H. (2021, outubro 23). Aristides no Panteão: tão importante hoje como há 80 anos. *Diário de Notícias*, 4.
- Valdemar, A. (2004, abril 15). Sousa Mendes (1954-2004). *Diário de Notícias*, 9.
- Vida de Aristides em cinema. (2009, outubro 8). *Diário de Notícias*, 53.
- Vida de Aristides exposta em Berlim. (2010, maio 11). *Diário de Notícias*, 19.
- “Vida de Sousa Mendes orgulha Portugal” diz Soares. (1993, junho 9). *Correio da Manhã*, 40.
- Viegas, F.J. (2021, outubro 20). Resistir ao mal. *Correio da Manhã*, 25.
- Vieira, A. (2007, junho 22). Os netos de Aristides da diáspora. *P2 – Público*, 8-9.
- Vilar Formoso: um museu que é “uma lição”. (2017, agosto 27). *Jornal de Notícias*, 14.
- Vitória, A. (2020, dezembro 17). Casa do Passal conhece modelo de gestão no verão. *Jornal de Notícias*, 34.
- Vitória, A. (2020, dezembro 17). Salvou milhares e morreu na miséria. *Jornal de Notícias*, 34.
- Yativ, Y. (2004, maio 3). Em memória de um grande homem. *Diário de Notícias*, 17.